

À Sombra de Suas Asas

Wanda de Assumpção

Ela buscou o Pai a vida toda até encontrar refúgio permanente...

© 1996-2007 Wanda de Assumpção

Conteúdo

Agradecimentos	4
Introdução	5
Os Caminhos de Deus, Quem Os Entenderá?	6
1. Novos Rumos	9
2. Longe de Casa	16
3. Um Rapaz de Olhos Verdes	25
4. Doce Segredo	31
5. Até Que a Morte Nos Separe	39
6. Quando a Roseira Florescer	45
7. Rude Despertar	52
8. Aonde Quer Que Você Vá	62
9. As Duas Conspiradoras	72
10. Um Sonho Antigo	80
11. O Filho de um Velho Amigo	90
12. O Livro de Capa Preta	98
13. Lutas Íntimas	105
14. Aos Pés do Salvador	114
15. A Igreja Que Está Em Sua Casa	125
16. Eu e a Minha Casa	132

Agradecimentos

Fui tão abençoada ao longo desta tarefa pela colaboração entusiasta e preciosa de tantas pessoas, que é quase impossível agradecer adequadamente a todas. Quero, entretanto, deixar registrada aqui a minha comovida gratidão pelo encorajamento, pela ajuda prática e pelas orações de algumas pessoas, sem as quais teria sido realmente impossível sequer dar início a este trabalho.

À Clare Frist, minha "irmã" americana, que há muitos anos aventou a idéia de que esta era uma história que precisava ser contada, e que sempre me estimulou a ser a narradora — muito obrigada.

Ao Pastor Eude Martins Silva, diretor da Editora Vida, cujo entusiasmo e visão me encorajaram definitivamente a ver a arte da ficção como ferramenta válida para a transmissão de mensagens cristãs — muito obrigada.

Ao Rev. Osvaldo Ramos, paciente amigo e colega da área de tradução, que me estimulou e me deu tempo precioso para trocar idéias e discutir detalhes — muito obrigada.

Ao Dr. Paulo Fraletti, historiador entusiasta da cidade de Pereiras, que me forneceu precioso material sobre pessoas e costumes locais antigos — muito obrigada.

À Mamãe, Tia Dirce e Tia Ondina, minhas fontes primárias de informação, que tiveram a paciência de responder a todas as minhas perguntas, de tentar lembrar detalhes há muito esquecidos, de gravar horas e horas de fitas para mim, de me levar para dentro dos seus corações e de suas lembranças queridas, fazendo-me participar das experiências que foram aqui narradas — muito obrigada.

A toda a minha família imediata, cujo apoio incondicional e estímulo e paciência com as minhas andanças em busca de informação foram imprescindíveis para a paz de espírito e tempo que dediquei a este trabalho — muito obrigada.

À pessoa mais importante na minha vida, Jecel, cujo amor forte e terno tem-me sustentado ao longo de trinta e oito anos, e tem-me feito crescer como pessoa nas direções naturais e até mesmo naquelas que jamais pretendi seguir, e que tanto têm enriquecido a minha experiência e ampliado a minha vida. Obrigada, querido, pelo seu apoio, pelo seu interesse, por me levar a tantos lugares em que fui buscar informação, sempre alegre e com boa vontade.

E finalmente, tenho de registrar aqui minha eterna gratidão ao meu Deus, cujas mãos fortes e amorosas têm-me guiado desde a mais tenra infância, por ter tomado os meus sonhos mais queridos e dado a eles uma amplitude que eu jamais poderia imaginar. A Ele, pois, seja toda a honra e a glória, por Suas inigualáveis misericórdias e paciente cuidado na vida dos Seus filhos impacientes e imediatistas. Obrigada, Senhor.

Introdução

A vida de cada filho ou filha de Deus é em si um maravilhoso recontar da história da redenção. É o nosso Deus em ação nas diversas esferas do mundo físico, mental, emocional e espiritual, bem como em todas as partes da Terra.

Cada indivíduo que se volta para Deus, e passa a fazer parte de Sua família, acrescenta um ponto singular à tapeçaria que Ele vem entretecendo através das eras. A nós, os seres humanos que vivemos no lado de cá da eternidade, e que apenas podemos ver o lado avesso desse lindo bordado, são permitidos alguns vislumbres da incrível beleza do outro lado quando vemos a mão de Deus agindo claramente na vida de alguém.

São esses vislumbres que sustentam a nossa fé quando tudo ao nosso redor parece contradizer a presença soberana de Deus em eventos para nós incompreensíveis. São eles que nos permitem ver, como Moisés, "Aquele que é invisível" atuando de forma a vencer o mal que impera neste mundo, transformando-o em bênçãos para aqueles que O amam.

É por isso que há muito me fascinam as vidas de alguns crentes da era atual, cujas histórias poderiam figurar ao lado das de muitos personagens bíblicos. Vejo a mão de Deus guiando, consolando, disciplinando, operando milagres, afagando e muitas vezes carregando no colo Seus filhos e filhas através das mais diversas e incríveis circunstâncias. Por isso, desejo contar aqui uma delas, pois sei que pode inspirar outros crentes como tem-me inspirado desde a primeira vez em que a ouvi, ainda menina.

Esta é a história verídica de como a mão de Deus alcançou uma família. Ouço a história que estou narrando aqui desde a infância, repetida por diversas pessoas que nela ocuparam diferentes papéis. Lógico que tive de usar a imaginação para preencher muitas das lacunas deixadas por lapsos de memória das minhas "fontes", mas somente pude fazer isso depois de ter-me envolvido tanto com o assunto que quase poderia afirmar ter vivido junto com os meus personagens. Foi constrangedor dar meu próprio nome à personagem central, mas como é o nome de uma pessoa real, não pude evitá-lo.

Alguns eventos foram imaginados, outros ligeiramente bordados e enfeitados com diálogos para dar mais interesse à narrativa. O fio da história, porém, permanece claro e distinto. É o fio escarlate da redenção atravessando as barreiras erguidas contra a disseminação da Palavra de Deus aqui no Brasil, e como ele se entreteceu nas vidas das pessoas que aceitaram a Jesus Cristo como seu Salvador pessoal e Senhor.

É aqui que começa a nossa tradição evangélica brasileira, da qual a minha é a quarta geração. Estamos no começo, mas já colhemos as bênçãos conquistadas para nós pela fidelidade daqueles pioneiros na fé que plantaram as sementes e nutriram as raízes da igreja evangélica nacional.

Os Caminhos de Deus, Quem Os Entenderá?

Os sons de pés meio arrastados, vozes abafadas, uma risadinha nervosa aqui, um psiu mais alto ali se aproximavam lenta mas inexoravelmente pela rua mal iluminada. A escuridão da noite abafada desabara sobre a casa e pesava sobre as pessoas reunidas na sala. Era o último dia de 1927.

A mesinha disposta entre a porta de entrada e a grande janela que dava para a varanda servia de apoio a um livro de capa preta. Ao lado dela, em pé, ereto, um senhor de cabelos ondulados e farto bigode corria os olhos pelo aposento como que alheio ao ruído surdo de passos no lado de fora.

Sentado ali perto, um homem moreno, os cabelos muito lisos penteados para trás, procurou com os olhos a face da esposa, que se encontrava do outro lado da sala, mas olhava pela janela aberta por onde entrava o barulho da rua. De repente, ela fitou o marido, uma expressão perplexa e magoada no olhar. Ele quase podia ler-lhe os pensamentos: "Por que? Por que, Augusto? São os nossos amigos aí fora!"

Wanda, a senhora ainda jovem, de expressivos olhos castanhos, a custo mantinha-se sentada agora que as vozes eram quase inteligíveis. Reconhecia o som de vozes infantis. Provavelmente alguns dos seus alunos estariam no meio do grupo...talvez os pais...talvez até professoras. Como saber?

Com um sobressalto, ela viu o pregador apanhar o livro da mesinha e dirigir-se à janela por onde entrava o barulho. Um ajuntamento amorfo de crianças e adultos chegara à frente da casa e permanecia ali, hesitante, sem saber o que fazer.

A voz sonora, levemente anasalada do pregador ressoou pelo aposento de modo a ser claramente ouvida no lado de fora. "Vamos ler agora a Palavra de Deus." As mãos seguravam com firmeza o livro; não tremiam. A expressão serena que ele trazia no rosto e o tom tranquilo com que começou a ler foram como um bálsamo suave derramado sobre os ouvintes atentos, e agora meio apavorados.

Aos poucos, fez-se grande silêncio na rua.

"Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todos os dias; fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Pois estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor."

O pregador fechou o livro, e fitando as pessoas que o ouviam, falou:

-- É esse Jesus, o Filho unigênito de Deus, que vocês escolheram seguir. Ele já nos avisou que, por causa Dele, enfrentaremos muitas dificuldades, que já estão começando. Por isso o que

está acontecendo não é inesperado. Mas Ele disse também que não devemos desanimar, pois Ele venceu o mundo. E sabemos que nada, nada neste mundo pode nos separar do amor de Deus que temos em Seu Filho.

Dificuldades, sim. Mas nada que o fato de eu ter finalmente encontrado meu Pai não compense. Já não sou mais órfã, pensou Wanda, sentindo-se inundada por um senso de segurança e paz.

O pregador voltou-se agora, e fitando a jovem senhora diretamente, falou:

-- Temos hoje três pessoas que desejam declarar publicamente que Jesus é o seu Salvador e seu Senhor. São três gerações de mulheres de fé: Dona Mila, Dona Wanda e Dirce.

A um sinal, levantaram-se três mulheres: Maria Emília, os cabelos já prateados, o rosto sulcado por rugas, a expressão séria; Wanda, a pesada cabeleira castanho-acobreada na qual reluziam uns poucos fios brancos, o semblante tranqüilo, os olhos brilhantes; Dirce, mocinha de cabelos ondulados e grandes olhos castanho-esverdeados, muito emocionada ao lado da mãe e da avó. As três se colocaram diante do pregador e, respondendo às suas perguntas, afirmaram crer em Deus, em Jesus como seu Salvador e Senhor e no Espírito Santo de Deus, que habitava agora em seus corações. Enquanto curvava a cabeça e fechava os olhos para a oração final, Wanda elevou fervorosamente ao trono de Deus todos os presentes, pedindo que Deus lhes desse forças para viver sua fé ali, na pequena cidade de Pereiras.

Quando cessaram as palavras da oração, ouviu-se o som de uma pedra caindo sobre a calçada, solta pela mão que a segurava; depois outra, e mais outra. Não haveria o gesto agressivo que era esperado naquela noite. O pequeno monte que ficou para trás quando as pessoas se dispersaram era um monumento da ineficácia da estratégia paroquial para evitar que o movimento evangelístico se espalhasse. Logo voltou a reinar silêncio absoluto na rua. Uma poderosa prece de gratidão e louvor elevou-se dos corações presentes rumo aos céus. Com fervor especial, do coração de Wanda.

Pai, como Te sou grata pelo Teu obstinado amor, que não me abandonou durante todos estes anos em que Te procurei sem Te conhecer, em que fiz tantas coisas pensando Te agradar e merecer o Teu amor. Obrigada, querido Pai, porque agora sei que tu me amas e me deste a salvação em Teu Filho Jesus. Em nome Dele é que tudo Te agradeço. Amém.

Wanda endireitou-se, o rosto iluminado por intensa alegria que a lembrança da cena da calçada não apagou. A voz era jovial quando dirigiu-se a todos os presentes:

-- Vamos passar à sala de jantar. A Zefa preparou alguns quitutes para celebrarmos esta noite.

Os convidados emitiram sons de apreciação. Estavam bem familiarizados com os dotes culinários de Nhá Zefa. Dirce e Lurdinha já estavam lá, arranjando grandes jarras de limonada e frescos de groselha sobre a mesa, dispondo-se a servir os amigos.

Ao passar à outra sala, ela olhou ao seu redor, o coração vibrando. Não estava sozinha. Que privilégio! Ali estavam o marido, o sogro que era um pai para ela, a mãe, alguns amigos, as filhas.

As palavras que lera logo antes do jantar vieram-lhe à mente com tanta clareza como se alguém as estivesse repetindo audivelmente:

"A minha alma encontra descanso somente em Deus; dele vem a minha salvação. Só ele é a minha rocha e salvação; ele é a minha defesa, jamais serei abalado."

Wanda sabia que sua caminhada, começada tantos anos antes, a trouxera àquele exato momento. E nada, nem mesmo a hostilidade de pessoas a quem queria bem, a faria retroceder ou abandonar a fé que abraçara. Um novo dia raiara em sua vida, e, embora ninguém pudesse prever o que ele traria, ela estava certa de que aquele era o dia do Senhor.

Com animada determinação, ela começou a servir os convidados.

CAPÍTULO 1

NOVOS RUMOS

Leves clarões de luz rosa-violácea começavam a se esboçar no horizonte. A brisa que entrava pelo janelão aberto agitou de leve as cobertas das camas, provocando em suas ocupantes delicioso arrepio do único frescor que aquele dia de verão traria. O farfalhar das folhas da laranjeira que ficava ao lado da janela ajudava a embalar o sono leve que precede a hora do despertar.

A mocinha adormecida numa das camas agitou-se, puxou o lençol até o queixo e virou para o outro lado.

Na distância, o canto vigoroso de um galo saudou o novo dia.

Num movimento brusco, a mocinha voltou à posição anterior, os olhos bem abertos. Os raios dourados do sol nascente expulsavam pouco a pouco as sombras da noite, e ela pôde ver os contornos familiares dos objetos que mobiliavam o quarto onde até então havia dormido toda a infância e começo da adolescência.

Retornou a sensação a um tempo doce e pungente que lhe fizera companhia naqueles últimos dias. Hoje iria deixar o seu cantinho, o seu santuário, onde passara horas sem fim lendo e sonhando, adormecida e acordada.

Foi a idéia da partida que a levou a despertar de todo, a mente já disparando em pensamentos conflitantes. Nem que se esforçasse conseguiria continuar de olhos fechados.

Sentou-se rápida, atirando de lado as cobertas, os olhos se detendo na irmã deitada na outra cama, dormindo um sono tranqüilo que nem o frescor da madrugada perturbava.

Levantando-se, a mocinha enfiou automaticamente os pés nos chinelos que estavam sobre o tapete de crochê branco ao lado da cama e dirigiu-se ao lavatório. A longa camisola de cambraia e rendas delineava um corpo esbelto mas de formas já pronunciadamente arredondadas.

A farta cabeleira castanha que lhe caía pelas costas até abaixo da cintura era entremeada de fios acobreados que, especialmente no verão, captavam a luminosidade do sol e lhe davam um ar mais saudável e alegre.

Fitando o espelho do lavatório, a mocinha se deparou com um rosto sério, olhos castanho-dourados que lhe devolviam o olhar, nariz fino e levemente arrebicado, lábios carnudos que formavam uma boca quase em coração destacando-se num rosto oval no tom pálido do marfim.

-- Hum, hum. Você é muito séria, Wanda. Vai acabar ficando toda enrugada -- disse ela à imagem do espelho.

Lá na cama, a irmã se remexeu e resmungou qualquer coisa.

Com muito cuidado, segurando com as duas mãos a jarra de porcelana branca, Wanda despejou água na bacia que era parte do jogo de toucador, presente de Vovó Miquelina quando completara doze anos.

Lavou o rosto, borrifando-o repetidas vezes com a água fresca, e depois enxugou-o na toalha de linho pendurada no gancho ao lado do lavatório.

Cuidaria dos cabelos depois que se vestisse.

As roupas de viagem, que a mãe mandara fazer especialmente para a ocasião, já estavam prontas sobre a banquetta forrada de veludo verde que ela denominava "meu trono": uma blusa branca, de cambraia de linho, a gola alta arrematada por um babado estreito, abotoada nas costas e nos punhos das mangas compridas por botõezinhos redondos de madrepérola. A saia tinha algumas pregas presas no quadril, e como a fazenda de sarja azul era pesada, caía muito bem. Acompanhava-a um casaquinho curto, de lapelas arredondadas, e fechado por botões recobertos da mesma fazenda. O corpete, de algodão alvo e macio, era enfeitado com rendas, nervuras e fitilhos de cetim. Botinhas de cano alto e meias de fio escócia completavam a toailete de viagem. Escolhera as roupas com cuidado. Queria sentir-se bonita por dentro e por fora. Afinal, estava indo para Itapetininga, uma cidade grande e importante da região. E seria uma normalista.

Era o mês de fevereiro e o verão estava bem forte aquele ano. Os temporais que caíam quase todos os dias para refrescar um pouco o ar e encharcar as plantas, deixando tudo muito verde, não traziam grande alívio, pois a elevada umidade do ar era o maior fator de desconforto.

Por isso é que precisavam pôr-se a caminho bem cedo, a fim de chegar ao final da viagem antes que o calor do dia se tornasse insuportável.

Recostando-se contra o lavatório, ela correu os olhos pelo quarto. Por uns tempos ele seria só da irmã, Gilda, já cheia de planos sobre como iria arrumá-lo depois que ela se fosse. Nem bem morta, já esfolada! Mas não era isso o que a incomodava. Ela havia crescido naquele quarto, e era o seu cantinho favorito. Ali estava a estante com os seus livros, o grande guarda-roupa de três corpos (Gilda bem que iria gostar de ter mais espaço para as suas roupas!), o lavatório, com o tampo de mármore cinzento e o espelho triplo de vidro bisotado - presente especial do pai no seu décimo aniversário. O criado mudo que separava as duas camas era alto, e sobre uma toalhinha de crochê ficava um castiçal com a vela usada para iluminar o quarto à noite na hora de deitar. A escrivainha, que era só dela e ficava sob a janela lateral do quarto, era velha e enorme, mas ela a achava linda. Tinha sido do pai e era de tom avermelhado, bem envernizada, sempre reluzindo, pois sua dona a espanava diariamente quando se sentava para estudar.

O assoalho de tábuas largas era muito claro, branquinho mesmo, pois era lavado toda semana, às vezes com soda cáustica. Dois tapetinhos de crochê de barbante ficavam ao lado de cada uma das camas. Duas janelonas, daquelas bem altas, com folhas de vidro e folhas de madeira, deixavam entrar bastante luz de fora, o que tornava o aposento bem claro — como naquele momento.

Veio-lhe à lembrança a conversa que ainda na véspera tivera com os pais. Papai, especialmente, sempre tão pronto em fazer-lhe as vontades, fora inflexível em sua decisão.

— Papai, tenho mesmo de ir para Itapetininga? — havia perguntado ela pela última vez. Sentia-se triste, prestes a irromper em lágrimas. O queixo tremia e ela, sentada na ponta da pequena poltrona vermelha de vime, fitava com os grandes olhos castanhos o homem alto à sua frente.

— Minha filha, pensei que já estava tudo resolvido. Você concordou comigo e com sua mãe. Por que está querendo mudar de idéia? — O pai parecia perplexo, a testa franzida, a mão alisando o queixo.

A saleta onde se encontravam era clara e arejada. A luz entrava por altas janelas escancaradas naquele momento. Era cedo ainda naquela luminosa manhã de fevereiro e o calor do dia só começaria um pouco mais tarde. O perfume do roseiral que ficava logo à frente da casa penetrava o aposento, embalado pelo trinar de alguns pássaros de bem com a vida.

A beleza do ambiente externo não parecia influir no ambiente triste e carregado que reinava dentro da sala. Os dois semblantes refletiam tristeza, provocada pelo embate de dois entes que tanto se queriam, mas também a determinação de pessoas voluntariosas.

À pergunta do pai, Wanda pensou um pouco antes de responder:

— O senhor sabe quanto quero ser professora, Papai. Por isso concordei antes. Mas agora que chegou a hora de ir, estou na dúvida. Vai ser muito difícil ficar longe de casa, longe do senhor e de Mamãe. Será que eu não podia fazer o que o senhor e Mamãe fizeram, e ser professora de palácio?

O pai, muito bom professor, respondeu com outra pergunta, deixando que ela mesma desse a resposta que ele queria:

— Minha filha, você sabe que não a estamos mandando estudar fora porque queremos, mas porque as coisas mudaram. No nosso tempo era possível estudar por conta própria e depois ser licenciado no palácio do governador em São Paulo. Agora, sem o Curso Normal você não poderá ingressar no magistério. E isso é bom. Queremos que todos os nossos professores sejam bem preparados. É o futuro do Brasil que está em jogo. Pensando em tudo isso, acha que é muito grande o sacrifício de morar longe de casa uns tempos?

Como sempre, Papai venciu os argumentos pela lógica das suas colocações. O que seriam três anos longe de casa se pensasse em todos os benefícios que a educação formal lhe traria?

Depois, haveria muitas outras recompensas — conheceria outras pessoas, viveria numa cidade maior, estaria estudando... Iria, sim. Iria e aproveitaria ao máximo aquela oportunidade.

Wanda ergueu-se resoluta, foi até o pai e abraçou-o com carinho:

— Obrigada, Papai. Como sempre o senhor tem razão. Sei que vou ficar bem. Além do mais, estarei morando com Vovó Miquelina, e estudando junto com as tias. Não podia ser melhor, podia?

A decisão lhe trouxe uma sensação de alívio que ela não conseguia explicar. De repente, tudo o que antes parecia triste e difícil adquiriu os contornos de aventura. E a mocinha passou a antecipar a nova experiência por outra perspectiva.

O cheiro de café coando e o barulho de louças e talheres vindo da copa chamaram-na à realidade do relógio e dos planos para aquele dia. Wanda percebeu que estava diferente nessa manhã. Algo dentro de si parecia ter sido liberado, e ela se sentia como que prestes a alçar vôo, livre como um passarinho nos ares. A nostalgia incipiente cedeu lugar a um alvoroço íntimo que lhe trouxe um tom rosado às faces pálidas.

Vestiu-se depressa, em silêncio. Haveria tempo mais tarde para despedir-se da irmã.

Entretanto, não se surpreendeu muito quando ouviu a voz queixosa vinda da outra cama.

— Ahhh, será que você precisava levantar tão cedo hoje? Nem as galinhas estão de pé ainda.

— Cedo? Que cedo é esse? Já está quase na hora de eu ir embora. Você não quer se despedir de mim?

Apanhando as botinhas de pelica que usaria aquele dia, Wanda foi sentar-se na beira da cama da irmã para calçá-las. Gilda afastou-se para o canto a fim de ceder-lhe lugar.

As duas irmãs eram bem parecidas, embora Gilda, alguns anos mais nova, tivesse os olhos mais fundos, o que lhe dava um ar meio irrequieto. Seus cabelos, castanhos bem escuros, estavam presos em grossa trança, agora quase desfeita.

— Quer ajuda com alguma coisa? — perguntou ela ainda bocejando, percebendo que a irmã já estava quase pronta.

— Não, mana. Pode dormir mais um pouco. Sei que é cedo ainda, mas não consegui ficar na cama!

— Credo, até parece que você está indo para uma festa! Você vai ver que festa vai ser morar com a Vó Miquelina!

— Ah, Gilda, eu me dou bem com a Vovó. Não se preocupe.

Mas Gilda continuava a fitá-la com aqueles olhos inquietos. Parecia meio angustiada. Seria a primeira vez que as duas irmãs se separariam. Wanda, que tão bem a conhecia, tratou de animá-la.

— Ora, Gilda, pense que sorte a sua. Agora vai poder ser a filha única enquanto eu estiver fora. E só enquanto isso, está ouvindo?

— Ah, é! Até parece! Quem é a queridinha de Papai, faça o favor de dizer?

— Você, ué! Se fosse eu, ele me mandaria estudar em Itapetininga?

As duas irmãs se entreolharam por um instante, depois caíram na risada. Embora fossem muito amigas, havia um que de rivalidade entre as duas, pois Wanda era estudiosa, tirava notas boas, amava os livros, e isso lhe dava afinidade especial com os pais, que eram professores. Gilda era muito esperta e trabalhadeira, mas meio avessa aos livros e aos estudos. Ia passando de ano na escola que os pais haviam fundado, mas às custas de muitos cutucões e pitos. Por isso ela sempre dizia que Wanda era a filha favorita, embora ambas soubessem que não era verdade. Apenas havia entre ela e os pais mais afinidade de interesses.

Gilda se deixou ficar mais uns instantes sentada na cama, olhando a irmã. Enfim, comentou:

— Você está mesmo elegante, mana. Vai ser um sucesso em Itapê.

Como ela era perceptiva! Wanda se *sentia* elegante, uma sensação que combinava com o seu estado de espírito daquela manhã.

— Obrigada, Gilda.

A onda de nostalgia que lhe inundou o coração tomou-a de surpresa. Como iria sentir falta da casa, da convivência com os irmãos, com os pais, especialmente seu Paulino, que era o seu tutor, seu conselheiro, seu confessor. Ele sempre acolhia as dúvidas, as perguntas, o questionamento da filha com paciência e respeito. Jamais havia feito com que se sentisse boba por perguntar alguma coisa. E como ela gostava de perguntar. Não engolia nada encapado. O pai dizia que ela tinha uma cabeça inquisitiva, e, pela maneira como o dizia, não era algo de que ela devesse se envergonhar. É, sentiria muita falta dele, de todos, da casa...

Uma batidinha na porta veio interromper-lhe os pensamentos, e logo ouviu a voz da mãe perguntando baixinho:

— Wanda, está pronta?

Abriu a porta e lá estava dona Mila, trazendo nas mãos uma bandeja pequenina, com duas xícaras de café escuro e cheiroso. Uma toalhinha rendada de crochê cobria a bandeja e entre as delicadas xícaras de porcelana inglesa encontrava-se um botão de rosa cor-de-ouro, a favorita de Wanda. A mocinha tomou a flor em cujas pétalas brilhavam ainda gotinhas de orvalho e tocou com ela o rosto da mãe, dizendo com voz emocionada:

— Obrigada, Mamãe. Que lembrança mais gentil!

— De nada, minha filha.

Gilda sentou-se na cama, erguendo o travesseiro contra a cabeceira da cama às suas costas, enquanto Wanda lhe entregava uma xícara de café.

Aquele pequeno ritual seria uma das coisas que iriam fazer muita falta, pensou Wanda com um aperto no coração. A mãe, sempre um tanto arredia quando se tratava de expressões de carinho, era contudo mestra em demonstrar seu amor e seu cuidado pela família de mil maneiras práticas, como a daquela manhã. Ela fez a filha sentir-se especial e honrada.

Enquanto as filhas tomavam o café, ela deixou-se ficar ali, postada no meio do quarto, os olhos inescrutáveis examinando com atenção os sinais da mudança que iria ocorrer ali com a partida da filha mais velha. Em nenhum momento deixou transparecer o que lhe ia no íntimo.

Assim era dona Mila — uma mulher generosa, trabalhadeira, mas pouco afeita a demonstrações abertas de afeto e carinho. O gesto de levar à filha um botão de sua flor favorita tinha, por isso mesmo, um significado todo especial.

Wanda entendeu. E sentiu-se comovida.

Já o pai, seu Paulino, era um homem expansivo, afetuoso, embora severo disciplinador. Era coronel da polícia, e embora exercesse agora o magistério, não perdera de todo a pose marcial. Raras vezes, contudo, os filhos chegavam a experimentar esse lado mais severo do pai. E Wanda, nunca. Os dois tinham enorme afinidade. Embora ela amasse muito a mãe, era definitivamente mais apegada ao pai, que até a mimava um pouco. O relacionamento que mantinham vinha se alicerçando através das longas conversas que travavam ao fazer passeios a pé ou a cavalo pelas redondezas da chácara onde morava toda a família, na cidade de Sarapuí, interior do estado de São Paulo. Seria ele que hoje a levaria à nova vida de normalista em Itapetininga.

Seu Paulino e dona Mila eram professores "de palácio". Havia muitos como eles que eram preparados por professores particulares, prestando depois concurso e sendo nomeados no palácio do governo em São Paulo. Agora, com a abertura da Escola Normal de Itapetininga, faziam questão que os filhos estudassem e recebessem um diploma. Alcides, o filho mais velho, já se formara e lecionava. Orville se formara no fim do ano anterior e logo estaria trabalhando também.

Agora era a vez de Wanda, para quem ser professora era a realização de um sonho antigo. Desde que começara a freqüentar a escola que os pais haviam fundado em Sarapuí, pertinho da chácara onde moravam, ela sonhava com o dia em que teria sua própria classe. Já praticava a arte de ensinar com coleguinhas que tinham dificuldade em aprender, com a plena aprovação e encorajamento dos pais.

Mesmo na época de férias, ela gostava de brincar de escolinha. Suas "vítimas" eram alguns primos que vinham passar as férias em sua casa e outras crianças da vizinhança. Diziam que algumas haviam começado a aprender com ela as primeiras letras.

— Wanda, seu pai já está pronto, esperando você. É melhor se apressar.

Ela bebeu rapidamente o último gole de café e saiu do quarto com a mãe, a caminho da copa onde a mesa estava posta. Do pai, nem sinal. Sentando-se à mesa, Wanda deixou escapar:

— Mamãe, fico pensando se não vou atrapalhar a Vovó Miquelina, indo morar com ela.

— Não, minha filha, pode ficar descansada. Vamos pagar a sua pensão, como já fizemos com os meninos. Foi um trato que fizemos com Mamãe, pois ela depende disso para se sustentar desde que Papai faleceu. Para ela vai ser muito bom ter você lá. Como só agora Albertina, Sofia e Philomena estão podendo estudar, você vai lhes fazer companhia. E será melhor para todas.

— É esquisito pensar que serei colega das minhas próprias tias, mas vai ser bom conhecer alguém na escola.

Dona Mila voltou-se para fitar a mocinha com aquele seu olhar penetrante, e então falou em tom quase carinhoso.

— Não se preocupe, minha filha. Sei que gostará tanto de estudar que nem vai mais querer voltar para casa.

— Ah, Mamãe, isso não!

Vencendo a própria timidez em relação à mãe, Wanda abraçou-a apertado. Dona Mila, meio sem graça, retribuiu o abraço por breves instantes antes de desconversar para disfarçar o acanhamento que sentia, dizendo com mais vivacidade do que o momento requeria:

— Muito bem, "fessora". Vamos tratar de tomar café que seu pai já está esperando. A Serafina preparou o virado e os cavalos estão prontos. Não quero que saiam daqui muito tarde. O sol hoje vai estar de rachar.

E estava mesmo. Também, era fevereiro e o verão ainda ia a meio. As aulas começariam dia 15, mas Wanda chegaria uma semana antes a fim de arrumar suas coisas e providenciar os livros e cadernos que fossem necessários. Para isso levava um dinheiro separado na bolsinha presa ao cinto da saia. O chapéu de palha clara, amarrado sob o queixo com uma echarpe de seda, lhe protegeria o rosto do sol causticante.

Só a mãe e Serafina, uma preta rechonchuda e simpática que trabalhava para a família, estavam no passeio da frente para a despedida. O pai, um senhor alto e esbelto, rosto de traços bem feitos, de fartos cabelos e bigode escuros, já esperava com os dois cavalos arreados.

— Papai, me dê mais uns minutinhos para me despedir de Gilda — pediu Wanda.

Ela voltou correndo para dentro da casa, já que a irmã não se dignara a aparecer. Encontrou-a ainda sentada na cama, as mãos alisando os cabelos e refazendo a trança desfeita, uma expressão pensativa no rosto. Wanda sentou-se ao seu lado na cama e a abraçou com força.

— Gilda, vou sentir muita falta de você.

— E eu de você, mana.

Elas se abraçaram mais uma vez, e Wanda levantou-se para sair.

— Veja se arruma um namorado bem simpático por lá — sugeriu Gilda com uma risadinha. — Acho que estou gostando da idéia de ser filha única.

Sacudindo um dedo para ela com zanga fingida, a irmã saiu correndo ao encontro do pai.

CAPÍTULO 2

LONGE DE CASA

Assim que Wanda chegou à frente da casa, seu Paulino estendeu a mão para ajudá-la a montar. Agilmente, ela apoiou o pé esquerdo no estribo de prata e ergueu o corpo ao cilhão, uma sela que lhe permitia sentar-se de lado sobre o cavalo. Depois de acomodada, ela enlaçou com a perna direita o apoio que se projetava lateralmente, ajeitando a saia rodada de modo que apenas a pontinha da bota aparecesse. Puxando um pouco mais o chapéu sobre o rosto, protegeu os olhos da luminosidade do sol.

O pai montou em seguida, e, despedindo-se das duas mulheres que estavam no alpendre, os cavaleiros puseram-se a caminho.

Quantas vezes haviam cavalgado juntos, fazendo passeios pelas redondezas! Com tanta prática, Wanda se tornara exímia amazona. Adorava cavalgar com o pai, e a viagem de hoje não seria exceção. Sua égua baia era dócil mas ligeira, e a mocinha a controlava bem.

Atravessaram a cidade ainda sonolenta antes que começasse o movimento nas ruas. Apenas os latidos de alguns cães anunciavam a sua passagem. O ar matinal era revigorante. O silêncio da estrada era quebrado pelo trote cadenciado dos cavalos, pelos trinados de pássaros animados voando para cá e para lá, pelo zumbido de cigarras. A conversa entre os cavaleiros era amistosa, intercalada por períodos de silêncio confortável, daqueles que não requerem ser quebrados a não ser por algo que valha a pena dizer.

Depois de quase duas horas de viagem, seu Paulino apertou os flancos do cavalo, que se apressou, chegando a empreender ligeiro galope por quase cem metros, alcançando um bosque agradável ao lado da estrada. Desmontando, ele prendeu as rédeas a um galho baixo e voltou-se para ajudar a filha a apear.

Um riacho murmurante corria ali perto, e os cavalos foram levados até lá para se dessedentar, o que fizeram com avidez. Seu Paulino os amarrou novamente ao galho da árvore enquanto Wanda estendia uma toalha sobre a grama e servia o farnel que a Serafina havia preparado. Não estavam com muita fome, mas aquele piquenique fazia parte da tradição da viagem.

Wanda foi até o riacho e mergulhou nas águas frescas uma toalhinha que então usou para refrescar o rosto e as mãos. O pai simplesmente molhou o rosto e depois o enxugou com um grande lenço que puxou do bolso. Sentando-se recostados contra o tronco escuro e rugoso de uma frondosa árvore, eles comeram enquanto seu Paulino falava do sonho que tinha de ampliar a escola que ele e a esposa haviam fundado. Se os filhos, ao se formarem, voltassem para lecionar em Sarapuú, a escola poderia transformar-se em grupo escolar, servindo toda a municipalidade. Poderiam ampliar os cursos noturnos para alfabetização de adultos.

A filha o ouvia absorta, mastigando devagar os pedaços de frango, comentando, fazendo perguntas, participando daquele sonho.

Ao terminarem a refeição, satisfeitos e revigorados pelo frescor da sombra, puseram-se de novo a caminho, pois ainda tinham mais da metade da viagem pela frente.

Mesmo protegida pelo chapéu, Wanda chegou à casa da avó muito corada, sentindo o suor escorrer pelo couro cabeludo e molhar a gola da blusa.

Dona Miquelina, uma senhora corpulenta, os cabelos grisalhos presos num birrote à nuca, trazendo um avental muito branco sobre o vestido escuro, recebeu-os à porta da frente, que dava para a rua.

Depois do intenso fulgor do sol, o interior da casa parecia escuro e frio. Wanda sentiu um leve arrepio e hesitou no pequeno saguão de entrada, mas o pai tomou-lhe o braço e a empurrou rumo à avó.

— Sua bênção, Vovó — falou a mocinha tomando a mão da senhora e beijando-a.

— Deus te abençoe, minha filha. — A senhora puxou a mocinha contra si e a abraçou. Wanda, aliviada, retribuiu o abraço.

— Vamos entrando, vamos entrando! Seu quarto já está pronto. Suas coisas chegaram ontem e a cama já está estendida. — Voltando-se para o genro, ela o cumprimentou e perguntou: — Paulino, quer ver o quarto dela?

Seu Paulino assentiu e os dois recém-chegados acompanharam dona Miquelina, que ia falando e gesticulando enquanto caminhavam pelo longo corredor, mais claro agora que os olhos dos viajantes se haviam acostumado à penumbra.

— Mila mandou coisas demais. Não precisava tanto. Dois jogos de cama já bastavam. Agora, foi bom ela ter mandado o acolchoado grosso. Aqui faz uma friagem no inverno....

O "enxoval", arrumado dentro de dois malões, havia vindo de carroça uns dias antes. Nhô Bento, o carroceiro, fora incumbido do transporte.

Os dois malões haviam sido espanados e colocados num canto do quarto, à espera de que Wanda chegasse e dispusesse do seu conteúdo.

O quarto ficava nos fundos da casa e dava para o pomar. Apesar dos esforços da avó em arrumá-lo, era bem simples em comparação com o que deixara em casa. Tinha assoalho claro mas meio manchado, e algumas tábuas estavam lascadas. A cama de ferro preto ficava encostada contra uma parede, e os pelotes do colchão formavam aqui e ali montinhos por baixo da colcha branca.

A mesa, que ficava à frente da janela, era uma concessão especial de dona Miquelina, pois sabia que a neta gostava de estudar sozinha em seu quarto. Seus outros pensionistas usavam a grande mesa da sala de jantar para as lições.

Um criado-mudo ao lado da cama, um guarda-roupas de madeira escura e um lavatório com tampo de mármore completavam o mobiliário. Apesar da evidente limpeza de tudo, pairava no ar um leve cheiro de mofo que fez Wanda espirrar.

— Aaaatchiiim!

— Saúde! — exclamou dona Miquelina. — Já faz dias que estamos arejando este quarto, que ficou fechado muito tempo, mas acho que ainda ficou um cheirinho de mofo.

— Não se incomode, Vovó. Está tudo ótimo.

Seu Paulino e a sogra deixaram Wanda no quarto e se dirigiram à sala de estar.

— Venha tomar um fresco quando estiver pronta, Wanda — falou Dona Miquelina por cima do ombro.

-- Obrigada, Vovó. Não me demorarei.

Não se incomode, Vovó. Obrigada, Vovó. Wanda ficou a ouvir o eco de sua própria voz, notando o tom pouco à vontade. Com um profundo suspiro, resolveu lavar o rosto e as mãos para tirar os vestígios mais óbvios da viagem. Tirou o chapéu e o atirou sobre a cama. Despejou a água fresca na bacia de porcelana e abaixou pressurosamente sobre ela o rosto ardente e empoeirado.

Dona Miquelina levou o genro à sala de estar. Não era sempre que aquela ocupada senhora se permitia sentar durante o dia, mas a visita do genro merecia concessões especiais.

Enquanto conversavam, Tonica, a ajudante da cozinha, serviu uma limonada fresca, que foi recebida com entusiasmo pelo encalorado viajante.

Lá no quarto, sozinha, Wanda experimentava um senso de abandono, de desolação tão forte que por pouco não saiu correndo atrás do pai, pedindo-lhe que a levasse de volta. Sentou-se encolhida nos pés da cama, sentindo um pelote do colchão apesar da saia volumosa. Levantou-se, ergueu as cobertas e deparou-se com um colchão limpo mas velho, em que o recheio de capim mal distribuído formava montículos inconfundíveis.

— Espere aí que já te dou um jeito!— exclamou ela, aliviada ao encontrar uma boa desculpa para descontar em alguma coisa o mal-estar que sentia.

Com um safanão, arrancou as cobertas, deixando o pobre colchão totalmente desprotegido diante de seus golpes furiosos e certos. Em poucos instantes, o velho colchão tinha outra cara, bem mais lisa. A operação, entretanto, levantara intensa nuvem de poeira, que agora fazia Wanda tossir e espirrar.

Aflita, ela dirigiu-se à janela para respirar melhor. Foi então que se deparou com um canteiro cheio de roseiras brancas e rosadas, que produziam as maiores rosas que ela já vira. Um caramanchão de primavera trepadeira, cheio de flores sulferinas, dava mais destaque ainda à pureza e suavidade das rosas.

Encantada, a mocinha se debruçou sobre o peitoril e aspirou profundamente o ar perfumado. Estudar ali, olhando as rosas e sentindo aquele perfume, seria a coisa mais deliciosa do mundo.

O medo passou, só ficando aquela sensação que a fazia vibrar. Seu sonho mais querido parecia próximo agora.

Com renovado vigor, ela abriu os malões e passou a próxima hora guardando e arrumando as roupas de corpo e as de cama no guarda-roupas e nas gavetas do lavatório. Colocou ao lado do jogo de bacia e jarro a escova de cabelos e pente, um porta-jóias. Na gavetinha do criado-mudo, guardou seu missal e terço de madre-pérolas.

Espontaneamente, ajoelhou-se ao lado da cama e rezou uma prece de gratidão. Como sempre, sentiu-se um tanto desapontada. Anelava por algo que lhe escapava quando rezava. Mas já estava acostumada com isso e achava muita pretensão de sua parte pensar que podia esperar qualquer coisa da prece, além da sensação de ter feito o que podia fazer.

Quando se despediu do pai após o almoço já estava bem mais senhora de si, embora ainda sentisse um aperto no coração ao vê-lo partir, puxando a égua. Como o amava! Que falta lhe fariam as conversas que costumavam ter!

Teria de escrever-lhe, só isso! Assim o pai ficaria a par de tudo o que estivesse acontecendo em sua vida. Não tardou, entretanto, em perceber que havia certas coisas que teria dificuldade em contar ao pai, por mais chegado que ele fosse, coisas essas que começaram a acontecer logo no dia seguinte.

* * *

Os raios do sol que anunciaram a manhã do primeiro dia que Wanda passou em Itapetininga encontraram-na já acordada em sua cama, recostada contra o fofo travesseiro de paina, o rosário na mão. Rezava silenciosamente pois embora seu quarto ficasse bem nos fundos, depois da cozinha, ainda não conhecia os costumes da casa e não gostaria de incomodar ninguém. Ao terminar a reza, beijou a cruz, benzeu-se e se afundou um pouco mais sob os lençóis.

Havia dormido muito bem. O colchão, agora mais liso, era meio duro, mas ela acordou descansada e disposta. Agora queria uns momentos só para si, como tanto gostava, para pensar na vida, nos planos, para analisar todas as impressões da véspera.

Reviu o almoço, do qual o pai havia participado, quando conhecera as outras inquilinas da Vó Miquelina: uma bonita senhora mais velha, Dona Violeta, que morava num quarto junto com a filha Júlia. A mãe era viúva e fazia serviços de crochê e tricô para ajudar a complementar sua pequenina renda e pagar os estudos de Júlia. Havia também duas irmãs protestantes, Ester e Vasti Alves, de Maristela. Wanda as havia examinado com curiosidade. Pareciam tão... normais! Eram ambas finas de corpo, os cabelos castanho-claros bem ondulados puxados para trás e presos em grossa trança, que por sua vez formava volumoso coque. Os rostos de traços finos eram amáveis e deixavam transparecer um que de travessura, como se as donas estivessem sempre prestes a pregar alguma peça em alguém. *Que nome estranho aquele tal Vasti*, pensou Wanda. *Éster eu já tinha ouvido antes, mas Vasti...De onde será que havia sido tirado?*

Apesar de ter certa reserva quanto aos protestantes, Wanda sentiu que gostaria de conhecer melhor as duas irmãs. Talvez assim viesse a descobrir por si mesma o que havia de tão diferente na religião delas. Apesar de elas estarem morando na casa de Vovó Miquelina, o que de certa maneira as qualificava como pessoas aceitáveis, resolveu não mencionar ainda para o pai a simpatia que sentia por elas e o seu propósito de travar amizade com as duas.

Além das quatro pensionistas, haviam estado presentes as tias, Sofia, Philomena e Albertina, que, apesar de bem mais velhas, seriam suas colegas na Escola Normal. Quando Vó Miquelina enviuvara, fora obrigada a interromper os estudos das filhas. Só era possível sustentar os estudos de um filho, e Martinho, como o mais velho e mais adiantado, continuara até se formar professor, enquanto as meninas ajudavam a mãe na pensão que esta havia montado para suplementar seu ordenado de professora. Quando Maria Emília, mãe de Wanda, cujo apelido era Mila, começou a estudar, a vida financeira da família já estava um pouco mais estável e assim ela prosseguiu sem interrupção. Casando-se logo que se formou, ela teve os cinco filhos em rápida sucessão. Assim, seus filhos não eram tão mais novos do que as próprias tias. E só agora Sofia, Philomena e Albertina estavam podendo estudar, e, embora um tanto acanhadas por serem bem mais velhas do que a maioria dos alunos da Escola Normal, seguiam a tradição da família que pensaram ter-lhes sido vedada pela morte do pai.

A conversa em torno da mesa do almoço fora animada, sendo que todos pareciam sentir-se honrados com o interesse que seu Paulino demonstrava a cada um individualmente. Até Ester e Vasti, deixando de lado a timidez de falar com um quase desconhecido, haviam feito comentários brincalhões que provocaram risadas gerais.

É, de fato aquelas duas pareciam bem divertidas. Pena que já estivessem no último ano. Depois de formadas, provavelmente se mudariam para onde quer que fossem lecionar. Mesmo assim, teriam todo o ano de 1903 para conviver.

À tarde, depois da partida de seu Paulino, Ester e a irmã de nome esquisito convidaram Wanda para ir à Escola Normal. Ansiosa por conhecer o lugar onde iria estudar, Wanda assentiu e as três foram caminhando lentamente, passando pela rua Venâncio Ayres, onde ficava boa parte do comércio, espiando pela porta das lojas para ver as últimas novidades chegadas de São Paulo. Compraram um pacotinho de 10 balas por 1 vintém, e o repartiram cuidadosamente. Vasti guardou no bolso da saia a bala que sobrou depois que todas receberam três.

Caminhando até o final da rua, chegaram à Escola Normal Peixoto Gomide, um prédio grande e imponente cuja vista fez o coração de Wanda dar um pinote no peito. Pensar que iria estudar ali! Dando uma volta completa no prédio, ficaram desapontadas. Estava tudo fechado: a grande porta de vidro e grade de ferro da entrada, os janelões altos, o portão dos fundos. Só uma das portas laterais estava entreaberta, e indo espiar por ela, as mocinhas deram de cara com uma servente que passava pano molhado no piso de ladrilho.

— Vocês não têm nada o que fazer aqui por enquanto! Já não chega a trabalhadeira que a gente tem e ainda por cima precisa ficar de olho.....

— Ora, Dona Quina, não precisa ficar brava. Só viemos trazer uma balinha para a senhora — apelou Vasti, enfiando a mão no bolso e tirando dele o doce que sobrara.

A mulher as olhou ressabiada, aceitou a bala com um leve gesto da cabeça e retornou ao trabalho um pouco mais mansa.

As mocinhas, sem ter chegado a entrar na escola, voltaram-se rapidamente e escapuliram escada abaixo, antes que viessem mais reclamações. Wanda ria nervosamente, acompanhando as duas mais velhas. Quando, já na rua, pararam para respirar, ela as interpelou:

— Quem é aquela senhora? Percebi que vocês já a conhecem.

— Claro que sim — replicou Ester com vivacidade. — Não há ninguém na Escola Normal de Itapetininga que não a conheça. E você também vai conhecê-la logo, logo. Ela é muito boazinha, mas resmungona que só vendo!

— Dona Joaquina é nossa amiga — acrescentou Vasti. — É uma ótima funcionária e fica uma fera quando encontra qualquer coisa suja. Quando chove, então, é uma tragédia. Ela fica o tempo todo limpando o barro que a gente acaba trazendo para dentro da escola. Você quer ver a Quina mal humorada é falar para ela que vai chover!

A essa altura da conversa as três já caminhavam pela calçada da rua que as levaria de volta à casa de Dona Miquelina. Ester e Vasti comentavam os diversos aspectos da vida de estudante, os hábitos e manias de alguns professores, as particularidades dos estudos e dos exames, as exigências de certas matérias, de modo que quando chegaram à casa da avó, Wanda tinha a impressão de já fazer parte desse mundo fascinante da Escola Normal.

Agora, ali na cama, pensando sobre todas essas novidades, deixou a imaginação correr, fazendo uma imagem mental dos professores que as irmãs Alves haviam descrito em detalhe, dos colegas, do diretor...

Seu devaneio foi interrompido por vozes vindas da cozinha. As atividades do dia começavam cedo na pensão de Dona Miquelina, e Wanda queria dar uma mãozinha com os trabalhos naqueles dias que precediam o início das aulas. Sabia que depois teria pouco tempo para outra coisa além dos estudos. Apreciava o esforço dos pais para que tivesse um diploma, e queria dar-lhes a alegria de tirar sempre boas notas na escola.

Durante aqueles primeiros dias em Itapetininga, Wanda aproveitou também para sair algumas vezes com as tias e a avó. Esta a levou para conhecer a mais afamada modista da cidade, Dona Angelina. Enquanto a avó e Dona Angelina conversavam, Wanda examinou o grande quarto que era o ateliê da modista, dominado por uma vasta mesa onde eram cortados os moldes e as fazendas. Havia algumas roupas em ponto de prova penduradas em ganchos presos à parede. Numa estante que ficava ao lado da mesa havia rolos e mais rolos de moldes já usados. Retalhinhos e pedaços de fios pelo chão e presos ao vestido e aos cabelos da costureira davam ao ambiente um ar de atividade constante, quase um reboliço. Dona Angelina tirou as medidas de Wanda e anotou-as num caderno. Quando precisasse de roupas mais finas, já sabia a quem recorrer.

Assim, aos poucos a mocinha foi-se integrando na vida da cidade grande, movimentada. Mas mesmo no meio de tanta novidade, não se esquecia de acompanhar a avó e as tias à missa, confessando e comungando pelo menos uma vez por semana. Contudo, apesar de levar tão a sério seus deveres religiosos, ainda sentia um certo vazio dentro de si, como se lhe faltasse algo, como se existisse uma distância formidável entre Deus e os seres humanos aqui em baixo. Sentia forte desejo de aproximar-se de Deus, mas sabia que isso seria muita presunção de sua parte. Deus era Deus, remoto, inatingível — aliás, só se poderia alcançar algum favor dele através dos intermediários a quem aprendera a se dirigir. Assim, era devota da Virgem Maria que, por ser mulher, parecia compreender melhor o que ela sentia. E podia intervir junto a seu Filho em favor dos que a ela recorriam. Que filho negaria os pedidos de uma mãe?

Apesar de todo esse raciocínio, Wanda continuava sentindo certa inquietação íntima que a levava a fazer muitas perguntas nem sempre satisfatoriamente respondidas. Por isso aprendeu a guardar as dúvidas no coração, esperando que algum dia elas seriam respondidas. Então teria paz.

Entre atividades e devaneios, as perguntas da mocinha perderam um pouco sua urgência, e o primeiro dia de aula chegou com toda a promessa e a ansiedade de uma nova vida.

Caminhando entre as tias e as irmãs Alves, Wanda tentava manter certa pose de quem já estava acostumada a tudo aquilo, embora os longos corredores que separavam as classes, com suas paredes pintadas de cinza-chumbo e teto muito alto, lhe parecessem enormes cavernas.

Ao toque da sineta, dirigiram-se cada uma à sua classe - Wanda e as tias na do primeiro ano, as outras na do terceiro.

A classe do primeiro ano era mista e abrangia todos os primeiranistas. A maioria dos alunos aparentava ter mais idade do que Wanda. Havia até um senhor de ar tristonho, cujas têmporas começavam a pratear. Devia ter quase quarenta anos. Mas havia também alguns rapazes e moças mais animados e risonhos, embora agora estivessem todos sérios, aguardando a entrada do professor.

Quando a aula começou, Wanda se esqueceu de todo o nervosismo e apreensões. Sua mente arguta e inquisitiva debruçou-se atenta aos ensinamentos do mestre, tentando compreender tudo, percebendo onde seus conhecimentos teriam de ser reforçados. Paralelamente, já esboçava um plano de trabalho que suprisse essas deficiências, bem como lhe permitisse aproveitar ao máximo os novos conhecimentos.

Agora já não seria só brincar de escolinha, como tantas vezes havia feito em Sarapuí, obrigando os irmãos mais novos e alguns amiguinhos a servirem de cobaia a seus métodos de ensino. Não, agora a coisa seria prá valer.

Embora totalmente absorta pelas novas atividades dos primeiros dias de aula, Wanda travou conhecimento com alguns colegas - Hortência, uma moça da sua idade; Amélia, um pouco mais velha, que a adotou como sua irmãzinha; e Antonio, um rapaz alto, de intensos olhos castanhos e vasta cabeleira ondulada, que passou a procurá-la diversas vezes nos intervalos das aulas a pretexto de perguntar alguns pontos mais difíceis das aulas. Wanda bem que lhe percebia as intenções, mas tinha prazer em discutir o que estavam aprendendo, e por isso fingia não notar o brilho nos olhos do rapaz quando pousavam sobre ela. Não havia como negar que essa atenção lhe dava certo prazer, fazendo com que seu rosto se ruborizasse quando o via, sentindo o coração dar um pulinho no peito.

Na pensão da avó, as tias começaram a fazer alusões brincalhonas à atenção que Wanda recebia.

— E então, Wandinha, o Antonio é mesmo pouco inteligente, não?

— Pouco inteligente, Tia Sofia? Por que?

— Ah, ele está toda hora tendo de perguntar coisas à melhor aluna da classe!

A avó estava prestando muita atenção à conversa. Wanda, meio encabulada, respondeu:

— Nem uma coisa nem outra, Tia. É que ele gosta de entender bem as coisas e não gosta de incomodar os professores. E eu não sou a melhor aluna da classe.

— Mas vai ser, se continuar estudando como estuda — comentou Albertina.

As tias enfrentavam certa dificuldade na escola. Reclamavam que já não tinham cabeça para estudar, pois havia muitos anos que as tarefas práticas da vida lhes requeriam toda a atenção. Mesmo agora, que voltavam aos estudos, tinham de ajudar a mãe com diversas atividades inadiáveis, que acabavam tendo precedência sobre as lições.

Wanda bem que se dispunha a ajudá-las, mas a falta de tempo era o maior problema delas.

Logo a amizade de Wanda por Hortência e Amélia, suas colegas de classe, e, portanto, mais da sua idade, afastou-a um pouco das tias e das irmãs Alves. E como estudava no quarto, passava longas horas isolada dos outros moradores da casa. Com a avó, sempre irrequieta e ativa, pouco contato tinha, a não ser que a procurasse diretamente para tratar de algum assunto, o que era feito sempre no serão após o jantar.

Durante um desses serões agradáveis, quando Wanda já pensava em retirar-se para estudar, Dona Miquelina falou em tom de brincadeira:

— Wanda, sabe o Seu Fuad, lá da loja de tecidos?

— Sei, sim, Vovó. É um senhor muito atencioso. Eu o conheci quando fui comprar as fazendas que Mamãe mandou pedir. O que tem ele?

— Bem, parece que ele gostou muito "da filha de Dona Maria Emília", como ele mesmo me disse. Sabe que ele está viúvo há uns três anos e querendo casar-se de novo?

Todas as mulheres reunidas naquele momento pararam o que estavam fazendo e olharam fixamente para Wanda, que corou primeiro e depois empalideceu.

— Vovó!

— Ora, minha filha, ele não disse nada de mais! Eu é que estou tirando aqui as minhas conclusões. É bom você levar alguma das meninas junto se tiver de voltar lá. E vá prevenida.

As "meninas" deram uma risadinha meio sem graça e voltaram às suas tarefas. A bonita viúva Dona Violeta desviou o olhar que havia cravado em Wanda, os pensamentos perdidos na distância. Sua expressão se manteve inescrutável, mas ela foi traída pelo suspiro profundo que deu quando voltou relutantemente a atenção para o tricô que tinha nas mãos. Seu Fuad certamente não correspondia à imagem que as mocinhas faziam de um futuro marido, mas ele representava algo de que Dona Violeta sentia muita falta: estabilidade, alguém para quem ela fosse especial, um lar, enfim. Mas aquelas cabecinhas jovens apenas viam um velhote. E viúvo, ainda por cima. Para elas, ideal mesmo era o Antonio. Bonitão. E muito simpático. Que sorte tinha essa Wanda!

* * *

Aquele primeiro ano na Escola Normal passou voando, e no final dele Wanda já estava firmemente estabelecida como uma das melhores alunas da classe.

Em meados de novembro, a conversa geral dos alunos versava mais sobre as férias que se aproximavam e a volta ao lar para os alunos de fora do que qualquer outra coisa.

Quando Antonio começou a procurá-la quase todos os dias, Wanda percebeu que teria de pensar mais seriamente sobre essa amizade. O rapaz era de boa família, e cada dia mais evidente ficava que seu interesse por ela ia aumentando sempre que conversavam.

Aproveitaria o período de férias para conversar com os pais sobre o assunto. Mencionara o rapaz algumas vezes em suas cartas, mas sempre entre os nomes dos outros colegas. Será que eles suspeitariam alguma coisa? Pensara em falar diretamente sobre o assunto, mas nem saberia por onde começar.

Na casa da avó, depois dos primeiros comentários brincalhões, o assunto caíra no esquecimento, apesar de as atenções do rapaz não passarem despercebidas aos outros normalistas. O caso do seu Fuad também parecia encerrado. Wanda só havia ido à loja de tecidos acompanhada da avó, que mantinha sempre cerrada vigilância durante as compras.

O último dia de aula encontrou Wanda de mala pronta para a volta a Sarapuí. O pai não pudera ir buscá-la e por isso mandara Nhô Bento com o trole. A viagem seria bem menos divertida, mas chegaria antes em casa e poderia aproveitar ao máximo as férias.

As despedidas foram animadas — a ausência de Wanda seria breve — e recheadas de recomendações:

— Coloquei as encomendas de sua mãe naquela sacola. Não se esqueça de entregar assim que chegar.

— Não me esquecerei, não, Vovó. Pode deixar por minha conta.

— E diga a Gilda que venha nos visitar quando seu pai trouxer você de volta. Aliás, é muito melhor para uma mocinha viajar de trole do que a cavalo.

Wanda disfarçou um sorriso ante a censura velada da avó, que considerava a educação que o pai lhe dava um pouco avançada demais para seu gosto.

A viagem a Sarapuí passou mais depressa do que ela esperava, pois Nhô Bento era um pródigo contador de histórias e a mocinha lhe dava corda, animando-o com perguntas, embora já conhecesse quase todas as histórias do repertório do velho carroceiro.

Quando avistou a casa, sentiu-se como se a estivesse vendo pela primeira vez. Parecia menor do que se lembrava. No jardim, todo florido, trabalhavam o jardineiro e seu filho, um rapazinho de seus doze anos, capinando e limpando os canteiros. Um agradável odor de grama cortada saudou-a assim que apeou do trole. A família estava reunida no terraço, toda alvoroçada.

Como era bom estar de novo em casa! Parada ali, abraçando com o olhar as coisas e pessoas familiares e tão queridas, pensando em aproveitar ao máximo as férias, nem podia imaginar como estava próximo o acontecimento que mudaria o rumo da sua vida.

CAPÍTULO 3

UM RAPAZ DE OLHOS VERDES

— Oh, Mamãe, como é bom estar de novo aqui!

— Que bom ter você de volta, minha filha!

O abraço de Dona Mila foi apertado, embora breve. Segurando a filha com os braços estendidos, ela examinou atentamente a moça.

— Hum, parece que você cresceu um pouco.

— Acho que cresci mesmo, Mamãe. Tive de abaixar as barras de todas as minhas saias.

— Você vai acabar ficando bem alta. Não acha, Paulino? — perguntou Dona Mila ao marido, que chegava apressado, os braços estendidos para abraçar a filha.

— Acho. Alta e muito bonita.

— Ah, Papai, o senhor continua coruja como sempre...

O pai deu-lhe longo e apertado abraço, que mostrava bem quanto sentira a sua falta.

— Nossa, como é bom estar em casa de novo — repetiu Wanda, suspirando com gosto.

— Credo, Wanda — brincou Gilda, querendo mexer com a irmã. — Até parece que você não gostou de Itapetininga.

— Claro que gostei, sua bobinha — retrucou Wanda, dando um leve piparote na cabeça da irmã, — mas nada como a casa da gente.

— Então vamos entrar — sugeriu Seu Paulino.

Enquanto as mulheres entravam, ele foi conversar com Nhô Bento para acertar a conta da viagem e ajudar a descarregar a bagagem.

Dentro de casa, Wanda deu pela falta dos irmãos.

— Onde estão os meninos, Mamãe?

— Alcides está muito ocupado no serviço e não pôde vir ainda. Orville saiu um pouco e Nicanor está por aí, molecando.

O sorriso indulgente da mãe indicava que as molecagens em nada a incomodavam. Todos os filhos foram meninos bons e razoavelmente bem comportados. De vez em quando uma daninheza mais grossa os fazia receber um pito severo, mas isso era raro. Seu Paulino e Dona Mila faziam jus à fama de bons educadores, tanto dos de sua própria família quanto das crianças que lhes eram confiadas para instrução.

A chegada de Wanda pouco alterou a rotina da casa. Bem depressa a moça se reinstalou em seu quarto, e muitas noites ela e a irmã conversavam até tarde. Foi Gilda a primeira a saber das atenções de Antonio e do interesse de Seu Fuad. Estranhamente, Wanda sentia-se tolhida em falar desse assunto com o pai, e este também não parecia disposto a dar-lhe oportunidade de

contar alguma coisa. No entanto, casar-se fazia parte dos planos de toda moça, a partir do final da infância. Wanda mesma, orientada pela mãe, já trabalhava há anos no enxoval, cujas peças bordadas e trabalhadas a mão iam-se acumulando no grande baú que ficava num canto do quarto. Ora, quem faz enxoval pensa em se casar.

Quantas vezes, enquanto as mãos habilidosas manejavam a agulha, produzindo bainhas de olho, crivos e os bordados coloridos e matizados nos quais era perita, Wanda deixava seus pensamentos voarem longe, à casa que um dia seria sua, tentando imaginar-se como esposa de alguém.

Como seria esse alguém? Não conseguia visualizá-lo muito bem fisicamente, mas sabia que seria forte, terno e amoroso. Sentia leves arrepios e uns frêmitos inexplicáveis ao pensar como ele a abraçaria, como olharia bem dentro dos seus olhos, a mão erguendo-lhe o queixo e aproximando seus lábios dos dele para um beijo.

Sempre que chegava nesse ponto, a moça perdia a coragem e, abanando energicamente a cabeça, tentava afugentar dela os pensamentos que a perturbavam. Lera romances demais, era isso! Havia muito mais coisas no casamento além desses aspectos românticos. E sabia de muito casamento onde não havia a menor sombra de romance e que parecia ir muito bem.

Tinha exemplo disso dentro de sua própria casa. Havia muito afeto e respeito entre os pais, mas nunca presenciara nada que lhe desse a impressão de terem eles sido um dia namorados apaixonados. Aliás, a natureza prática de Dona Mila provavelmente nem saberia o que fazer com romance, se por acaso algum dia Seu Paulino tivesse qualquer tirada para esse lado.

Apesar de todo esse raciocínio, Wanda continuava a sonhar, sem contudo conseguir encaixar Antonio nesses sonhos. Era interessante receber as atenções dele, e ela gostava muito da troca de idéias, mas não podia imaginar-se tendo qualquer contato físico com o rapaz.

Numa das primeiras noites depois de sua volta, Wanda estava sentada na sala com a família à hora do serão, quando Gilda comentou:

— Wanda, você está sabendo do baile que vai haver na casa do Seu Carrinho este sábado?

À luz amarelada do grande lampião, Wanda desfiava a ponta de uma toalha de linha para fazer uma franja complicada que aprendera com as tias de Itapetininga. Interrompendo o que fazia, ela fitou a irmã com ar de indagação.

— Quem é esse Seu Carrinho? Acho que não conheço ninguém com esse nome.

— É o novo farmacêutico que se mudou para cá — respondeu Gilda.

Erguendo os olhos do que escrevia, Dona Mila acrescentou:

— Seu Carrinho veio de Itu para cá faz uns meses. Montou uma bela farmácia na avenida e já ficamos muito amigos. Vai ser bom você conhecê-los. A mulher dele, Dona Ritinha, é uma simpatia. E não vai ser um "baile". É mais uma festa das famílias. Seu Carrinho gosta muito de música e vive reunindo o pessoal para tocar. A moçada aproveita a música e os quitutes de Dona Ritinha.

A perspectiva de uma festa, por mais simples que fosse, era animadora e produziu muitas trocas de idéias sobre os vestidos e as pessoas que estariam presentes.

No sábado, a família toda dirigiu-se à festa, inclusive os rapazes, que foram meio a contragosto, mas não puderam escapar. A fama de Dona Ritinha como cozinheira e doceira já era

conhecida em Sarapuí, bem como a generosidade e o espírito hospitaleiro do casal. Assim, os convidados antecipavam um banquete. E não se decepcionaram.

Uma vasta mesa, forrada com uma toalha de linho bordada, gemia sob o peso de tantos quitutes, doces e salgados, bem como jarras de cristal com suco de frutas e limonada.

Os donos da casa recebiam os convidados, cumprimentando a todos com a simplicidade de velhos amigos, embora fossem os mais recentes membros da sociedade sarapuiense.

Quando chegou a vez de Wanda cumprimentá-los, eles fizeram muita festa com ela, o que a fez sentir-se muito bem-vinda.

— Já ouvi falar bastante de você — disse Dona Ritinha. Seus pais contaram que está estudando em Itapetininga, na Escola Normal. Está gostando?

— Muito. Sempre sonhei em ser professora.

— É uma ótima profissão, minha filha — falou seu Carrinho com um olhar de admiração genuína. — Espero que termine logo os estudos e volte lecionar aqui mesmo.

— É o que meus pais e eu pretendemos, Seu Carrinho.

Passando para dentro da sala, Wanda reuniu-se logo ao grupo das antigas colegas e amigas da infância, e depois dos abraços e troca de notícias iniciais, a moçada se reuniu aqui e ali, comendo e conversando, enquanto os adultos se sentavam à volta da sala, aproveitando para pôr em dia as novidades, esperando a hora de começar a música.

Wanda conversava com uma amiga e ex-colega, que desejava saber tudo sobre a Escola Normal, quando sentiu que alguém a observava. Voltando de leve a cabeça, deu com um par de olhos verdes fitando-a fixamente. O dono deles, um rapaz moreno de cabelos escuros e muito lisos, continuou tão absorto que ela percebeu não ser o alvo do seu olhar, mas, sim, alguma coisa ou pessoa na mesma direção.

Um tanto incomodada, ela se dirigiu à amiga que ainda tagarelava e nada havia percebido:

— Letícia, não olhe agora, mas você sabe quem é aquele moço ali perto da porta?

Letícia correu os olhos pela sala, disfarçando antes de olhar na direção que Wanda indicara.

— Aquele é Augusto, o filho caçula de Seu Carrinho.

— Ele parece bem mais velho, não é?

— Ah, sim. Já tem mais de vinte anos. Ele ajuda o pai na farmácia. É bem simpático, não acha? E não é casado, nem noivo.

— É, ele é simpático mesmo. Aposto que muitas mocinhas já estão de olho nele.

— Nem tanto. Apesar de muito amável, ele é meio retraído. O oposto do irmão. Está vendo aquele ruivo lá no canto, cercado de gente? É Trajano, o mais velho dos irmãos. Aquele, sim, é foliento! Mas já é casado. E tem filhos!

Os olhos de Wanda seguiram a direção indicada pela amiga e deram com um grupo cuja animação parecia brotar de um rapaz ruivo, de ar alegre, muito conversador. Como era diferente do irmão!

Sem querer, os olhos de Wanda voltaram a procurar o vulto de Augusto perto da porta, e dessa vez seus olhos se encontraram. Um delicioso frêmito percorreu-lhe o corpo todo, fazendo com que ela, confusa e incerta, voltasse logo o rosto ruborizado na direção oposta.

As perguntas de Letícia continuavam, incessantes.

— Quantas aulas você tem por dia?
— Ahnnn? — fez Wanda vagamente, tentando concentrar-se no que a amiga dizia.
— Quantas aulas você tem por dia? — repetiu Letícia pacientemente.
— Oh, depende do dia.
— Em geral.
— Cinco ou seis.
— De qual professor você mais gosta?
— Beeeem, deixe-me ver. Tem o Seu Olegário, que é exigente, mas explica bem as coisas.
— E quem mais?
— O que?
— Wanda, acorde! Eu perguntei: e quem mais? Você não está prestando atenção.
— Ah, desculpe, Letícia. É que estou morrendo de sede. Vou buscar um copo de limonada e já volto. Você quer também?
— Não, obrigada. Já tomei o bastante. Então vá, mas volte logo. Ainda há muita coisa que quero saber.

A limonada era apenas uma desculpa para ir até a mesa, pois, para fazer isso, teria de passar perto de onde Augusto se encontrava, conversando agora com outro moço.

Quando foi-se aproximando, Wanda sentiu que ele a acompanhava com os olhos, e de repente, ela ficou sem graça, como se ele lhe estivesse lendo os pensamentos e desvendando seu subterfúgio. Entretanto, como não podia encontrar uma boa desculpa para mudar de rumo, seguiu em frente.

Ao passar pelos dois rapazes, sentiu seu olhar irresistivelmente atraído e viu-se fitando de novo o dono daqueles magnéticos olhos verdes. Como da outra vez, seu coração disparou, o que fez com que o sangue lhe afluísse ao rosto e ela quase tropeçasse nos próprios pés. Era só o que faltava!

Pegou um copo com mão insegura e já ia apanhar a jarra com a outra quando ouviu uma voz masculina bem modulada atrás de si.

— Deixe-me servi-la, senhorita.

Nem precisava voltar-se para saber quem era, mas não pôde deixar de fazê-lo.

O rapaz era pouco mais alto do que ela. Tinha a pele morena, os cabelos lisos penteados para trás, traços marcantes, queixo firme e uma boca generosa que lhe sorria amavelmente naquele instante.

Involuntariamente, os olhos de Wanda foram atraídos às mãos que lhe serviam o refresco. Ela sentia um fascínio especial por mãos. Achava que seu formato traduzia muito sobre o caráter das pessoas. As de Augusto eram grandes, fortes. Os dedos, largos na base mas afilados nas pontas, indicavam habilidade manual e delicadeza artística.

Só então reparou que ele continuava segurando o copo de limonada que lhe oferecia. Encabulada, tomou-o e agradeceu.

— Muito obrigada. É gentileza sua.

— Não há de que. Meu nome é Augusto e sou filho dos donos da casa. Você é Wanda, a filha de Seu Paulino que está estudando fora, não é?

— Sou, sim.

— Seus pais falam muito em você, Wanda. Está gostando dos estudos?

— Ah, sim, nem imagina quanto!

O interesse genuíno que o rapaz demonstrava levou Wanda a se esquecer do acanhamento e contar um pouco de sua vida de normalista. Quando tentava encerrar a conversa, lá vinha outra pergunta interessada do rapaz e ela continuava falando com entusiasmo.

Tão interessante estava o diálogo que só quando viu Letícia dirigindo-se à mesa foi que se lembrou da amiga.

— Nossa, deixei a Letícia esperando!

— Ora, ora, Dona Wanda, esqueceu-se de mim, não foi? — veio comentando a amiga enquanto se aproximava, olhando os dois jovens com um sorriso maroto.

— Augusto, esta é a Letícia, minha colega desde que entramos na escola. Letícia, este é....

— Já sei. É Augusto. Já o vi diversas vezes na farmácia.

A conversa se generalizou, com Augusto fazendo perfeitamente o papel de anfitrião, servindo as duas moças e as outras pessoas que se aproximavam da mesa, embora Wanda continuasse a sentir-se constantemente envolta pela atenção disfarçada do rapaz.

Quando os músicos se colocaram a postos, ela viu que Trajano seria o pianista. Ele tocava muito bem e dirigia a pequena orquestra com entusiasmo.

Wanda nem teve tempo para questionar se Augusto a convidaria para dançar. Mal a música começou e ele já estava ao seu lado, com a mão estendida e um ar muito sério no rosto. Sentindo o coração bater com força, ela colocou a mão na dele.

Se Augusto percebeu alguma coisa, não deu sinal. Ele parecia totalmente concentrado nos passos da dança, evitando olhar para a parceira. Rodopiaram ao sabor de uma suave valsa, embalados pelo ritmo, esquecendo-se de onde estavam, sentindo apenas a presença um do outro.

De repente, seus olhos se encontraram e nos do moço Wanda leu algo que fez seu coração disparar novamente, cortando-lhe o fôlego e fazendo-a corar. O que estava acontecendo com ela?

Foi quase com alívio que viu chegar o fim da valsa. Agradeceu a Augusto e foi procurar as amigas, ficando ao lado delas o resto da noite, sem dar oportunidade a que ninguém mais a convidasse para dançar. Augusto dançou com algumas das outras convidadas, e várias vezes ela sentiu sobre si os olhos verdes, questionando, confusos.

Na hora da despedida, não pôde deixar de falar com ele, mas não o olhou nos olhos, e abreviou o mais que pôde os cumprimentos.

Aquela noite, depois de terem apagado a vela do quarto, as duas irmãs ficaram por bom tempo trocando idéias sobre a festa.

— Quanta gente! E que doces deliciosos! — comentou Gilda animada.

— É, foi mesmo uma beleza. Parece uma família bem simpática, não acha?

— Hum, hum. Especialmente um certo rapaz.... Bem que vi vocês dois conversando um tempão.

-- Que tempão, que nada. Ele só me perguntou sobre a Escola Normal, como todo mundo faz.

-- E foi só de estudos que vocês conversaram? Estavam os dois tão animados!

- Ah, Gilda, deixe de bobagens. Vamos tratar de dormir.
- Está bem. Se você não quer falar nisso....
- Não é querer ou não querer. Não há nada para falar. E amanhã tem missa bem cedo.

Durma bem.

- Você também, mana.

Cada uma virou-se para o canto, o lençol puxado até o nariz para proteger contra possíveis pernilongos e o frescor da noite. Wanda fechou os olhos mas não conseguia dormir. Teimavam em passar-lhe pela mente resquícios da conversa que tivera com Augusto. E ela sentia a atenção do rapaz, o fulgor de interesse nos olhos verdes, as perguntas e comentários comedidos envolvendo-a como um manto, fazendo-a sentir-se bonita e especial. Por essa vez, sua mente inquiridora não conseguiu determinar porque aquele rapaz a perturbava tanto e, cansada de debater consigo mesma, ela acabou adormecendo.

CAPÍTULO 4

DOCE SEGREDO

O domingo amanheceu ensolarado, o luminoso azul do céu contrastando com a alvura de alguns farrapos de nuvens que logo se espalharam, tocados pela brisa matinal.

Sentada ao lado dos pais durante a missa, Wanda procurava concentrar-se no ritual, embora se perguntasse constantemente se Augusto também estaria presente. Não se atrevia a virar a cabeça para olhar, seguindo o exemplo de devoção concentrada dos pais.

À saída da igreja, viu a família do farmacêutico parada, cumprimentando diversos amigos.

-- Vejam só quanta gente arrodando Seu Carrinho -- comentou o pai. -- Faz tão pouco tempo que ele está aqui e já é muito conhecido e querido na cidade.

Seguindo com os olhos a movimentação em torno de Seu Carrinho, Dona Mila comentou:

-- Também pudera, ele é o único médico que temos.

-- Médico? -- perguntou Wanda surpresa. -- Pensei que fosse farmacêutico.

-- E é. Mas, com a prática que tem, faz o papel de médico aqui em Sarapuí. E, como farmacêutico, não só prepara os remédios como deixa os clientes pagar como puderem.

Os olhos de Wanda pousaram no grupinho em pé ao lado da igreja. Seu Carrinho era um senhor de estatura média, magro, cabelos lisos e curtos ainda escuros, um bigode bem aparado encimando a boca larga e generosa, o rosto sério e liso. Dona Ritinha era uma senhora de jeito decidido, traços fortes, cabelos pretos entremeados de alguns fios prateados. Tinha o rosto expressivo, olhos bondosos, um nariz meio arrebicado na ponta e uma covinha no lado direito do rosto quando sorria, o que a tornava irresistivelmente simpática.

Parado ao lado dos pais, os olhos passeando sobre os grupos que se espalhavam pela praça, Augusto viu Wanda assim que ela saiu da igreja. A moça vinha agarrada ao braço do pai, a outra mão empunhando uma sombrinha de seda já aberta que lhe encobria parcialmente o rosto.

Sentindo-se tomada de repentina timidez, Wanda se recusou a olhar para Augusto, cujos olhos sentia sobre si. Conversou animadamente com Gilda, que seguia ao seu lado, e depois, desprendendo-se do braço do pai, foi trocar umas palavrinhas com Letícia que saía naquele momento junto com a mãe.

Entrementes, Seu Paulino e Dona Mila haviam ido ao encontro de Seu Carrinho a fim de cumprimentá-lo, e quando Wanda os procurou com os olhos, Augusto já não estava junto dos pais.

Desapontada e com certa raiva de si mesma, Wanda tentou participar da conversa de Letícia.

— Então, gostou da festa? — perguntou a mãe da amiga.

— Gostei demais. Foi tão bom rever todos os amigos e conhecer gente nova!

Leticia, que não suportava ser posta de lado, interveio:

— Wanda, precisamos conversar mais qualquer dia destes. Tenho muita coisa para lhe perguntar... — Ela fez um ar de mistério, e então acrescentou: —... e também para contar...

Com um revirar exagerado dos olhos, ela indicou o grupo de Seu Carrinho. Wanda ficou intrigada, mas resolveu deixar a conversa para depois. Os pais já a chamavam para junto de si, e ela foi reunir-se ao grupo que conversava animadamente.

— Pois é — dizia Seu Carrinho — Augusto queria muito estudar para dentista, como meu cunhado Alfredo, mas não tivemos condições de mandá-lo à Bélgica, onde Alfredo estudou. Por isso, ele me ajuda na farmácia, e como é muito caprichoso, já é um bom farmacêutico prático.

— Que pena ele não poder estudar na Europa — comentou Seu Paulino. — Seria uma boa experiência para ele, em todos os sentidos. Entretanto, ouvi dizer que vamos ter uma escola de odontologia aqui no Brasil logo, logo. Já ouviu falar do Professor Coelho e Souza, Carrinho?

— Não.

— Ele é um dentista famoso em São Paulo, e já vem treinando alguns interessados em prótese há algum tempo. Tem muita gente insistindo com ele para fundar uma escola.

— Ah, se fizesse isso, Augusto poderia estudar com ele. Trajano já é farmacêutico licenciado e tem uma farmácia em Jundiá. Aí eu estaria sossegado, pois os dois filhos teriam uma boa profissão.

— E os seus filhos, Paulino? — quis saber Seu Carrinho.

— Ah, a tradição em casa é toda para o lado do magistério. Já tenho dois filhos formados e agora Wanda terminou o primeiro ano da Escola Normal em Itapetininga.

— Muito bom, muito bom.

— Na família de Mila todos são professores — continuou Seu Paulino. — Até as irmãs, que tiveram de interromper os estudos quando o pai morreu, voltaram ao Normal agora, e são colegas de Wanda. O irmão mais velho de Mila, Martinho, já é diretor escolar e...

A conversa entre os dois homens continuou animada enquanto o grupo todo caminhava lentamente rua abaixo.

— Vamos chegar lá em casa e tomar um cafezinho — propôs Dona Ritinha.

A proposta foi aceita prontamente e entraram todos no alpendre que ficava ao lado da casa, onde uma confortável mobília de vime oferecia lugar para os mais velhos se sentarem. Almofadas estampadas de algodão acetinado amaciavam os assentos das poltroninhas e do sofá, dando ao ambiente um ar alegre e acolhedor.

Augusto, que havia chegado antes, trouxe cadeiras comuns para os mais jovens se acomodarem.

Dona Ritinha desapareceu no interior da casa e voltou alguns minutos depois com uma enorme bandeja onde se viam bonitas xícaras de porcelana e um bule alto, cheio de café escuro e cheiroso.

Depondo a bandeja sobre a mesa, ela pôs-se a servir o café enquanto a empregada que a acompanhava servia uns biscoitos de polvilho muito pururucas.

Augusto, como quem não quer nada, sentou-se no suporte de madeira que cercava o alpendre, perto de onde Wanda equilibrava em uma das mãos a xícara de café que lhe fora

servida, e na outra um biscoito. Sem saber porquê, sentia-se desajeitada e enleada. Se ao menos Augusto fosse ficar um pouco mais longe...

Quando ele lhe dirigiu uma pergunta sobre como tinha passado desde a véspera, ela havia acabado de tomar um gole de café. Ficou um momento sem poder responder. Ele aguardou pacientemente que ela engolisse o café, sem tirar os olhos do seu rosto afogueado.

— Muito bem, obrigada — conseguiu a moça responder enfim. — E você?

— Não tão bem assim.

— Ah, é? E por que?

— Não sei. De repente, uma porção de coisas ficaram me passando pela cabeça. Acho que foi o entusiasmo com que você falou dos seus estudos...

Wanda não conseguiu conter uma risada alegre.

— Nossa, acho que me excedi. Você é a terceira pessoa que fala do meu entusiasmo ontem.

Os olhos verdes não mostravam compartilhar o divertimento da moça. Antes, tinham uma expressão anelante onde Wanda pôde vislumbrar um que de tristeza. Ela lembrou-se dos comentários de Seu Carrinho.

— Seu pai contou que você quer estudar odontologia.

Augusto deu de ombros, a expressão anelante já apagada dos olhos.

— É verdade. Se eu pudesse, gostaria mesmo de ir para a Bélgica, como meu tio Alfredo. Mas isso está fora de questão. E eu gosto do trabalho que faço — completou ele com certo ar de desafio.

Parecendo não ter ouvido a última parte da afirmativa, Wanda falou:

— Papai estava falando de um tal Professor Coelho e Souza, muito famoso em São Paulo, que talvez abra uma escola de odontologia.

Os olhos de Augusto fulguraram por breve momento, mas logo depois ele voltou a concentrar-se nas questões mais práticas.

— Pode ser. Seria muito bom, mas tarde demais para mim. Já tenho uma profissão e estou muito velho para voltar a estudar. Depois, Papai precisa de mim.

— Duvido que seu pai não consiga achar outra pessoa para ajudá-lo. E quanto à idade, veja só as minhas tias, que estão estudando agora. Mesmo na Escola Normal, tenho diversos colegas bem mais velhos do que eu. Acho que idade não é motivo, é desculpa.

Em seu empenho de convencer o rapaz, Wanda se esquecera de toda a timidez anterior e falava com o rosto animado, os olhos brilhantes, a expressão eloqüente.

De repente, ela notou que a conversa geral havia cessado, e que todos os olhares estavam voltados para os dois. Dona Mila e Dona Ritinha trocaram um olhar onde havia uma interrogação, mas foi Seu Paulino quem falou primeiro, corroborando as palavras da filha.

— Wanda tem toda razão, Augusto. Você ainda é muito moço. Se quiser estudar, posso mandar investigar para você as intenções do Professor Coelho e Souza.

— Obrigado, Seu Paulino. Se souber alguma coisa, por favor, me avise.

— Claro que sim, meu rapaz. Você sabia que eu mesmo só vim a estudar para professor depois de bem mais velho? Fui coronel da polícia primeiro, mas sempre quis ser professor. Estudei com professores particulares, prestei exame de suficiência e recebi a nomeação no palácio do próprio governador. Como vê, sei do que estou falando.

Por Seu Paulino ser tão conhecido como professor, seu título de coronel da polícia às vezes ficava esquecido. E naquele momento, virou alvo de brincadeiras:

— Cuidado com quem você vai convidando para tomar café em casa, Carrinho....— brincou Dona Ritinha.

— É bom me agradarem mesmo, Dona Ritinha, senão posso mandar prender alguém, nem que seja só para não fecharem de vez a cadeia.

Todos riram. Era mais do que conhecido na cidade o fato de a cadeia de Sarapuí estar às moscas por falta de preso. A única distração do soldado que dela tomava conta era dar pouso a alguém que ocasionalmente se excedia na bebida e fazia um pouco de barulho nas ruas, perturbando os cachorros e o sono das famílias.

Quase uma hora de gostosa conversa se passou e então a família de Wanda se despediu dos amigos e saiu para a calçada. Já iam a meio do quarteirão quando ouviram passos apressados atrás de si. Wanda nem ousava esperar que fossem de quem ela desejava. Voltando-se depressa, deu com Augusto. O rapaz sorriu meio encabulado e falou:

— Seu Paulino, permite que eu os acompanhe até a sua casa?

— Claro, Augusto. É um prazer. Pena que, como não cabemos todos juntos na calçada, você tenha de ir ao lado de Wanda, atrás de nós!

Os dois jovens não puderam deixar de perceber o apertão que Dona Mila deu no braço do marido, no qual segurava, mas Wanda fingiu que nada viu, e o sorriso de Augusto acentuou-se mais ainda. A moça, voltando-se para fitá-lo, foi contagiada pelo sorriso dele. Uma onda de alegria encheu-lhe o coração e quase a sufocou. Para disfarçar, ela armou a sombrinha e, diminuindo um pouco o ritmo dos passos, pensou como gostaria que aquela caminhada durasse o dia todo.

* * *

O ritmo das férias continuou naquela mesma tranquilidade. Muitas horas para conversas, leituras, bordados, festinhas entre amigos. Sempre havia os momentos ansiosamente esperados, e cada vez mais frequentes, quando Wanda e Augusto se encontravam no mesmo grupo. Podiam então conversar um pouco, ficar juntos por alguns momentos sem chamar muito a atenção. Havia nesses grupos pessoas que se conheciam desde a infância, e que naturalmente formavam rodinhas de conversa.

Para Wanda, o moço de olhos verdes parecia cada vez mais simpático e amigo. Conversavam sobre tantas coisas... e sempre que se separavam parecia que mal haviam começado a falar sobre todos os assuntos que interessavam aos dois.

Sentia o coração palpitar sempre que pensava nele, e parecia que pensava nele o tempo todo. Gostaria de conversar com a mãe sobre o que se passava em seu coração, mas Dona Mila não tocava no assunto e ela achava difícil ser a primeira a falar. E por mais intimidade que tivesse com o pai, sentia-se agora tolhida por uma timidez, um enleio todo especial. Também, só de pensar em mencionar o nome de Augusto já ficava toda vermelha. Era a primeira vez que tinha um segredo só seu, muito doce, que lhe despertava as mais descontraídas sensações e parecia impeli-la rumo ao desconhecido. Por isso, ela media bem os passos e pensava, pensava...

Gilda, sim, a arreliaava constantemente a respeito do suposto "namorado", mas Wanda a desmentia energicamente. Se falasse qualquer coisa positiva, aí é que a irmãzinha não lhe daria mais sossego mesmo! E disso ela não precisava. De repente, Gilda parecia criança demais para entender o que ela sentia.

Para grande surpresa sua, a primeira pessoa com quem falou abertamente foi Dona Ritinha. Wanda havia ido à farmácia certo dia, a mandado da mãe, e lá encontrou apenas a mãe de Augusto limpando os vidros redondos e escuros que ficavam na prateleira atrás do balcão.

A simpática senhora recebeu-a alegremente.

— Como está, Wanda? E sua mãe?

— Muito bem, as duas, Dona Ritinha. Mamãe me pediu que viesse buscar um vidro de elixir paregórico, pois o nosso acabou.

— Ah, isso eu mesma posso providenciar. Carrinho e Augusto foram dar uma espiada na mulher de Nhô Bento, que não anda nada boa, e me deixaram sozinha. Qualquer coisa mais complicada tem de esperar a volta deles.

— Não, Dona Ritinha, hoje é só o elixir mesmo.

— Espere um pouco que vou lá dentro buscar um frasco. Acho que Carrinho já tem alguns prontos.

Enquanto esperava, Wanda correu os olhos pela farmácia. As paredes laterais eram cobertas por estantes fechadas com portas de vidro bisotado e bordado com desenhos geométricos foscos sobre o vidro transparente, através das quais se viam fileiras e mais fileiras de potes e vidros de cores diferentes, todos rotulados.

Sobre o grande balcão de mármore, encontrava-se um livro grande, onde todas as entregas de medicamentos eram anotadas. Uma pequena balança servia para pesar algumas mercadorias em pó que também eram vendidas ali.

A ordem e a limpeza eram impressionantes. Voltando da sala interior da farmácia, chamada de laboratório, onde os remédios eram manipulados, Dona Ritinha viu a moça examinando com atenção o livro de medicamentos, cujas anotações eram feitas em letra regular e de estilo marcante, meio quadrado.

— É Augusto quem cuida desse livro. Diferente a letra dele, não é mesmo?

— É, sim, Dona Ritinha. Estou tão acostumada com a letra redonda de professor que esta aqui me chamou a atenção.

— Isso é porque Augusto estudou em Itu, no colégio de padres alemães, e lá eles ensinam esse tipo de letra. É quase desenhado. Os professores são muito exigentes quanto à posição da mão para escrever, e a maneira de segurar a caneta.

Wanda forçou-se a desgrudar o olhar da letra que a fascinava. Não entendia bem porque tudo que dizia respeito a Augusto a interessava tanto! Voltando-se sorrindo para D. Ritinha, estendeu a mão para apanhar o remédio, mas a senhora continuava segurando o vidrinho, olhando-a com uma expressão ao mesmo tempo pensativa e penetrante.

— Minha filha, não me leve a mal, mas preciso fazer-lhe uma pergunta. Você gosta pelo menos um pouquinho de Augusto, não gosta?

Apanhada de surpresa, Wanda não conseguiu impedir que o rosto ardesse e a traísse completamente.

— Co-como? O que foi que a senhora disse?

Dona Ritinha notou a agitação da moça e falou com suavidade:

— Ora, Wanda, sei que fui indiscreta, mas preciso saber. Estou vendo meu filho cada vez mais apaixonado, e acho que você seria uma ótima esposa para ele. Só não quero vê-lo sofrer se você não corresponder aos sentimentos dele. Sabe, Augusto é diferente de Trajano. Trajano é alegre e muito brincalhão e foi bastante namorado antes de se casar. Já Augusto, eu nunca vi interessado em ninguém como está acontecendo agora, com você. Por isso me preocupo um pouquinho mais com ele.

Os olhos da senhora, sempre tão límpidos e alegres, estavam agora nublados por uma sombra de preocupação.

Sem saber bem por que, Wanda sentiu que o segredo guardado em seu coração ameaçava escapar, encorajado pelo interesse da mulher mais velha. Sentiu-se impotente para conter o jorro de palavras que lhe brotava dos lábios. Dona Ritinha ouviu em silêncio enquanto ela lhe falava de seus sonhos, seus anseios, suas dúvidas sobre o rumo que esse amor incipiente seguiria, seus sentimentos ainda vacilantes mas cada vez mais fortes.

Quando terminou, Dona Ritinha, cujos olhos não haviam deixado seu rosto por um momento sequer, falou pensativa:

— Acho que Augusto teve muita sorte em encontrar alguém como você, Wanda. Desde que a vi pela primeira vez, tive o pressentimento de que você é a moça certa para ele. Fico muito feliz por você ter-me contado o que está pensando. E pode ficar tranqüila, o que me disse é um segredo só entre nós duas.

* * *

Aparentemente, nada de importante mudou na vida de Wanda até o final das férias. Se Dona Ritinha era aliada do jovem casal, não dava a menor demonstração. Com muita sabedoria, deixava as coisas seguirem seu curso natural. A amizade e o amor entre Augusto e Wanda foi crescendo entre conversas no meio de toda a família, e em alguns poucos momentos em que logravam isolar-se dos outros, quando então podiam conversar mais à vontade sobre si mesmos. Aos poucos, muito lentamente, os planos de um passaram a incluir o outro, embora não explicitamente. Era como se houvesse entre eles um acordo, muito doce, muito especial, que coloria e iluminava o futuro, que lhes punha um brilho especial nos olhos, que lhes trazia constantemente aos lábios o nome do outro.

Nada disso passava despercebido aos pais e aos parentes e amigos mais chegados. Dona Mila fazia um ou outro comentário para a filha, mas não se abria de fato a confidências. E Wanda, depois daquela primeira conversa, não se sentia muito à vontade para falar sobre isso tudo com Dona Ritinha. Como, entretanto, precisasse sondar o que estava acontecendo em seu coração, passava horas e horas sonhando, imaginando, pensando.

* * *

O segundo ano da Escola Normal seguiu de perto a rotina do primeiro.

Antônio logo notou que Wanda já não apreciava tanto as suas atenções, e, embora continuassem bons amigos, ele não a procurava tanto quanto antes..

Por ordem de Dona Mila, Wanda teve de voltar à loja do Seu Fuad. A avó a acompanhou e não pôde deixar de divertir-se com os salamaleques do homem, que nem a atitude reservada e quase fria da neta desencorajava. Ali, Wanda comprou dois cortes de fazenda - uma seda leve cor-de-pêssego e uma escura, mais pesada, com boa caída - e as levou ao ateliê de Dona Angelina, que com eles confeccionou dois belos vestidos.

Wanda não pôde deixar de sentir que a mãe a estava empurrando de leve para fora do ninho, dando-lhe mais liberdade de ação, deixando que tomasse decisões pelas quais teria de assumir responsabilidade. E viu que estava gostando dessa liberdade.

Os dias eram cheios de atividades, estudos, aulas práticas, diversos trabalhos e gostosos momentos de sonhos e devaneios.

Augusto escrevia com freqüência, e era uma Wanda radiante que apanhava a carta sobrescritada com aquela letra meio quadrada, meio desenhada. A princípio, ele só falava das novidades locais, mas aos poucos começou a compartilhar sua maneira de ver as coisas, seus sentimentos mais superficiais, depois os mais profundos.

No final daquele ano já havia um entendimento tácito entre os dois de que haveria uma vida em comum para eles. Conversariam sobre isso quando estivessem juntos de novo.

Enfim, passou a época dos exames finais. Entregues os últimos trabalhos, saíram as notas. Wanda estava classificada entre os primeiros alunos da turma. Havia tirado notas excelentes em todas as matérias, e começava a se entusiasmar especialmente com as aulas práticas da área de alfabetização. Trabalhara horas a fio no preparo de material que facilitasse o aprendizado das primeiras letras por parte das crianças do grupo modelo.

Agora, porém, tinha as férias de verão pela frente. Aproveitaria para descansar e fazer alguns planos junto com os pais. Sabia que, se quisesse ingressar no magistério estadual, teria de esquecer a idéia de trabalhar na escola municipal dos pais e provavelmente ir começar a carreira numa escolinha rural. Teria muito mais trabalho, mas a idéia a atraía. Sentia-se uma pioneira.

E Augusto, onde figurava nesses planos? Teriam de conversar a respeito.

Assim que chegou a Sarapuí, Wanda arranjou uma desculpa para ir à farmácia. Desapontada, constatou que só Seu Carrinho estava atrás do balcão. Gaguejando um pouco, a moça o cumprimentou e pediu um vidrinho de água de colônia, por não conseguir pensar de pronto em coisa alguma de que estivesse precisando.

Já ia saindo quando viu Augusto vindo pela calçada. Wanda ficou parada no lugar, o coração batendo forte, a garganta seca. Será que a presença real do rapaz corresponderia a todos os seus sonhos?

De repente, estavam diante um do outro. Os ardentes olhos verdes, o rosto sério que tantas vezes tinha visualizado mentalmente cravavam-se agora em seu rosto. A intensidade do olhar fê-la baixar os olhos, enleada, mas a voz firme, brincalhona pô-la de novo à vontade.

— Então, "fessora", está de volta entre nós?

— Ah, Augusto, deixe esse "fessora" por enquanto. Ainda falta um bom ano para eu merecer o título.

— Por mim, você já é professora. Acho que é esse seu ar tão compenetrado...

Enquanto trocavam palavras banais, seus olhos falavam de coisas sérias, profundas. Todas as dúvidas de Wanda se desvaneceram. Era como se nunca se tivessem separado. Parecia tão certo estarem ali conversando à porta da farmácia! Teriam ficado ali por muito tempo se

Dona Ritinha não tivesse chegado dos fundos com a costureira bandeja de café para o marido e os fregueses que sempre a essa hora arroteavam a farmácia.

Quando se deparou com a moça, Dona Ritinha soltou uma exclamação de alegria e, colocando a bandeja sobre o balcão, dirigiu-se a ela sorrindo, de braços estendidos. Indo ao seu encontro, Wanda foi recebida com um abraço caloroso e muito carinho. A senhora segurou-lhe as mãos e olhou-a de alto a baixo.

— Sim, senhora, como você está bonita, Wanda.

— Bondade sua, Dona Ritinha — respondeu a moça, corando de prazer. Engraçado como não se sentia acanhada quando estava com a mãe de Augusto. Parecia haver entre elas uma estranha afinidade.

Seu Carrinho também a havia cumprimentado tão efusivamente que Wanda começou a desconfiar que alguma coisa havia transpirado entre Augusto e os pais sobre eles.

Quando Augusto se aproximou com uma xícara de café nas mãos para servi-la, ela o interpelou baixinho:

— Seus pais estão sabendo das nossas cartas?

— Claro que sim. Já lhes contei que estou apaixonado por você e que vou pedir licença a Seu Paulino para ficarmos noivos.

Que jeito mais esquisito de pedir alguém em casamento, pensou a moça. Ela vinha sonhando com esse momento, e com certeza jamais imaginou que isso ocorreria na frente de testemunhas, embora os outros não tivessem ouvido as palavras, e bem no meio de outras atividades. Além do mais, sentiu-se desapontada pela forma como parecia que os planos para a sua vida estavam sendo traçados sem ela ao menos ter sido consultada. Primeiro desapontada. Depois, um tanto irritada. E não pôde impedir que essa irritação transparecesse no tom seco com que perguntou:

— E será que ninguém quer saber o que *eu* penso disso tudo?

Os olhos de Augusto se arregalaram de surpresa, e, em seguida, de susto.

— Wanda, me desculpe. Não tive a intenção de passar por cima... O que quero dizer... Ora, mas é claro que *preciso* saber o que você pensa, antes de falar com seu pai.

De onde surgira aquela irritação, aquele desejinho perverso de contrariar o rapaz? Não gostava de sentir-se manobrada, mesmo que fosse na direção em que gostaria de ir. Sentiu um impulso de fincar os pés e deixá-lo sofrer um pouco, mas a perturbação nos olhos dele foi-lhe direto ao coração.

— Pois fique sabendo que... — Ela titubeou, mas acabou abrindo o coração e os lábios num sorriso radiante — ...tem toda a minha aprovação. Pode falar com Papai para ficarmos noivos.

— Ah..... que bom! — Uma palavra mais doce, mais íntima, ficou presa na garganta do rapaz, não tendo ainda recebido permissão para sair. Mas, em compensação, os olhos eram chamadas ardentes que a envolveram num manto de carinho e ternura, fazendo-a sentir-se bela e especialmente...mulher.

CAPÍTULO 5

ATÉ QUE A MORTE NOS SEPARE

Quanta correria naquele ano de 1905! Na Escola Normal, os estudos absorviam todo o tempo e a atenção de Wanda. Agora, ela tinha nas tias grandes companheiras para os trabalhos práticos requeridos.

Vó Miquelina reclamava que ninguém tinha mais tempo de ajudar na casa, mas sua expressão era de orgulho e prazer por ver as filhas e a neta terminando juntas os estudos.

Idas ao ateliê de Dona Angelina, a costureira, tomavam também boa parte do tempo livre de que Wanda dispunha. Iria precisar de algumas toaletes novas, e queria aproveitar enquanto estava perto de uma modista tão boa como Dona Angelina para facilitar essa aquisição. Da outra parte do enxoval, as roupas íntimas e de dormir, Dona Mila se incumbiria, usando os préstimos das costureiras locais. As tias participavam de tudo, dando palpites e sugestões, olhando a sobrinha com um novo que de respeito e admiração, talvez uma pontinha de inveja. Elas, que ainda não se haviam casado, sentiam-se felizes por estar participando tão de perto dessa magia que cercava os casamentos - festas, enxoval, planos, e principalmente as atenções especiais de um moço tão simpático.

O casamento ainda não havia sido marcado, pois Wanda necessitaria de algum tempo para iniciar sua vida de professora e aprontar as outras coisas de que precisaria. E Augusto teria de montar a casa, mandar fazer os móveis e comprar outros utensílios domésticos necessários. Provavelmente seria no início de 1906.

Antes disso, haveria toda a festança da formatura, no final desse ano. Era quase demais para qualquer cabeça. Wanda passava os dias cuidando de tudo o que precisava ser feito, mas quase sem notar o que fazia, a cabeça nas nuvens, um brilho feliz no olhar, uma nova lepeidez nos passos, uma suavidade nos movimentos, uma prontidão em sorrir que a tornavam bela a ponto de chamar a atenção de todos, na casa e na escola. Nem a rabugice de Seu Fuad ao saber do noivado, que o fez cobrar mais caro por tudo que D. Mila comprara na sua loja para o enxoval da filha, conseguiu produzir mais do que um arranhão jocoso na bolha de felicidade que a envolvia.

À cerimônia de formatura compareceu a família toda. Augusto também. Sua presença fez com que o jovem par ocupasse o centro das atenções. Wanda sempre se sentira querida e apreciada. Entretanto, percebia agora uma nova dimensão em sua vida pelo fato de ser querida e apreciada de um modo todo especial pelo noivo. Era como se algo maior do que tudo o que já fora ou que já tivera lhe pertencesse agora.

* * *

Um ano todo, 1905, se passou em compasso de noivado. Wanda conseguiu uma nomeação e começou a lecionar no início do ano, na escola isolada do Bairro da Várzea. Era uma escolinha freqüentada pelas crianças dos sítios vizinhos. Wanda sentiu-se meio perdida diante do contraste entre todas as teorias bonitas que estudara e a realidade de crianças às vezes mal-nutridas, descalças. Entretanto, descobriu ali, com surpresa e prazer, algumas mentes alertas, sequiosas de aprender. Via os poucos livros de que dispunham serem disputados por alguns marmanjos que nunca haviam podido colocar as mãos, já calejadas pelos trabalhos da roça, em material impresso. As crianças menores tinham de ser defendidas pela professorinha ou jamais teriam acesso a esse material.

Aos poucos, foi brotando dentro de Wanda um grande amor por aquelas crianças. A parte prática do que aprendera na Escola Normal foi de grande ajuda, mas mesmo assim ela se defrontou com tantos problemas novos que teve de recorrer à longa experiência dos pais. Nasceu assim uma nova forma de amizade e companheirismo entre eles.

Augusto acompanhava de perto essa aventura da noiva. Gostava de saber tudo o que acontecia na escola, e era um ouvinte atento e interessado.

Agora que o noivado era oficial, eles passavam mais tempo juntos. Faziam planos para o casamento e para a sua vida futura.

Já não havia entre eles nenhum constrangimento. Conversavam à vontade sobre quase todas as coisas. Wanda se sentia querida e apreciada. Esses sentimentos perduraram, sedimentando-se cada vez mais à medida que se aproximava a data do casamento, de tal forma que Wanda percebia agora um vácuo quando Augusto não estava ao seu lado.

Em meio a todos os planos e preparativos, dos quais participavam plenamente as duas famílias, poucos momentos havia para os noivos ficarem a sós, mas o pequeno distanciamento que se impunha apenas tornava mais doces as ocasiões que passavam juntos. Nem precisavam estar lado a lado. Bastava-lhes sentir-se perto um do outro. Seus olhos se buscavam constantemente, e mesmo no meio de todos os que os cercavam, eles estavam a sós, deleitando-se no seu amor.

O jovem casal moraria na cidade de Sarapuí, numa casinha alugada, que já estava sendo mobiliada por Augusto. Algumas peças eram usadas, vindo das casas das duas famílias, mas a maioria fora encomendada ao marceneiro local, um velho italiano habilidoso que se orgulhava muito do seu trabalho.

Enquanto trabalhasse fora da cidade, Wanda faria o percurso entre a cidade e a escola a cavalo. Exímia cavaleira, ela se deliciava com a perspectiva da cavalgada diária, embora tivesse de fazê-la também quando o tempo estivesse desagradável. Considerando isso, a mãe comprou para ela uma grande capa, que a protegeria num dia chuvoso.

Estava tudo pronto.

* * *

Na semana das bodas, marcadas para o dia 5 de março de 1907, começaram a chegar os parentes, e as casas das duas famílias foram ficando lotadas, com gente dormindo por todos os cantos. As refeições eram verdadeiras confraternizações. A criançada alvoroçada mal se continha durante essas horas, descontando em correrias e brincadeiras o resto do tempo. Quanta conversa, quanta novidade para pôr em dia!

Do lado de Augusto vieram amigos e parentes de Salto e de Itu, bem como Tio Franklin e Tia Augusta, irmãos de Seu Carrinho, esta última casada com o mano Hermano de Dona Ritinha.

Quando se tornou impossível alojar mesmo uma pessoa que fosse nas casas dos pais dos noivos, Seu Paulino teve uma idéia feliz. Como ex-coronel da polícia, requisitou a cadeia local, vazia e limpa como sempre, para acomodar alguns dos rapazes que tinham vindo mais cedo com o intuito de caçar perdizes para o jantar do casamento. Embora as instalações fossem confortáveis, viraram alvo de gracejos por parte dos outros convidados.

— Eh, Tônico, quanto tempo você vai ter de ficar na cadeia?

— Olhe, até que gostei! Só saio de lá para a festa. E mesmo assim só se me vierem buscar!

Até o único soldado que montava guarda à cadeia aderiu forçosamente à lista dos convidados e passou a ostentar um ar de anfitrião.

Aquela brincadeira tornou-se a marca registrada da maior festança de casamento daqueles dias.

— Você se lembra do casamento de Wanda?

— Aquele que teve gente até na cadeia? Como não?

* * *

O dia das bodas amanheceu claro, o ar mais fresco prenunciando o fim do verão.

Deitada em sua cama de solteira pela última vez, Wanda viu os raios dourados do sol entrarem pelo janelão, aberto como sempre, anunciados pelo cantar distante de um galo.

Seu olhar recaiu sobre o vestido de noiva, pendurado sobre a guarda alta da cadeira, as mangas bufantes entremeadas de rendas e delicadas nervuras, a saia ampla de muitos babados contrastando com o corpo justo, fechado nas costas por incontáveis botõezinhos de madrepérola. Como era lindo! Quantas horas a mãe havia trabalhado para produzir aquela delicadeza de bordado em renda e cambraia de linho. E Dona Angelina havia confeccionado com muita arte a obra prima da mãe. Era mesmo vestido digno de uma princesa!

Fora tudo providenciado com extremo carinho. Teria a assistência das tias para se aprontar (elas faziam questão disso!); de Nicanor, muito compenetrado da sua missão de ir procurar no brejo tudo quanto encontrasse de avenca para complementar as flores que enfeitariam a igreja e o próprio buquê da noiva; das amigas que a ajudariam na tarefa de fazer os arranjos e enfeitar o altar; o carinho e atenção amorosa de todos os convidados. O que mais poderia querer?

Mais uma vez, naquele dia especial, seu coração repleto de felicidade anelava pela face de Deus, mas ela, temendo ser castigada por tanta presunção, ajoelhou-se ao lado da cama para rezar o terço, enterrando no rito aprendido o anseio e a inquietação íntimos.

Foi assim que a mãe veio encontrá-la quando lhe trouxe o cafezinho numa bandeja enfeitada por um botão de rosa amarelo-ouro.

Nesse dia, Dona Mila sentou-se na cama, esperando a filha terminar a prece. Então, enquanto Wanda sorvia em pequenos goles o líquido escuro e cheiroso, ela falou hesitante:

— Minha filha, não conversamos antes sobre as obrigações que o casamento impõe à mulher, pois sei que você aprendeu bem a cumprir os seus deveres, e nunca nos deu senão

alegrias em tudo o que fez. No entanto, a vida de casada vai exigir sacrifício de sua parte. Muitas vezes você terá de escolher entre o seu próprio bem-estar e o de seu marido e de seus filhos. Sei que fará a escolha certa, mas não será fácil. Por isso, faça sempre o que fez hoje. Apegue-se à sua fé e aos santos, pois são eles que nos dão força para agir certo, mesmo quando isso for difícil.

Wanda sentiu um aperto na garganta. Poucas vezes a mãe se abrira assim com ela antes. Colocando a xícara na bandeja, ela tomou a flor, aspirou-lhe o perfume, e fitou a mãe com carinho:

— Tenho um bom exemplo aqui dentro de casa, Mamãe. E Deus há de me amparar e iluminar neste novo caminho.

— Deus...e os santos, minha filha. Não se esqueça.

* * *

A cerimônia civil foi às dez horas da manhã, ali mesmo na casa de Seu Paulino e Dona Mila. A religiosa deu-se à noite, após um farto jantar servido a todos os convidados, no qual um dos pratos principais foi perdiz ensopada. A pancada de chuva que caiu no meio da tarde refrescou bastante o ar.

A igreja estava repleta de amigos, parentes e até mesmo alguns curiosos. Wanda sentiu bem a presença dos santos, cujas imagens cercavam toda a nave. O Deus que buscava naquele momento, contudo, continuava distante, remoto, desconhecido, mais temido do que amado. Entretanto, foi para Ele que seu coração se voltou enquanto ouvia as palavras do padre sussurradas em latim. Compungida, assumiu no coração o compromisso de ser a melhor esposa que pudesse. Até Augusto, de pé ao seu lado, tão sério e compenetrado, parecia distante. E, no entanto, era com ele que se estava comprometendo pelo resto da vida. Antes que pudesse amedrontar-se ante o tamanho dessa responsabilidade, ele voltou para ela o rosto sério e deu-lhe uma piscadela. Aquilo foi tão inesperado que Wanda quase caiu na risada. Seu coração ficou leve. Ali estava o seu Augusto, o companheiro amoroso, alegre e brincalhão daquele último ano. Seriam felizes, isso ela sabia com certeza!

Após a cerimônia, todos os convidados retornaram à casa de Seu Paulino para a festa dançante que iria até a madrugada.

Enquanto serviam o chá e os doces, perto da meia-noite, Wanda escapuliu para trocar o vestido de noiva por um mais simples. Gilda, algumas primas e amigas a acompanharam para ajudar e participar mais de perto daqueles fascinantes momentos de transição entre a vida de solteira e a de casada, cada uma delas antecipando a sua vez de penetrar esse mistério.

— Vamos lá, Dona Wanda. Agora que já é uma senhora casada, que grandes e sérios conselhos pode dar a nós outras, pobres solteiras? — gracejou Leopoldina, uma boa amiga.

— Isso mesmo, isso mesmo — anuíram as outras em coro.

Wanda, do auge da sua felicidade, olhou carinhosamente os rostos juvenis e falou com voz emocionada:

— Desejo a vocês o mesmo que Deus me deu: o amor de um homem que toda a família quer bem e a felicidade de poder viver como esposa dele a vida toda. Que coisa melhor pode haver?

Uma por uma, as amigas puseram-se a abraçá-la.

No trole que já estava parado à frente da casa, Augusto esperava a noiva, perguntando-se o que a detinha. Gostaria de partir antes que o pessoal todo desse pela falta deles. De repente, a porta se abriu e lá veio Wanda, cercada por toda uma comitiva de parentes e amigas. Resignado, Augusto prendeu as rédeas ao lado da boléia e desceu para ajudar a noiva. Duas grandes malas já estavam acomodadas atrás, mas Wanda ainda trazia uma cestinha nas mãos. Dona Mila vinha atrás, carregando uma caixa redonda de papelão.

— Aqui estão alguns quitutes para vocês comerem mais tarde — disse ela ao genro. -- Tem um pedaço de bolo e uns docinhos para adoçar sua nova vida.

— Obrigado, Dona Mila. Que delicadeza a sua! — falou Augusto.

— Não há de que. Augusto....

— Sim, Dona Mila?

— Cuide bem da minha filha.

— Ela fala por mim também — interpôs Seu Paulino que se havia aproximado e agora dava um abraço apertado na filha.

— Sim, senhor. Pode deixar que cuidarei muito bem dela.

Wanda, sentada agora na boléia ao lado do marido, despedia-se mais uma vez, acenando um lençinho enquanto os cavalos, guiados pelas mãos firmes de Augusto, se punham a caminho, levantando uma pequena nuvem de poeira. Os convidados que ficavam tossiram, cobriram o nariz e voltaram para dentro da casa a fim de continuar a festejar.

O ploque-ploque compassado das patas ferradas sobre o chão batido embalou o casalzinho em sua jornada rumo à nova vida.

Aquela parte da curta viagem era simbólica. Passariam a noite em sua nova casa e seguiriam para Itu no dia seguinte. Augusto queria mostrar à esposa os lugares onde passara a infância.

A mão de Wanda procurou a do marido. Passando as rédeas para a outra mão, ele segurou a dela bem apertado. Reclinando a cabeça sobre o ombro dele, Wanda falou bem baixinho:

— Augusto, gostaria que nunca mais chegássemos, que pudéssemos continuar sempre como estamos agora, juntinhos, para sempre.

Roçando a face da esposa com os lábios, ele falou com voz emocionada:

— Querida, estaremos sempre juntos de agora em diante. É com isso que venho sonhando estes últimos tempos. Não ter de me despedir de você à noite e ir dormir em outra casa.

No escuro, que a fraca iluminação dos lampiões da rua não conseguia vencer, Wanda corou um pouco e sentiu o coração bater mais forte. Ela também não queria mais despedidas.

Quando chegaram, Augusto ajudou-a a descer. À luz prateada da lua cheia, a casa adquiria um ar misterioso, encantado. Ele abriu a porta da casa mas não entrou, avisando que iria cuidar do cavalo mas logo voltaria. Wanda entrou na casa que havia sido especialmente preparada para recebê-los. A fraca luminosidade de um lampião de querosene tornava o ambiente aconchegante. Um buquê de rosas amarelo-ouro num vaso de cristal, testemunha silenciosa do carinho e dos cuidados da mãe, dava-lhe as boas vindas ao novo lar. Depositando a cestinha de doces sobre a mesa, a moça apanhou uma vela que estava ali, acendeu-a e, com uma sensação esquisita a apressar-lhe as batidas do coração, dirigiu-se ao quarto.

Seu jarro de porcelana já se encontrava sobre o lavatório, coberto por uma toalha de linho. Wanda despejou um pouco de água fresca na bacia, lavando demoradamente as faces

afogueadas. Sentindo que o penteado caprichado daquele dia estava se soltando, ela tirou os grampos que mantinham os cabelos presos. Num gesto de alívio, ela sacudiu a cabeça e eles lhe despencaram pelas costas. Ouvindo um arquejo abafado, ela se voltou assustada, dando com Augusto parado à porta, uma expressão indefinível no olhar.

— Ah, hum... eu espero lá fora até você se aprontar — disse ele, a voz incerta.

Wanda nada replicou. Apenas fez um gesto de cabeça e esperou que ele saísse e encostasse a porta.

Com movimentos rápidos e nervosos, ela tirou a roupa que vestira poucas horas antes. A fina camisola de cambraia bordada e enfeitada com entremeios de renda já estava estendida sobre a cama. Vestindo-a depressa, Wanda enfiou-se por baixo dos lençóis. Esperando que as tumultuadas batidas do coração se acalmassem antes de Augusto entrar, ela fechou os olhos com força.

Algun tempo — ela nunca soube quanto — se passou. Estava tudo muito quieto.

Levantando-se, ela calçou os chinelos e, espiando pela fresta da porta, viu Augusto sentado na sala, pensativo, a pouca luminosidade enchendo de sombras seu rosto sério. Uma onda de carinho invadiu-lhe o coração, derretendo o constrangimento que a novidade da situação causava.

Ela se aproximou hesitante, a fina cambraia da camisola ondulando ao ritmo dos seus passos, o manto macio e acobreado dos cabelos captando a luz do lampião. Augusto ergueu-se e estendeu-lhe os braços, nos quais ela se aninhou.

Juntos eles se dirigiram ao quarto. No aveludado silêncio da noite, acordes musicais distantes denunciavam que a festa do casamento continuava animada. Ali perto, o leve farfalhar de folhas beijadas pela brisa se mesclava ao soprano estridente de grilos e o grave coaxar de rãs sonolentas para abençoar os dois jovens numa celebração radiante do amor conjugal.

CAPÍTULO 6

QUANDO A ROSEIRA FLORESCER

A casa, uma construção simples caiada de branco e coberta por telhas escuras, com janelas e portas pintadas de azulão, dava para uma tranqüila rua de terra.

O mobiliário, composto de algumas peças novas, mandadas fazer especialmente para o novo lar, e algumas vindas de sobras das casas dos pais, apresentava certo estilo que dava um ar agradável e aconchegante à primeira moradia de Augusto e Wanda.

A janela do quarto dava para um pequeno jardim, maltratado a ponto de estar quase irreconhecível. Uma cerquinha mambembe era a única confirmação da sua existência. Mas sua recuperação foi um dos primeiros projetos da nova dona da casa. Wanda não conseguia conceber uma casa sem flores, e logo meteu mãos à obra.

Primeiro, teve de arrancar todo o matinho que havia tomado conta dos canteiros; depois tratou os serviços de um jardineiro para afofar a terra e cavar os buracos onde ela mesma iria plantar as suas roseiras favoritas. Com mudinhas trazidas da casa dos pais, encheu o restante do canteiro com onze horas, o que lhe dava aquele arzinho verde o tempo todo, mesmo quando as florezinhas multicoloridas estavam fechadas.

— Não sei se vamos chegar a ver as nossas roseiras florescerem — disse ela ao marido certa tarde, à hora do serão, quando o sol já estava baixo no horizonte — mas não posso nem pensar em deixar o jardim do jeito que está.

Augusto tomou-lhe a mão e examinou-a atentamente, detectando algumas bolhas e asperezas causadas pelo trabalho a que não estava acostumada.

— Só não quero que se esforce demais com isso. Você já tem muito trabalho com a escola. Peça ao seu Tico que venha ajudar mais vezes.

— Ele já ajuda bastante. Mas há coisas que gosto de fazer eu mesma.

O marido sorriu-lhe, e depositou um beijo doce no lugar das bolhas. Ela o envolveu num olhar cheio de ternura.

— Depois, é a nossa casa, não é?

Ficaram em silêncio alguns instantes, mergulhados no encanto de estarem a sós, dentro de seu próprio lar, com muitos planos e muita energia para realizá-los.

— Já conseguiu organizar as séries na escola e botar os alunos para trabalhar? — perguntou Augusto.

— Oh, meu bem, não vai ser nada fácil. A maioria dos alunos antigos repetiu de ano. Eles não conseguem ler. E os novos, então, não têm a menor noção do que seja um lápis ou um caderno. São todos tão pobres! Terei de atacar o problema da higiene primeiro. Acho que muitos

têm piolho. E vermes. Bicho de pé, então, nem se fala! Só andam descalços. Nem sei se algum deles tem sapatos.

— Bem, talvez eu possa ajudar um pouco com a parte da saúde...

— Oh, Augusto, isso seria tão bom! — interrompeu a esposa entusiasmada. — Por onde vamos começar?

— Espere um pouco — retrucou Augusto, sorrindo do entusiasmo dela. — Preciso dar uma olhada nas crianças primeiro para depois ver o que podemos fazer. Talvez a gente possa convencer o dono da fazenda a fornecer alguns medicamentos.

— Claro! Seria um benefício para os colonos dele!

— Não vá se entusiasmando demais, não quero vê-la desapontada. Mas se quiser, posso ir junto quando falar com ele.

— Que bom, Augusto! Sei que ele dará mais atenção às palavras de um farmacêutico do que às de uma simples professorinha.

— Hum, não sei, não. Se for uma certa professorinha bonita que conheço, ele não tem vez. Além do mais — aqui a voz do marido se suavizou mais ainda enquanto ele tomava entre as mãos o rosto da esposa e a olhava profundamente nos olhos — você é irresistível quando se entusiasma desse jeito.

Os grandes olhos castanhos, agora mais brilhantes do que nunca, derreteram-se nos dele, e um beijo doce e demorado uniu os lábios anelantes.

"Como é precioso este nosso amor", pensou a jovem esposa enquanto a mão do marido soltava os grampos que lhe prendiam à nuca a farta cabeleira. Com um leve meneio da cabeça, Wanda ajeitou os cabelos sedosos e brilhantes que lhe desceram pelas costas como um manto, e voltou-se com fingida zanga para o marido:

— Olhe só o que você foi fazer. Agora vou ter de arrumar tudo de novo! — O olhar, entretanto, matreiro e provocante, desmentia as palavras.

Com um gesto rápido e inesperado, Augusto mergulhou o rosto nos cabelos da esposa enquanto lhe enlaçava a cintura, mantendo-a bem junto de si.

Sentindo um calor íntimo que a abençoava e a fazia sentir-se bela e especial, Wanda tomou as mãos do marido e recostou-se contra ele. E os dois deixaram-se ficar assim abraçados, gozando a doçura daquela preciosa intimidade, enquanto o sol afundava de vez no horizonte, mergulhando a saleta na escuridão da noite.

* * *

O projeto da saúde dos alunos contou com o entusiasta apoio do fazendeiro, que comentou ter saído lucrando um farmacêutico de plantão ao contratar a Professora Wanda. Esta não havia realmente precisado usar toda a munição de argumentos contra seu Olegário. Ele concordou tão depressa que Wanda agora já entrevia a possibilidade de obter sua permissão e promover aulas de saúde e higiene para as mulheres da colônia. Havia tanta necessidade de cuidados básicos com relação à saúde das mães e das crianças, que seria preciso estudar por onde começar. Mas isso teria de esperar mais um pouco. No momento, as crianças da escola eram a sua prioridade.

Os dias da semana passavam com rapidez, enquanto Wanda se concentrava em um esforço enorme de alfabetizar crianças muito necessitadas, tanto física quanto intelectualmente. Começava a trabalhar num método próprio de alfabetização com os alunos, método esse que parecia estar dando bons resultados.

Augusto continuava trabalhando com o pai na farmácia. Eles almoçavam juntos ali pelas dez horas da manhã, e depois Wanda saía para a escola e Augusto para a farmácia.

Aos domingos, o casal aproveitava para visitar os pais depois da missa a que todos compareciam. Eram sempre recebidos com festa, e sua presença era disputada pelos dois casais mais velhos com muitas concessões das duas partes. Quase sempre se reuniam todos para um ajantarado, que era tradição comum às duas famílias, e as duas sogras se empenhavam na produção de quitutes deliciosos e fartos.

Para Wanda, essas ocasiões eram muito especiais. Sentava-se agora na roda das mulheres casadas, todas com algum bordado ou crochê nas mãos, e enquanto trabalhavam, comentavam os últimos acontecimentos entre as pessoas conhecidas.

— Sabe que a Dona Siló está esperando outra vez?

— Não diga! Ela já está indo para o oitavo, não é? Com aquela criançada, não sei como ainda dá conta de fazer doces para vender.

— É mesmo. Mas ela tem boas empregadas. E as filhas mais velhas ajudam a tomar conta dos pequenos.

— Mesmo assim é trabalho que não acaba mais. As crianças dela são muito educadinhas, e vão bem na escola.

— Wanda, comprei dois tijolos de goiabada dela na semana passada. Leve um para vocês quando forem embora.

— Obrigada, Mamãe. Estou precisando. Ainda não fiz nenhum doce lá em casa.

— Nem se preocupe com isso por enquanto. Só para duas pessoas é mais fácil comprar pronto. E ajuda a Dona Siló também.

E assim algumas horas se passavam em conversas animadas enquanto as mãos ágeis voavam nos trabalhos de agulha.

Os homens sempre se reuniam em outra roda ali por perto, comentando as últimas da política nacional e local, bebericando café. De vez em quando, algum comentário que faziam levava as senhoras a interromper sua conversa e prestar atenção. Às vezes, elas davam palpite sobre o assunto, palpite esse que era ouvido e algumas vezes incorporado aos debates. A recém-instalada república era alvo de todo tipo de discussão e um dos tópicos favoritos. Dona Ritinha, instruída pelo pai nos trambiques políticos do velho continente europeu, não tinha opinião muito boa do que estava acontecendo com a mudança de governo. E tinha uma opinião de peso para corroborar a sua.

— Carrinho, conte prá eles o que aquele barbeiro lá de Itu lhe disse quando foi proclamada a República.

— Ora, Ritinha...

— Vamos, conte.

— Conte, seu Carrinho — insistiram todos os outros.

Meio sem jeito, ele falou:

— Bom, não é nenhuma opinião muito abalizada. Eu, como sabem, era republicano entusiasta desde bem moço, seguindo o exemplo de meu pai, o Payaguá da Convenção Republicana de Itu. Sempre achei que a república era a solução para os problemas que o império vinha acumulando - inflação, corrupção, e tudo o mais. Bem, quando veio a proclamação, houve uma grande festa em São Paulo, da qual eu não poderia deixar de participar. Fui ao nosso barbeiro cortar o cabelo e fazer a barba, pois queria ir bem alinhado. Seu Bepe veio da Itália, e não tinha lá muitas ilusões políticas. Sempre argumentava comigo, dizendo que não ia adiantar nada mudar de governo. Naquele dia, eu estava eufórico, e não me contive. "Então, Seu Bepe, o que me diz agora? Conseguimos mudar o governo. O senhor vai ver como as coisas vão melhorar." Ele me olhou, alisando a navalha na mão esquerda, e comentou com aquele ar resignado: "Chi, menino, o imperador é um só, e boi gordo come pouco. Agora vai entrar uma gadaria magra. Você vai ver, não há pasto que chegue!"

Caíram todos na risada. Seu Carrinho, imitando o sotaque do velho italiano, era impagável. E ele concluiu:

— Não há de ver que seu Bepe tinha razão? O pasto está ficando cada vez mais escasso de tanto gado magro que está subindo.

A conversa voltou-se para o preço dos gêneros alimentícios, que estava aumentando além da conta. E o governo não tinha solução para o problema...

Assim se passavam essas horas tranqüilas de domingo, quando a convivência com a família maior era tão especial. Porém, mais especial ainda para Wanda era o momento de se despedirem e voltarem para sua própria casinha. Iam sempre conversando animados.

Certa tarde de domingo, quando saíram da casa dos pais, resolveram esticar a caminhada e dar uma volta para gozarem o ar fresco do entardecer. Wanda, tomando o braço de Augusto, comentou com ar de preocupação:

— Augusto, você notou como Papai anda meio cansado?

— É, ele parece estar com um pouco de falta de ar, não é mesmo?

— Será que ele está com algum problema sério?

— Ah, acho que não! Se houvesse alguma coisa, Papai teria comentado comigo.

— Você não quer pedir a Seu Carrinho que fique de olho em Papai?

— Amanhã mesmo. E pode ficar sossegada. Se ele achar que há alguma coisa, a gente leva seu pai a São Paulo para consultar um médico de lá. Pena que meu avô já tenha morrido.

— O Dr. Engler?

— É. Mamãe está sempre falando de como ele era bom para diagnosticar qualquer moléstia. Ela deve ter-lhe contado sobre ele, não é?

— E como! Pude perceber que Dona Ritinha sentia verdadeira adoração pelo pai.

— Bem, ele já era meio velho quando ela nasceu, pois Mamãe é filha do segundo casamento dele. Ele já tinha filhos moços quando se casou com minha avó. E sua fama de médico já era grande.

— De que parte da Alemanha era a família dele?

— De Leipzig, parece. O pai o obrigou a fazer o curso de engenharia, mas o que ele queria mesmo era ser médico. Assim, depois que terminou a engenharia, fez o curso de medicina. Foi como engenheiro que veio ao Brasil, contratado para construir estrada de ferro perto de Itu. Depois que o trabalho terminou, ele se casou com a primeira mulher, que era de

família de Salto, e começou a clinicar. Acabou ficando famoso, pois era um médico de mão cheia. Tornou-se amigo do Imperador D. Pedro II, que o procurava sempre que passava por Itu.

Augusto interrompeu o relato, que Wanda seguia com o maior interesse, e perguntou com ar de provocação:

— Você sabia que ele era protestante? E luterano, ainda por cima!

Uma expressão de choque no rosto da esposa lhe deu a resposta antes mesmo que ela dissesse qualquer coisa.

— Protestante?! Sua mãe nunca me contou isso!

— Acho que ela não fala muito no assunto.

— E o que é luterano? É pior que protestante?

Augusto caiu na risada, mas Wanda não o acompanhou. Estava séria e seu rosto tinha uma expressão aflita.

— Ora, querida, não sei muito bem, mas acho que é um seguidor de Lutero, aquele monge maluco que começou toda essa encrenca. Mas meu avô não obrigou ninguém a seguir a religião dele. A família toda é católica.

Wanda deu um suspiro de alívio. Apesar da convivência amistosa que tivera com as duas protestantes na pensão da avó, sabia que, como boa católica, devia manter-se o mais longe possível dessa gente. Era o que o padre dizia sempre que alguém tocava no assunto.

— Mas há algumas coisas que ele passou para a família — continuou Augusto pensativo, lembrando-se das histórias que a mãe sempre contava. — Ele tinha um livro em alemão, de onde tirava umas histórias muito interessantes que contava à Avozinha e aos filhos. Eu sei algumas delas, pois Mamãe as contava para nós desde que éramos pequenos. Tem a história de um tal Abraão, de Moisés, de José e de outros. A de José é a minha favorita.

— Ah, conte para mim, Augusto. Você sabe quanto gosto de histórias. E dessas eu nunca ouvi falar.

— Está bem. Deixe-me ver quanto me lembro. Sei que esse tal José era filho de um homem que também se casou duas vezes, com duas irmãs. Só que ao mesmo tempo. E José era filho da esposa mais querida.

— Ué, como o pai dele foi casado com mais de uma mulher ao mesmo tempo?

— Isso aconteceu no tempo antigo, quando a poligamia era permitida. Bem, acontece que José teve onze irmãos, sendo que só um deles era irmão de pai e mãe.....

Wanda ficou tão fascinada com a história e Augusto tão entretido em contá-la que, quando perceberam, já haviam chegado.

— Da próxima vez que estiver com Mamãe -- arrematou Augusto quando já entravam pela porta da casa -- peça-lhe que conte melhor esta história, pois tenho a certeza de ter esquecido muitos detalhes.

— Será que essas histórias não são coisa de protestante, Augusto? Se forem, não entendo porque essa que você me contou é linda. Depois quero que me conte as outras.

— Vamos fazer um trato. Cada semana, uma história. O que acha?

— Concordo.

Foi só quando estava quase adormecendo que Wanda se lembrou da preocupação com a saúde do pai que havia iniciado toda aquela conversa. Ela deu leve cutucada no marido.

— Augusto, já está dormindo?
— Se estivesse....
— Augusto, não brinque. Você não se esquece de falar sobre Papai com Seu Carrinho amanhã?
No escuro, a mão de Augusto procurou o rosto da esposa e o puxou para si, enquanto ela se aninhava contra ele.
— Não se preocupe, querida. Papai e eu ficaremos de olho no seu pai.
A voz dela estava trêmula:
— É que ele é tão querido para mim! Sempre fomos muito amigos. E, de repente, percebi que ele está envelhecendo....
Augusto interrompeu-a:
— Ele ainda é muito moço e forte, Wanda.
Tranqüilizada pelas palavras enérgicas do marido e pelo calor dos seus braços em torno dela, Wanda adormeceu contente.

* * *

A primeira mudança na vida do casal veio de maneira inesperada.
Trajano, o irmão mais velho de Augusto, era farmacêutico licenciado e estava morando em Amparo nessa época. Ele se casara alguns anos antes do irmão, com uma moça de Jundiáí. Escolástica, mais conhecida como Colaquinha, era filha do Barão de Japi e fora criada com todo o luxo e mimo. Era uma moça alegre e enérgica, de quem Wanda ficara amiga desde que se conheceram. Como logo depois de casada começassem a chegar os filhos, e a vida de farmacêutico não pudesse ser comparada com a de um barão, precisava de toda a sua energia para dar conta da casa e dos filhos, mas nem por isso perdia seu jeito alegre e animado.

Talvez por influência da amizade que unia as duas cunhadas, Trajano mandou convidar Augusto para ir ajudá-lo na farmácia em Amparo. Ele estava precisando muito de um auxiliar competente, e não havia ninguém na região que tivesse o conhecimento de Augusto na arte de preparar as poções e os medicamentos que o farmacêutico muitas vezes tinha de receitar ele mesmo.

Trajano, seguindo o costume da época, havia aprendido o ofício com o pai, e trabalhado por uns tempos junto com um médico de Jundiáí, que lhe ensinou tanto quanto podia. Depois de preparado, prestou exame no palácio do governador de São Paulo, e licenciou-se farmacêutico, o que significava que podia ter seu próprio estabelecimento. Já Augusto, apesar de ter quase tanto conhecimento quanto o pai e o irmão, não tinha interesse em ser farmacêutico a vida toda. Seu sonho era outro.

Quando veio o convite do irmão, ele pensou primeiro que a esposa fosse preferir que ele não aceitasse. Afinal, teriam de mudar-se para longe dos pais de ambos e perderiam a convivência com as famílias e aquelas gostosas tardes de domingo que eram uma parte tão importante de suas vidas.

Certa tarde, depois do jantar, Wanda estava sentada à mesa da copa, trabalhando nos cadernos dos alunos, o que fazia parte da sua rotina diária como professora. Augusto sentou-se ao seu lado e tomou-lhe a mão, obrigando-a a parar o que fazia.

Olhando o rosto sério do marido, Wanda percebeu que algo o perturbava.

— O que é, Augusto?

— Wanda, precisamos conversar. Recebi uma carta de Trajano hoje.

— Ah, é? Que notícias ele dá?

— Estão todos bem. Sabe, ele me perguntou se eu não gostaria de trabalhar com ele por uns tempos lá em Amparo.

Os olhos de Wanda arredondaram-se de surpresa. Ela sempre soubera que provavelmente se mudariam de Sarapuí, mas não imaginava que seria tão depressa.

— Será que eu conseguiria uma escola por lá?

Agora foi a vez de Augusto ficar surpreso.

— Quer dizer que você iria, sem mais esta nem aquela?

— Claro que sim. Se você quiser ir, eu irei também. Mas não gostaria de deixar as minhas crianças antes do fim do ano. Afinal, elas já tiveram tantas professoras que não precisam de mais uma troca no meio do ano letivo. Será que dá para esperar até lá?

— Tem de dar. Vou escrever a Trajano, então.

— Mas, Augusto, e seu pai?

— Já falei com Papai. Ele está de acordo, e acha que a experiência vai ser muito boa para nós dois. Diz que estamos muito perto das duas famílias, e que precisamos de um pouco mais de distância para o nosso casamento amadurecer.

— Nossa, achei que éramos tão independentes!

— Não dá para ser muito independente quando está todo mundo ao nosso redor. Lá em Amparo teremos Trajano e Colaquinha, mas aí é diferente. A palpite de irmão a gente não liga muito.

A moça ficou pensativa. Seria essa a segunda vez que estaria indo morar numa cidade diferente daquela onde crescera, só que agora seria como mulher casada, dona de sua própria casa. De novo sentiu aquela sensação de estar prestes a alçar vôo, de embarcar numa aventura emocionante.

— Augusto, sabe o que o meu nome significa?

— Não, nunca pensei em perguntar.

— Bem, eu já. Ninguém sabia, mas sua mãe me contou que é um nome de origem alemã, e que quer dizer peregrina. Talvez seja por isso que eu veja uma mudança como aventura. Lógico que vou ter saudades daqui e das famílias, mas tenho até vontade de começar já a fazer planos para a nossa nova casa.

— Devagar com o andor, querida. É melhor eu escrever a Trajano dizendo que estou interessado, e ver o que ele está realmente pensando.

Wanda voltou ao trabalho enquanto Augusto foi pegar papel, caneta e tinteiro para escrever ao irmão nessa mesma noite. Com o serviço de correio de que dispunham, quem sabe quando Trajano receberia a carta que fosse enviada no dia seguinte? Além do mais, já estavam no comecinho de outubro e, se fosse para mudarem, queria resolver a situação até o fim do ano para poderem procurar uma colocação para Wanda. Apesar da prontidão da esposa em aceitar a mudança, não ia ser fácil para ela deixar a família e ir morar em outra cidade. Se estivesse lecionando, o tempo de adaptação passaria mais depressa.

Quando foram dormir, os dois já pressentiam que talvez não vissem florescer suas roseiras.

CAPÍTULO 7

RUDE DESPERTAR

Era uma tarde quente e abafada, que já prenunciava o verão. Sentada na rede que ficava no canto da sala, Wanda, com um dos pés apoiado no chão, impedia que esta balançasse. Seus olhos, perdidos na distância, fitavam sem ver o céu muito azul recortado pela abertura da janela. Algumas nuvens gordas e muito brancas, quase imóveis, produziam um pouco de sombra e alívio naquele instante.

O mal-estar que sentira aquela manhã havia passado, mas a deixara fraca e meio enjoada. Augusto passaria fora o dia todo, pois precisara ir levar uns remédios a uma fazenda distante, para um amigo doente de seu pai. Quando o sangramento começara, ele já havia saído. Wanda achou melhor manter-se em repouso até ele voltar. Mandou a empregada chamar D. Ritinha, pois seus pais estavam na escola. Quando soube que a nora não passava bem, vieram seu Carrinho e dona Ritinha saber o que estava acontecendo.

Pela expressão pesarosa do sogro, Wanda percebeu que pouca esperança havia de não ter perdido o bebê cuja concepção tanta alegria havia trazido às famílias do casal. Seu Carrinho recomendou repouso absoluto por alguns dias, e dona Ritinha ficou para fazer-lhe companhia até que ela se sentisse melhor.

Agora que a sogra se fora, ela deixou-se ficar ali, os pensamentos vagueando pelas lembranças dos últimos dias, e por quantas mudanças havia passado sua vida.

A notícia da gravidez havia posto todo mundo em polvorosa. As duas futuras avós já debatiam quantas peças de enxoval seriam necessárias e quem iria fazer o que. Gilda, encantada com o novo papel de tia, já começara a aprender com a mãe a fazer sapatinhos de tricô, com lã bem fina, e os que já estavam prontos eram uma mimosura. Envolvidos numa alva toalha de linho já havia três pares, as primeiras peças do enxoval do nenê.

Tanta alegria, tanta festa. E agora, esse vazio, esse nó na garganta....

Por que, meu Deus? Buscava diretamente a Deus agora, embora achasse que não deveria fazê-lo. Deus era muito distante, grande demais para ser incomodado com essas coisas pequenas da vida. Mas seu coração entristecido ansiava por um conforto que as rezas e devoções pareciam incapazes de dar. Por isso as buscava com tanto desespero.

Confusa, inquieta, chamou a empregadinha que a ajudava com os serviços da casa. Cida atendeu-a prontamente.

— Cida, quer me trazer um pouco de água? Estou com muita sede.

— Consegui uns limões com minha mãe, Dona Wanda. Quer que eu faça uma limonada para a senhora?

— Seria muito bom, Cida. É limão-rosa?
— É, sim, senhora.
— Melhor ainda.
— A senhora não quer comer alguma coisa? Está muito pálida.
— Que pálida, que nada, Cida. Não precisa ficar com essa cara assustada. Eu estou bem. Só um pouco indisposta. Para você ficar mais sossegada, vou comer um pouquinho de mingau. Está bem?

— Sim, senhora.
— E depois podemos estudar um pouco as suas lições. Só porque não pude dar aula hoje não quer dizer que você vai ficar sem estudar.

A mocinha dirigiu-se à cozinha com passos leves e expressão aliviada. Sentia-se muito feliz por poder ajudar a professora com os trabalhos da casa pois, quando lhe contratara os serviços, Dona Wanda havia deixado claro que, se quisesse trabalhar para ela, Cida precisaria aprender a ler e a escrever. E como ela desejava isso! Tivera de ajudar em casa desde muito pequena, e nunca pensara que teria a oportunidade de aprender a ler. Vibrava com a idéia e se esforçava ao máximo, embora tivesse certa dificuldade em identificar as letras nas sílabas e nas palavras. Mas Dona Wanda tinha uma paciência de anjo, como Cida gostava de dizer. E ela já estava quase no fim da cartilha.

As duas estavam sentadas à mesa, com Cida trabalhando laboriosamente à luz do lampião nas lições que Wanda lhe passara, quando Augusto chegou.

Cida serviu o jantar e depois retirou-se.

Augusto parecia distraído e a esposa pensava em como dar-lhe a notícia do que havia acontecido quando ele sentou-se ao lado dela no pequeno sofá, tomou-lhe as mãos, e fitando-a com ar sério, falou:

— Querida, tenho uma notícia para você que não é nada boa.

Wanda passara o dia todo tão concentrada no seu problema que por um momento achou que Augusto havia adivinhado e era disso que ia falar.

— É sobre Seu Paulino.

— Papai?!

Os pensamentos da moça rodopiaram vertiginosamente, dando-lhe leve tontura.

— Wanda, você está bem? — perguntou Augusto ansioso, só então notando a palidez da esposa.

— Sim, sim, não é nada. O que há com Papai?

— Achamos que ele está com algum problema meio sério, provavelmente de coração.

— De coração? Ai, meu Deus!

— Vamos, querida, não é tão perigoso assim!

— Mas, Augusto... coração...!

— É, eu sei, mas há um médico em São Paulo que é muito bom. Papai está convencendo seu Paulino a ir consultá-lo.

— Coitado do Papai...

As lágrimas, retidas a custo durante todo aquele dia, jorraram irresistivelmente e escorreram pelo rosto pálido.

Augusto, confrontando pela primeira vez as lágrimas da esposa, ficou aflito, sem saber como confortá-la. Desajeitado, enfiou a mão no bolso e tirou um lenço todo amarrotado, tentou alisá-lo e ofereceu-o à esposa com um gesto hesitante.

Sem ver a mão estendida, Wanda debruçou-se sobre o peito dele, soluçando, deixando que a camisa dele lhe absorvesse as lágrimas.

Augusto acariciava a cabeça da esposa e lhe dava umas batidinhas nas costas. Com sabedoria tirada de onde nem ele mesmo saberia dizer, pressentiu que ela precisava chorar até as lágrimas cessarem espontaneamente.

Os soluços foram se espaçando aos poucos até pararem por completo, deixando a moça cansada mas imensamente aliviada. Então foi a sua vez de dar a má notícia. A reação do marido, contudo, surpreendeu-a pela intensidade. Ele a abraçou com força, apertando-a contra o peito, sem conseguir dizer uma palavra. Wanda, contudo, pôde sentir perfeitamente a angústia dele fundir-se com a sua. Ficaram longos minutos assim. Para Wanda, foi como se um bálsamo, derramado sobre sua tristeza, a tornasse mais suave, embora mais dolorida, agora que era compartilhada por ele. Augusto levou-a imediatamente para a cama e decretou repouso absoluto por pelo menos dois dias, até que a situação do sangramento se definisse.

— Vou pedir a Mamãe que venha ficar com você, pois sua mãe não pode deixar a escola.

— Não precisa, Augusto. Dona Ritinha e Seu Carrinho já estiveram aqui hoje, e ela passou algumas horas comigo. Prometo que fico bem quietinha. E a Cida está aqui para me ajudar. Se precisar, mando chamar correndo um de vocês.

O dia seguinte passou vazio e triste. Wanda ficou horas e horas com os olhos fitos no espaço, olhando sem ver. Nunca se sentira tão abatida assim. Os pais foram vê-la e tentaram consolá-la, mas sem muito êxito. Vendo o pai com aquele ar meio cansado, ela ficou mais triste ainda. O que haveria de errado com a saúde dele?

Entretanto, só uma coisa lhe dominava a mente.

Perdi meu filhinho. Nunca o verei. Nunca o carregarei...

Pensamentos dolorosos coruscavam por sua mente como relâmpagos fugidios. Passavam por ela, sim, mas sem deixar qualquer traço de sua presença, sem chegar a tocar a essência do seu ser, reduzido agora a um grande vácuo - vazio de sensações, de sentimentos, de luz, de lágrimas. Era como se toda a sua pessoa estivesse agora contida nesse vácuo central, no qual uma vez ela existira, vibrante e feliz. Parecia impossível que as coisas pudessem mudar tanto em tão pouco tempo.

Augusto ficou preocupado. Sabia que o golpe fora grande, e a primeira grande tristeza na vida da esposa, mas ansiava pelo momento em que ela retornasse de corpo e alma à vida. Respeitava o retraimento em que Wanda se escondera e, com muitos carinhos e agrados, procurava minorar o seu sofrimento. Sem saber o que mais fazer, pediu à mãe que fosse passar algumas horas com ela durante o dia e tentasse distraí-la.

Apesar de Wanda insistir que não era necessário, e demonstrar que preferia realmente ficar a sós, Dona Ritinha veio passar uma tarde com ela. A princípio, Wanda sentiu ímpetos de se fechar no quarto e mandar dizer que estava indisposta, mas como sua educação não lhe permitia fazer isso, recebeu a sogra, embora falar com quem quer que fosse representasse um enorme esforço. Contudo, foi vencida pela discrição e o bom-senso da mulher mais velha, temperados que eram por uma atitude carinhosa e franca.

Quase sem perceber, começou a abrir-se com ela, falando e falando dos seus sonhos, dos seus desejos, da imensa tristeza que ainda a dominava, apesar de todos os argumentos práticos que empregara para afastá-la. Dona Ritinha deixou-a falar, ouvindo atentamente não apenas o que as palavras revelavam, mas também o emaranhado de sentimentos vivos por trás de toda aquela tristeza. Era essa atitude que fazia Wanda sentir-se mais à vontade com ela do que com a própria mãe, muito amorosa, porém de temperamento mais seco e prático.

À medida que ia falando, Wanda sentiu que a dor, até então sufocante, se transformava numa dorzinha difusa, que apagava a luz radiante do sol, dando a tudo um tom acinzentado, uma sensação de fracasso e de perda, mas com a qual era possível viver. Era como se um pesado e sombrio véu começasse a ser erguido, deixando-a entrever a luminosidade distante.

— Sabe, Wanda — disse-lhe a sogra enquanto se achavam sentadas na saleta da frente, Wanda bordando e Dona Ritinha tirando uma amostra de crochê — também perdi meu primeiro filho.

— Ora essa, eu não sabia, D. Ritinha.

— Pois é. Não falo quase sobre isso. Só que o meu já era grandinho.

A novidade fez com que Wanda fitasse a sogra com grande interesse.

— Grandinho?

— É. O nome dele era Carlos Augusto, e já tinha mais de dois anos. Naquela época, logo que nos casamos, Carrinho trabalhava como capataz de obra na construção da Estrada de Ferro Ituana, que liga Itu a Mairinque. Mamãe achava que eu devia ficar morando na cidade enquanto ele estivesse trabalhando no mato, mas eu não quis saber disso. Não me havia casado com ele para ficar longe. Fomos morar num rancho meio isolado, cheio de enormes frestas, por onde a gente podia enxergar o que estava acontecendo lá fora. Um dia, quando Carlinhos tinha uns três meses, eu trabalhava de olho nele, deitadinho na rede do canto da sala, quando percebi que a rede estava balançando. Demorei um pouquinho para notar que não havia motivo para isso acontecer. Quando cheguei perto para ver do que se tratava, quase morri de susto. Uma enorme onça pintada havia enfiado a pata por uma fresta perto da rede e tentava puxar a rede para o lado de fora. Fiquei quase louca. Fiz tanto barulho que a onça se assustou e foi embora.

Wanda, os olhos pregados na sogra, abandonara o bordado sobre o colo, participando de coração da aventura. Como Dona Ritinha tirasse uns momentos para reviver a cena, ela perguntou impaciente:

— E daí, Dona Ritinha?

— Beeem — falou a sogra, voltando relutantemente ao presente. — Ah, é. Bem, o que aconteceu depois foi que fiz Carrinho me dar de presente uma espingarda que aprendi a usar. Pedi também um serrote e um martelo, e tapei todas as frestas daquele rancho. Mamãe çaçoava que eu era a única mulher que pedia essas coisas de presente de aniversário. Eu me orgulhava disso, pois me achava muito decidida e forte, mas ainda tinha muito o que aprender, Wanda. Muito.

Mais uma vez a mulher mais velha perdeu-se nas reminiscências. Wanda, agora completamente esquecida de sua dor, esperou com paciência, trabalhando em silêncio.

Quando retomou o fio da história, a voz de Dona Ritinha trazia um que de tristeza.

— Quando já estava com dois anos, Carlinhos ficou doente. Carrinho trouxe de Itu um remédio que o menino detestava tomar. Eu, aquela mulher tão decidida, que brigava com onça

pelo filho, fiquei com dó de forçá-lo e fui deixando que ele ficasse sem tomar o dito remédio. Por algum tempo, parecia que o menino ia mesmo sarar sozinho, mas, de repente, ele deu uma volta violenta para pior, com febre muito alta, e morreu dois dias depois de pneumonia. Ai, meu Deus, que agonia a minha! Carrinho tentou me consolar, dizendo que não era por eu não ter obrigado o menino a tomar o remédio que ele havia piorado tanto assim, mas nunca me convenceu totalmente. Até hoje, depois de tantos anos, ainda vejo a carinha dele, olhando para mim com os olhos brilhantes de febre, reclamando de dor nas costas, tossindo, tossindo de dar pena...

Por breves momentos, o rosto da senhora assumiu um ar perdido, distante, como se ela estivesse ainda ouvindo o som daquela tossezinha dolorida, pertinaz. Wanda, o coração apertado, não se atrevia a interromper aquele devaneio.

Enfim, Dona Ritinha sacudiu com energia a cabeça, deu um sorriso encorajador à nora e falou com voz firme.

— A vida é assim, minha filha. A dor melhora, fica meio esquecida até que alguma coisa a traz de volta. Aí você percebe que ela estava ali no coração o tempo todo, escondidinha. Mas nunca some de vez. E a gente vai vivendo e aprendendo. Depois dessa experiência, nunca mais deixei de medicar os outros meninos. Se algum deles fazia fita para tomar remédio, eu o prendia no meio das pernas, apertava as bochechas até o bichinho abrir a boca e socava o remédio goela abaixo. É por isso que são todos fortes.

Agora foi a vez de Wanda ficar pensativa, enquanto os dedos ágeis manejavam a agulha que produzia uns pontinhos de haste muito iguais, muito delicados. Sabia que sua tristeza não se podia comparar à de perder uma criança que já fazia parte da vida e do coração dos pais.

Cismava se algum dia iria se esquecer da dor que agora era tão viva, tão pungente, por aquele filho que jamais carregaria.

Vendo-a triste de novo, Dona Ritinha procurou mudar o rumo da conversa.

— Bem, agora chega de falar em coisas tristes. Vamos, conte-me como vão indo as crianças da escola.

Wanda pensou um pouco, mudando com esforço o rumo dos pensamentos.

— Olhe, Dona Ritinha, até agora o progresso tem sido mais lento do que eu esperava. Desconfio que a maioria dos alunos não come direito. E como pode uma criança aprender assim?

Como Dona Ritinha previra, o assunto tão querido do coração da nora arrebatou-a, e ela falou sobre suas dúvidas, seus planos por muito tempo.

Era o processo da cura, da continuidade da vida, que se iniciava.

Quando se despediram algumas horas depois, Wanda abraçou a sogra com muito carinho e gratidão.

— Obrigada, Dona Ritinha. A senhora nem imagina o bem que me fez a sua visita.

— Eu é que gostei, Wanda. Foi muito boa a nossa conversa, não foi?

Como resposta, a nora abraçou-a de novo. E assim selavam mais estreitamente aquela amizade que se tornava cada vez mais profunda.

* * *

A volta à escola ajudou Wanda a recuperar-se, tanto física quanto emocionalmente. Embora continuasse com aquele que de tristeza a apertar-lhe a garganta quando se lembrava, as atividades e as exigências do trabalho lhe absorviam a atenção e quase o tempo todo.

Algumas vezes ia de charrete à fazenda, mas na maioria das vezes ia a cavalo mesmo, seu modo preferido de transporte. Era quase uma hora de cavalgada, e um tempo que passava agradavelmente depressa, enquanto a mente fervilhava com planos e projetos. Ela pretendia melhorar o método de alfabetização que vinha desenvolvendo para tentar atingir aquelas crianças tão carentes da escolinha rural.

Certo dia, quase três meses após o incidente que tanta tristeza lhe trouxera, Wanda estava no meio de uma lição de leitura da terceira série quando notou um alvoroço incomum das crianças.

Voltando-se para ver o que as perturbava, Wanda deu com o marido apoiado ao portãozinho de entrada da sala de aula. Interrompendo a leitura de um menino grandalhão, que gaguejava penosamente esforçando-se por ler em voz alta uma poesia, Wanda dirigiu-se até Augusto, um ar de preocupada interrogação no rosto.

— Wanda, é melhor dispensar os alunos. Você tem de vir comigo agora mesmo.

— Por que, Augusto? O que aconteceu? — interrogou ela fitando-o aflita, pois algo no tom de voz do marido já lhe pusera o coração em sobressalto.

— É o seu pai, querida. Ele não está passando nada bem.

A mão da moça voou à boca, como que a sufocar um grito de susto. Sentiu o coração dar um salto e depois disparar, quase a sufocá-la, dando-lhe uma sensação de incrível peso no peito.

Arfando levemente, ela voltou-se para os alunos, que fitavam o casal com olhos curiosos, e disse na voz mais calma que conseguiu produzir:

— Atenção, classe. Vou ter de sair mais cedo hoje. Terminem em casa a lição e pratiquem um pouco de leitura. Continuaremos amanhã o que não vai dar tempo de terminar hoje. Agora arrumem suas coisas e podem ir.

Houve certa algazarra inevitável ante a inesperada liberação, mas Wanda não teve forças para tentar manter a ordem. Quando os alunos saíram e ela pôde fechar e trancar a escola, viu que a égua já estava selada e à sua espera no pátio, junto com o cavalo de Augusto.

Com a ajuda do marido, ela montou rapidamente e se acomodou de lado no cilhão com a agilidade de quem fazia aquilo todos os dias.

Partiram depressa, saindo Augusto na frente, mas logo Wanda fez com que a sua égua se emparelhasse com a outra montaria, e os dois cavalgaram lado a lado, em silêncio, por algum tempo.

Foi Wanda quem quebrou o silêncio com uma pergunta que temia fazer mas que lhe vinha martelando a mente desde que o marido aparecera na porta da escola.

— Augusto, como você soube que Papai não está passando bem?

— Dona Mila mandou chamar Papai lá na farmácia.

Parecia à moça que teria de arrancar a saca-rolhas as informações do marido, estranhamente taciturno.

— Mas o que ele está sentindo?

— Parece que teve um mal-estar.

— Mal-estar como?

— Querida, não sei direito, pois não o vi. Sua mãe me pediu que viesse buscá-la enquanto Papai ia à casa deles. Vim correndo.

— Então quer dizer que é coisa séria, não é?

Fez-se um silêncio inquietante entre os dois, quebrado apenas pelo som dos cascos dos cavalos na seca estrada de terra. Wanda engoliu em seco, o medo confrangendo-lhe a garganta, o coração começando a martelar-lhe as costelas.

Augusto voltou-se para fitá-la, os olhos cheios de tristeza e desamparo ante a dor que sabia ter de presenciar.

— Sim, é muito sério, Wanda. Parece que ele teve um ataque de coração...e não resistiu.

— Não...re-resistiu??! — gaguejou ela, agora completamente sufocada pelo medo e pelo horror do que começava a ver como uma possibilidade real.

— Não, querida. Infelizmente o ataque foi muito sério. Ele faleceu antes mesmo que Papai chegasse lá.

A notícia desabou como um manto escuro sobre a cabeça da moça. Por alguns momentos, ela perdeu a noção de tudo que a cercava. Suas mãos, amolecidas pelo choque, soltaram as rédeas, e a égua, sentindo-se livre, disparou num galope doido campo a dentro. Wanda teria caído se sua mão não tivesse agarrado instintivamente o cabeçote da sela enquanto a outra tateava o pescoço da égua em busca das rédeas. A escuridão ainda a envolvia, paralisando-a.

Augusto percebeu num relance o perigo, e calcando os lados do seu cavalo, disparou atrás dela, cercando a égua, fazendo-a deter o galope desembestado. Suando e estremecendo, o animal esperou enquanto Augusto tomava as rédeas que Wanda não conseguira retomar. Vendo que a esposa não tinha condições de continuar, Augusto fê-la apeare e, tendo prendido os dois animais a uma árvore, sentou-se ao lado dela sobre um tronco caído.

Quando Wanda sentiu os braços do marido abraçá-la fortemente contra si, a escuridão que ainda a envolvia desfez-se numa crise de choro tão dolorido que parecia querer arrebentar-lhe o peito com soluços incontidos. Augusto abraçou-a com mais força ainda, deixando que suas lágrimas se misturassem às dela, sentindo o corpo dela tremer e estremecer contra o seu.

Com a disparada e os movimentos bruscos, os cabelos de Wanda se haviam soltado e agora caíam como um manto à volta de seus ombros. Augusto os alisava com gestos lentos, acariciantes, numa tentativa de acalmá-la.

Quando parecia que o choro ia cessando, novo acesso de tristeza fazia com que ela explodisse novamente em lágrimas e soluços.

Finalmente, a pura canseira física e emocional fez descer sobre a moça uma onda de calma pesarosa e dolorida. Sentido-se como se pesasse cem quilos, ela montou de novo a égua, e, mais dona de si, tomou as rédeas e os dois puseram-se a caminho outra vez, numa jornada exaustiva, silenciosa, sombria.

Quando estavam chegando à cidade, Wanda voltou-se para o marido, os olhos ainda marejados de lágrimas, e disse:

— A morte é tão final, não, Augusto? Não consigo imaginar que nunca mais verei meu pai vivo. Ele, que era tão alegre, tão meu amigo! Quantas vezes saíamos só os dois, a cavalo, para tratar de algum negócio dele. A gente conversava o caminho todo. Ele me dava tanta atenção que me acusavam de ser a queridinha dele. Mas não era isso, não. Era apenas que nós nos dávamos muito bem. Eu gostava de ouvir o que ele dizia, sempre tão seguro de si, tão sábio,

tão comedido. Ai, Augusto, estou me sentindo tão órfã! Pensei que isso só acontecesse com crianças pequenas. Eu já sou uma professora, e mulher casada, mas ainda quero meu pai por perto...

Augusto deixou-a falar, pois percebeu que um estranho medo se apoderava dela à medida que se aproximavam da casa — medo de enfrentar a realidade da morte, a dor da mãe e dos familiares, e a sua própria tristeza.

* * *

O Coronel Paulino M. Mendes de Moraes, professor respeitado e querido, seria enterrado na cidade onde lecionara por mais de dezesseis anos. Poucos parentes puderam ser avisados a tempo, mas mesmo assim a casa encheu-se de amigos, vizinhos e algumas autoridades locais.

Dona Mila andava de um lado para outro, cuidando de todos os detalhes, o rosto fechado, sem derramar uma lágrima.

Wanda foi logo procurar a irmã, que encontrou no quarto, derretendo-se de tanto chorar.

— Ai, Wanda, que tristeza! Por que Papai foi morrer ainda tão moço? Ele só tinha cinqüenta e quatro anos!

Wanda sentou-se ao lado da irmã, abraçou-a procurando consolá-la.

— Onde estão os meninos?

— Nem sei. Estão por aí. Alcides e Orville estão fazendo sala para os homens. Nicanor não sei onde está. Sei que eu devia estar ajudando Mamãe, mas não consigo parar de chorar...Se ao menos eu tivesse sido melhor aluna, como ele tanto queria....

Nova onda de tristeza agitou a mocinha, que enterrou a cabeça no travesseiro, encharcando de lágrimas a fronha alva.

— Fique aqui mais um pouco. Eu vou lá ver se Mamãe precisa de alguma coisa. Ela devia descansar um pouco...

— Pode tentar e ver se consegue fazê-la descansar. Fiz de tudo, mas ela me mandou parar de amolar. Então resolvi ficar sozinha um pouco. Não agüento pensar que Papai nunca mais estará conosco....

Deixando a irmã deitada, Wanda afastou-se, ficando a olhar o pela janelona que dava para o quintal, revendo mentalmente as muitas vezes que havia saído a cavalgar com o pai, os farnéis saboreados debaixo daquela árvore frondosa à beira da estrada, as aulas na escolinha onde ele fora seu professor...

Tão perdida estava nas lembranças que nem ouviu quando soou uma leva batida na porta. Mas Gilda ouviu e falou:

— Pode entrar.

A porta se entreabriu e ali estava Augusto, o rosto preocupado, à procura da esposa.

Uma grande onda de calor subiu ao coração de Wanda, e ela voou aos braços abertos do marido. Como era bom tê-lo ali, como fazia bem sentir o seu amparo, a sua preocupação. E só naquele instante pôde avaliar o que a mãe devia estar sentindo, o buraco, o vazio, a desintegração da posição que a presença do marido lhe havia conferido. Era agora uma mulher sozinha.

Wanda, que conhecia bem a energia da mãe, não tinha dúvida de que ela sobreviveria ao golpe e continuaria com sua vida, mas seria uma tarefa bem difícil. Ainda mais se Wanda se mudasse mesmo, e Gilda fosse estudar em Itapetininga. Ela ficaria sem nenhuma das filhas por perto.

— Pobre Mamãe — suspirou Wanda do conforto dos braços do marido.

Gilda ecoou:

— É, pobre Mamãe.

O sol já estava baixo no horizonte quando o grande cortejo fúnebre se dirigiu ao cemitério. Quase toda a cidade compareceu ao enterro de Seu Paulino, homem respeitadíssimo e muito querido por todos que o conheciam. Wanda caminhava devagar, de braço com Augusto, sem poder acreditar de fato no que estava acontecendo. Via a mãe rodeada pelos filhos, segurando a mão de Gilda, o rosto fechado, e tentava entender o que lhe passava no íntimo. As roupas escuras dos presentes acentuava o ar de tristeza da procissão. As pessoas falavam em voz baixa, muitas delas meneando a cabeça, uma expressão de incredulidade no rosto.

A realidade da morte os atingiu em cheio quando o caixão foi baixado à sepultura. Gilda explodiu em pranto, e, virando, agarrou-se à mãe. Wanda sentiu o peito sacudir violentamente e um acesso de choro jorrou incontido.

* * *

Aos poucos, a vida voltou ao normal. Durante as primeiras semanas após a morte do pai, Wanda ia dormir muitas vezes pensando nele, o coração apertado de saudades. Amanhecia com uma sensação ruim, e às vezes demorava alguns minutos até lembrar-se do que estava errado, e o dia perdia um pouco do seu encanto, recoberto agora pelo véu fino e cinzento da tristeza. Muitas vezes chegou a sonhar que ele estava bem, alegre, conversando. A moça corria para abraçá-lo, encantada: "Papai, falaram que o senhor havia morrido. Ah, que bom!" Ao despertar, parecia que as saudades eram piores ainda.

Chegou a hora da mudança para Amparo. Como Wanda previra, não veria florescer as roseiras que havia plantado, mas dava-lhe certa alegria pensar que o novo professor que vinha ajudar a mãe na escola, e que iria morar com a família na casa que eles estavam desocupando, teria esse prazer. Era um senhor ainda moço que havia sido colega seu em Itapetininga e que estudara depois de casado. Seria um bom assistente para a mãe, não só na escola mas também na companhia que lhe faria. E assim Wanda se mudava menos preocupada com a situação em que deixava Dona Mila.

Trajano aguardava ansioso a chegada de Augusto. Já havia arrumado para o irmão uma casa confortável, bem melhor do que a de Sarapuí, que tinha até um forno de barro no quintal. Também, Amparo era cidade boa, que oferecia outros recursos. Wanda conseguiu uma vaga numa das escolas mistas isoladas da cidade pouco antes do início do ano letivo. A jovem professora se entusiasmou com a mudança no ambiente de trabalho, apesar de saber que não se esqueceria daquelas crianças tão pobres que haviam sido suas primeiras alunas.

Logo a vida na nova cidade acomodou-se numa rotina gostosa. Colaquinha, esposa de Trajano, era uma companhia agradável, que Wanda, saudosa da mãe e dos outros parentes que

deixara em Sarapuí, procurava constantemente. Gostava de ajudar a cuidar dos sobrinhos, pequenos travessos que davam muito o que fazer aos pais.

O jovem casal começava a criar raízes, e talvez tivesse fixado residência ali se não fosse por um novo acontecimento inesperado.

CAPÍTULO 8

AONDE QUER QUE VOCÊ VÁ

Fazia muito calor. Wanda, que lia sentada no pequeno sofá da sala de estar, deixara aberta a porta da rua para ver se entrava alguma brisa que viesse refrescar o ambiente.

O jantar estava pronto sobre uma chapa no fogão de lenha, o que o mantinha aquecido por bom tempo. Assim ela não precisaria mexer na cozinha depois que a empregada tivesse saído, e apresentar-se toda suada ao marido quando este chegasse em casa. O leque que havia usado ainda há pouco jazia no sofá, ao seu lado. Tão entretida estava na leitura de algo que tinha nas mãos que nem percebeu os passos de alguém que se aproximava às pressas.

—E então, querida — disse Augusto, entrando pela porta aberta, causando um sobressalto à esposa — o que está assim tão interessante?

— Augusto, veja só isto aqui. É uma notícia que fala da escola de odontologia do Dr. Coelho e Souza, lá em São Paulo.

Voltando-se bruscamente, Augusto dirigiu-se à mesa posta e, apanhando um copo, encheu-o da limonada que estava numa jarra de vidro.

Sem perceber o pouco entusiasmo do marido, Wanda continuou lendo para ele alguns trechos do artigo:

— Olhe só. Diz aqui que esse dentista afamado resolveu ceder às pressões para aceitar alguns alunos e treiná-los, tanto nas teorias quanto na prática...

—Wanda, não estou interessado!

O tom peremptório fez com que a moça erguesse os olhos e notasse com surpresa o rosto fechado do marido.

— Mas, Augusto, você me disse certa vez que o que realmente gostaria de fazer era odontologia em vez de farmácia!

— Pois é, mas agora já é tarde para mim. Sou um homem casado, e, além do mais, farmácia é o negócio da família.

— Seu pai sabe quanto você gostaria de ser dentista?

— Falamos sobre isso uma vez. Foi quando tio Alfredo contou como tinham sido seus estudos lá na Bélgica. Fiquei com muita vontade de fazer o mesmo, mas não havia dinheiro para eu estudar fora, por isso nem mencionei mais o assunto. E aqui no Brasil é só agora que está surgindo isso de estudar com o Dr. Coelho e Souza.

—Seria mesmo tão difícil assim?

O rosto de Augusto não conseguiu esconder um ar anelante, de quem já havia pensado, e muito, sobre o assunto.

— Já pensei sobre isso, Wanda. O que o jornal está falando não é novidade para mim. Mas não dá. Não dá mesmo. E não quero falar mais no assunto.

Percebendo o quanto o assunto perturbara o marido, Wanda deixou-o de lado. Levantando-se com uma vivacidade que não sentia, falou:

— Então vamos jantar, "Seu" Augusto. Depois você gostaria de dar um pulinho à casa de Trajano? Colaquinha e eu estamos trabalhando num ponto de crochê que não consigo acertar quando tento sozinha. Está uma tarde tão quente que dá preguiça de ficar aqui dentro.

Ele concordou distraído pela conversa animada da esposa, e logo ela serviu o jantar.

Quando chegaram à casa de Trajano, que ficava atrás da farmácia bem montada comandada por ele, notaram que havia algo estranho no ar. As crianças ainda estavam em pé, fazendo a estripulia de sempre, e nem Trajano nem Colaquinha pareciam notar.

Dava para perceber que Trajano havia bebido um pouco. Ele estava muito falante e agitado. Havia meses que Augusto se preocupava com o fato de o irmão gostar de beber um pouco demais. Embora raramente o fizesse, quando isso acontecia, ele se mostrava irritado e recalcitrante.

Discretamente, Wanda esperou até estar sentada ao lado da cunhada, trabalhando à luz do lampião, para perguntar:

— Colaquinha, o que está acontecendo? Você e Trajano estão tão esquisitos!

— Ah, Wanda, nem sei como lhe contar, mas Trajano recebeu uma proposta de ir trabalhar em Jundiá, onde um amigo de meu pai tem uma ótima farmácia montada. Quem tomava conta era o filho dele, que morreu um mês atrás. Claro que ainda não resolvemos nada. Se for para sairmos daqui, Augusto pode ficar tomando conta da farmácia, se ele quiser. Parece uma boa oportunidade, mas estamos com muita pena de nos mudar.

— Parece que somos uma família de ciganos, não é mesmo? Dona Ritinha diz que já se mudou tantas vezes na vida que é só bater palmas e avisar as galinhas: "Mudança!", que elas juntam os pés para serem amarradas e colocadas no balaio.

Colaquinha deu uma risadinha meio sem graça, e Wanda fitou-a surpresa. A cunhada, sempre tão jovial e animada, realmente não era a mesma naquela noite. Wanda percebeu que era melhor ir embora e tentava fazer um sinal discreto para Augusto quando percebeu que os dois irmãos estavam discutindo, uma raridade entre eles.

Colaquinha também percebeu e levantou-se falando depressa em arrumar um cafezinho para tomarem. Trajano, alterado, falou com ela de uma maneira grosseira que Wanda jamais ouvira antes. A moça corou e saiu depressa rumo à cozinha. Sem saber o que fazer, Wanda levantou-se para segui-la quando ouviu o marido passando uma descompostura no irmão. Ela nunca ouvira Augusto usar aquele tom de voz, e seu coração disparou assustado.

A alteração foi breve, mas deixou-a com uma sensação de insegurança que perdurou até se verem do lado de fora da casa.

Voltaram para casa. Augusto ia calado, as mãos enfiadas fundo nos bolsos, enquanto Wanda lhe segurava o braço com ambas as mãos.

Somente na hora de se prontarem para deitar, quando ela escovava os cabelos soltos diante do espelho do penteador foi que Augusto tocou no assunto.

— Sinto muito o que aconteceu hoje, Wanda. Nas poucas vezes em que Trajano se excede na bebida, ele fica meio difícil, e não pude vê-lo maltratar a mulher.

— Nunca vi Trajano daquele jeito, Augusto! Fiquei com medo.

— É, já tivemos nossas dificuldades antes, mas a de hoje foi a pior. Sou mais moço que Trajano e isso não facilita as coisas. Ele não gosta que o irmãozinho lhe chame a atenção. — Augusto ficou pensativo por alguns instantes. Wanda percebeu que ele estava remoendo algo. Olhando para ela, Augusto continuou, meio hesitante: — Talvez fosse melhor eu procurar outra farmácia, talvez lá pelas bandas de Tietê. Papai teve um grande amigo lá, da região de Laranjal Paulista, um fazendeiro de café. Sempre gostei daquela região.

Agora foi a vez de Wanda se calar. O que significaria tudo isso? Ainda não seria dessa vez que veria florirem as suas roseiras, trazidas com tanto cuidado de Sarapuí?

Deitaram-se nessa noite, calados, cada um com seus próprios pensamentos. Quando rezou, Wanda pediu a graça de engravidar de novo. Sentia que faltava algo em sua vida. Apesar de se amarem tanto, e se darem sempre tão bem, sentia às vezes uma inquietação em Augusto, como se houvesse um vazio em sua vida que ela e seu amor não conseguiam eliminar de todo. Devia ter algo a ver com aquele seu sonho irrealizado. Como amava tanto a sua tarefa de dona de casa e a profissão de professora, Wanda sentia-se até meio culpada quando via Augusto ocupado num serviço que, embora lhe trouxesse certa satisfação, não era o que ele realmente queria estar fazendo.

Talvez por isso mesmo lhes faltasse um sentido maior de família. Ela sentia como se estivessem vagueando meio sem rumo, à espera de algo que os levasse a deitar raízes. Wanda, a peregrina, já não se entusiasmava tanto com a perspectiva de nova mudança. Pensamentos descontraídos cruzavam sua mente enquanto ela, os olhos fitos na sombra das leves cortinas que enfeitavam a janela do quarto, revia o calor da casa onde crescera e tentava descobrir que diferença havia entre aquela e a sua. A luz mortiça e bruxoleante da pequena lamparina a óleo que ficava sobre o criado-mundo dava um aspecto sombrio à mobília escura, e ela se lembrou com saudades do quarto onde crescera, o seu mundinho particular, que já não existia. Sentiu uma dor inquietante apertar-lhe a garganta.

Voltando-se de lado, fitou o rosto do marido adormecido com olhos imparciais. *Huum, nada mau, mas também nada tão especial. O nariz é meio grande, e as orelhas, então! Dizem que é de família.* De propósito, ela se manteve nessa atitude crítica. Queria só pensar, sem deixar que os sentimentos lhe turvassem o raciocínio. Havia assumido um compromisso com esse homem, um compromisso sério, para toda a vida. Em que havia ela se metido? Quem era ele de verdade? E o que precisava que ela lhe desse para ser feliz?

Seus olhos continuavam a examinar o marido imparcialmente, e se detiveram nas mãos dele, grandes, quadradas, de dedos afilados como os de um artista. Mãos habilidosas. Mãos caprichosas. Mãos fortes e carinhosas. Sentiu o impulso de tomá-las nas suas, de sentir o conforto e calor que elas sempre lhe davam. Sentiu que estava perdendo a objetividade e tentou recuperá-la. Mas qual! Uma onda de ternura lhe arrebentou no coração quando ele deu um pequeno ronco, e, virando de lado, entreabriu os olhos e deu com os da esposa pregados nele.

— Wanda, por que não está dormindo?

— Porque estava namorando você.

Bem acordado agora, ele a envolveu num abraço apertado, meio desesperado, que exprimia aquilo que nem sempre os lábios sabiam confessar: Como preciso de você!

— Querida, precisamos conversar muito a sério. Não quero tomar nenhuma decisão sem saber o que você realmente pensa de mudar mais uma vez.

— Sabe que realmente não sei? Até hoje sempre gostei das mudanças que fiz, mas, não sei porquê, estou sentindo que precisamos lançar raízes em algum lugar, nos estabelecer, ter um lar gostoso como foi o dos meus pais e o dos seus pais, onde nossos filhos possam crescer. Será que é o instinto de ninho, Augusto?

— Se for, só pode ser bom. A nossa casa é muito gostosa. Nunca pensei que você achasse que precisava mais.

— Mais, não no sentido de coisas, mas de vida em família.

Ficaram ambos pensativos durante alguns minutos. Era óbvio que Augusto estava tentando de verdade compreender os sentimentos da esposa. E isso a deixava sensibilizada. No momento, lhe bastava. Quando voltou-se para falar de novo, viu que ele adormecera, sua mão segurando a dela contra o rosto. Soltou-a com cuidado, aconchegou-lhe o lençol em torno dos ombros e, afofando um pouco o travesseiro de paina, enterrou nele a cabeça, disposta a pegar no sono.

Irei com você, Augusto, aonde quer que vá. Sei que o meu lar será onde você estiver, nem que seja no meio do mato. É, o casamento é engraçado. Agarra e prende a gente. Já não sou só a pessoa que se casou com você. Hoje, existo acrescida daquilo que você representa para mim. Nossas vidas estão definitivamente engastadas uma na outra, e eu já não poderia nem saberia viver sem você. Você é o meu lar, e onde quer que vá, irei também. Mas, o meu Deus, onde será que vamos morar?

Antes de adormecer, Wanda percebeu que a perspectiva da mudança já começava a se esboçar como nova aventura, e a antiga comoção de quem estava prestes a alçar vôo apagou as dúvidas e inquietações do seu coração.

* * *

O trole que os levava pela estrada poeirenta seguia sem muita pressa. Os olhos de Wanda iam se enchendo do encanto da paisagem que se estendia ondulante dos dois lados da estrada. Aveludadas colinas verdes se alternavam naquele cenário tranqüilo até darem de encontro com o paredão azul-prateado da serra de Botucatu, como um gigante deitado no horizonte distante. As fazendolas semeadas aqui e ali pareciam hospitaleiras e acolhedoras, numa cena bem mais rural do que aquela que haviam deixado.

O céu era de um azul profundo, contra o qual algumas nuvens muito alvas passeavam despreocupadas. A luminosidade do dia, o cheiro fresco de mato e grama, o ruído cadenciado dos cascos dos cavalos batendo contra o chão seco, a presença confortadora do marido ao seu lado, a firmeza e calma dele ao controlar os animais, tudo isso inundava o coração da moça de uma nova onda de felicidade que quase a sufocava. A vida era boa!

Passaram por alguns bosques cerrados de mata virgem, lembranças silenciosas de que aquela região ainda não havia sucumbido de todo aos avanços e estragos da civilização. Deixaram para trás quadros cheios de fileiras bem ordenadas de viçosas plantações.

Entraram num frondoso bosque de bambu que, arqueando dos dois lados da estrada, formava um dossel verde-claro sobre suas cabeças. Ao saírem do outro lado, lá estava o seu destino.

Pereiras. Uma vilazinha simpática engastada no verdor do vale que se estendia diante deles.

Wanda reteve a respiração. Colocando a mão sobre a de Augusto, comunicou-lhe sem palavras que detivesse o veículo. Queria ver melhor. Uma emoção forte palpitava dentro dela. Ficaram parados ali enquanto ela corria os olhos ao redor, tentando gravar na mente aquele momento.

Foi com voz sumida que ela tentou explicar o que sentia.

— Augusto, estou sentindo uma sensação tão estranha! É como se estivesse enfim chegando ao meu lar, ao lugar para o qual nasci. Só que...hum, é esquisito...não é a cidade em si, mas, sim, o tempo e o lugar certos reunidos aqui. — Com uma expressão perplexa, ela voltou-se para o marido, que encontrou sorrindo. — Estou falando sério, Augusto! Por que você está rindo?

Ele segurou o queixo dela com firmeza e fitou-a bem nos olhos.

— Não estou rindo de você, Wanda. É que quando você fica com essa expressão séria, tenho vontade de beijá-la!

Ela voltou-se no banco e ofereceu provocantemente o rosto.

— Bem, o que está esperando? Não há ninguém à vista!

Ele não se fez de rogado, mas em vez de um beijinho carinhoso no rosto, beijou-a longa e ardentemente nos lábios.

Um pouco sem fôlego, Wanda ralhou sem muita convicção:

— Augusto! Onde já se viu? E se aparece alguém?

— Ora, ia ficar morrendo de inveja por eu ser casado com a mulher mais bonita desde Amparo até aqui.

— Oh, seu pilantra, você pensa que sabe me amolecer, mas não vai escapar assim, não! Vamos embora antes que eu tenha de ralhar de verdade com você!

— Sim, senhora, Dona Wanda, 'fessora!

Os dois caíram na risada e ainda sorriam quando chegaram às primeiras casas da cidadezinha plana, de poucas ruas retas, a inevitável praça da matriz em frente ao jardim que demarcava "o centro". A estação da estrada de ferro ficava a seis quilômetros de distância, uma aberração devida ao fato de o engenheiro que fora demarcar o local da estação ter tomado uma tremenda bebedeira e passado uma noite na cadeia local. Para se vingar, marcou a estação fora da cidade, e ali ela foi construída, o que era, no mínimo, uma grande inconveniência para os moradores e um atraso na vida da cidade.

Os planos de Wanda e Augusto haviam detonado a sanha de mudança em Seu Carrinho, que resolvera montar uma farmácia em Pereiras. Ele e Augusto poderiam trabalhar juntos de novo. Ele e Dona Ritinha estavam começando a sentir a idade, e não queriam ficar morando longe de todos os filhos, especialmente do seu caçula.

Wanda nunca soube ao certo quando a resolução de morarem todos juntos na casa grande que ficava perto da praça central, e que seria a localização ideal para a farmácia, havia sido tomada. Quando viu, já estavam acomodando as coisas na sua parte da casa.

Meio inquieta, a moça, no início de uma gravidez tranqüila, cismava sobre como as coisas iriam se arranjar. Sentia certo ressentimento contra todos, principalmente Augusto, por não tê-la consultado antes. Gostava demais de Dona Ritinha e Seu Carrinho, mas... morar junto? Isso era outra questão. E onde fora parar toda aquela conversa de precisarem ser mais independentes para seu casamento amadurecer? Ora, essa!

O pior de tudo é que Augusto nem sequer entendera a sua reação. Como podia ser tão obtuso? Não dava para ver que era uma realidade completamente diferente daquela que ele mesmo lhe havia proposto quando falaram de se mudar? Sentiu de novo aquela irritação como um calor que a inundava e ameaçava subir-lhe à cabeça, transformando-se numa explosão de raiva. Seria possível a gente sentir vontade de esganar alguém a quem se amava tanto?

Para acalmar-se, ela se ocupou com muito cuidado de acomodar suas coisas na nova casa. O quarto que seria seu e de Augusto era bem grande, e acomodaria com a maior facilidade o bercinho do bebê nos primeiros meses de vida. A mobília escura e caprichosamente torneada brilhava depois de diversas mãos de cera. O assoalho era de tábuas claras, e tapetinhos de crochê ornavam cada lado da cama. Uma lâmpada importada da Bélgica, presente de tio Franklin, o padrinho de casamento de Augusto, ornava o criado-mudo no lado em que ela dormia. O grande lavatório tinha um tampo de mármore cinzento. Sobre ele Wanda colocara um jogo de jarra e bacia de porcelana que a mãe lhe havia dado. Ela gostava de cobrir a jarra com uma toalha, amarrando-a com um laço de fita para mantê-la no lugar, apesar de Augusto implicar de ter de se haver com o laço toda vez que queria lavar-se.

O grande guarda-roupa de três corpos abrigava suas roupas e as de Augusto com folga, e o camiseiro combinado tinha gavetas suficientes para todas as outras roupas. Um roupeiro estreito continha o enxoval da casa, inteirinho bordado a mão.

Muito bem, pensava ela enquanto esfregava com força a flanela de lustrar sobre a madeira dos pés da cama, *este será o meu cantinho, o meu mundo particular. Nem que eu tenha de repartir o resto da casa, aqui é só meu, e daquele maroto do meu marido*. O mau humor já começava a se dissipar quando ouviu uma batidinha leve na porta. Sem pensar, ela falou:

— Entre.

Era Dona Ritinha, com uma bandeja na mão, duas xícaras de café recém-coado.

— Entre, Dona Ritinha — falou Wanda pressurosa, quando a viu hesitar à porta do quarto.

A sogra entrou com naturalidade, e ofereceu o café à nora.

— Obrigada, Dona Ritinha. Como é que a senhora já conseguiu ter café coado numa hora destas?

— Ah, minha filha, já não lhe contei? Mudança para mim é coisa corriqueira. Você conhece a história das galinhas, não conhece? — Ao ver o ar de riso da nora, assentiu com a cabeça e continuou: — Se até elas já sabem o que fazer, quanto mais uma galinha velha como eu!

Ante a veemência da sogra, Wanda despencou a rir. A risada desanuviou o ar, mas Wanda podia sentir que a visita de Dona Ritinha tinha um propósito além do de servir um cafezinho e contar histórias de mudanças. Mas não atinava com o que poderia perturbar a sua imperturbável sogra, sempre tão dona de toda e qualquer situação.

— Wanda, precisamos conversar. Estou meio aborrecida por não termos feito isto antes, mas esses meus homens às vezes me pregam cada peça...

Wanda fitou a sogra, atônita. Dona Ritinha sempre parecia correr a fazer o que Seu Carrinho queria antes mesmo que ele expressasse qualquer desejo. Agora esta! Antes que ela pudesse comentar qualquer coisa, a sogra desabafou:

— Onde já se viu resolverem que vamos morar todos juntos sem ao menos nos terem consultado!

A idéia de que a sogra pudesse ter alguma objeção à decisão que obviamente lhe fora imposta jamais havia passado pela cabeça de Wanda, tão preocupada com sua própria reação. Isso estava ficando interessante.

— Bom, Dona Ritinha, fico mais aliviada ao saber que fizeram com a senhora o mesmo que fizeram comigo. Pensei ter sido a única que não foi consultada.

— Não, minha filha. Quando cheguei aqui com a mudança, as coisas já estavam decididas. É bem verdade que eles não acharam outra casa melhor, e que esta acomoda tudo: nós, com folga, e a farmácia. E é uma boa casa, não é? Você está contente com as suas acomodações?

— Ah, estou, sim. O quarto é ótimo. A senhora está vendo como o sol da manhã bate aqui?

— É, está muito agradável. E você já deixou tudo um brinco. Agora, vamos resolver entre nós duas como vai ser o arranjo da casa.

Como Dona Ritinha era sábia! Ela vivia dizendo que a vida lhe havia ensinado duas coisas preciosas: ceder no que não fosse muito importante, e não ceder quando fosse; e, acima de tudo, saber reconhecer a diferença entre as duas situações. Nesse caso específico, ela reconheceu que a situação, embora não fosse a ideal, apresentava muitos aspectos positivos para contrabalançar os negativos. Então, tentar fazer o melhor possível dentro das circunstâncias era a coisa mais acertada.

Resolveram que Wanda, por ter de lecionar e logo mais ter um nenê para cuidar, deixaria a maior parte da direção da casa nas mãos da sogra, que se dedicaria exclusivamente a isso.

— Acho que duas mulheres inteligentes podem resolver juntas o que fazer nessa questão, não acha, minha filha?

— Sim, Dona Ritinha. Mas acho que não é algo que possamos decidir de uma vez por todas, pois ainda nem me acostumei muito com o meu papel de dona de casa. Mamãe só me ensinou o básico, pois dizia que quem não sabe fazer, não sabe mandar. E, segundo ela, o principal era aprender a fazer sempre o que fosse minha obrigação da melhor maneira possível. Assim, enquanto minha obrigação principal era estudar, ela não se preocupou muito em me ensinar a fazer os trabalhos de casa. Ainda estou em fase de aprendizado.

— Que aprendizado, que nada! Você já é uma ótima dona de casa. Acho que a teoria de sua mãe é certa mesmo. Quem tem noção de obrigação e capricho, não precisa aprender nada específico. Sempre digo que "não sei" é desculpa de preguiçoso. Quem quer, consegue fazer. Mas, e então, acha que fica bem assim como combinamos?

— Acho, sim, Dona Ritinha. Vamos experimentar e ver se dá certo.

— Wanda, quero que se sinta sempre à vontade para me chamar a atenção se perceber que estou interferindo indevidamente na sua vida. Sou mais velha, estou acostumada a mandar em minha casa, e posso muito bem fazer coisas que a desagradem.

Wanda, num impulso de afeto e alívio muito grande, abraçou a sogra, que retribuiu carinhosamente.

— Sei que vamos nos dar muito bem, Dona Ritinha. Não admira eu gostar tanto do seu filho. Ele teve a quem puxar.

Quando a velha senhora deixou o quarto, Wanda, com ânimo renovado, retomou a tarefa de lustrar os móveis. Ao terminar, sentindo-se encalorada e um tanto zozna, sentou-se na sua cadeira de balanço favorita diante da janela aberta. Dali, as casas do outro lado da rua lhe bloqueavam a visão, mas ao mesmo tempo lhe davam uma sensação de aconchego, de ter mais gente morando por perto. Seu quarto ficava logo atrás do grande salão onde ainda estavam terminando de instalar a farmácia.

Em sua cabeça, ela rememorou a conversa que tivera com a sogra, e resolveu fazer uma lista das coisas que precisaria decidir, relativas à sua parte na administração da casa. *Bem, preciso arrumar uma lavadeira que cuide de minha roupa e da de Augusto. E precisa ser boa, porque ele é bem exigente com suas camisas. A quem será que eu poderia perguntar? Será que dona Ritinha já arrumou alguém para cuidar das roupas dela? Hummm, devo perguntar a ela ou tentar arrumar isso sozinha? Talvez alguma das outras professoras possam recomendar alguém.*

E foi o que aconteceu. As outras professoras a acolheram com todo tipo de conselho para ajudar a organizar a vida da casa, deixando-lhe mais tempo para trabalhar no enxoval do nenê e se ocupar das tarefas que sua profissão exigia - horas e horas dedicadas ao planejamento de aulas, e à correção e vistoria nos cadernos dos alunos.

O sistema de alfabetização que ela vinha desenvolvendo começava a se definir melhor, e logo seria o único que ela usaria com seus alunos.

* * *

As contrações começaram assim que a bolsa d'água se rompeu, enquanto Wanda ainda estava deitada na manhã fresca e luminosa de 27 de novembro de 1909. Dona Ritinha logo foi avisada e passou a fazer plantão ao lado da nora. Augusto foi mandado atrás da parteira para deixar as duas sossegadas, pois ele estava atrapalhando de tanto querer ajudar.

Dona Ritinha ficou meio apreensiva quando a parteira chegou, pois não inspirava confiança. As horas foram se passando, e ela, ou intimidada por estar cuidando da esposa e nora de farmacêuticos, ou por pura ignorância, não estava ajudando quase nada. O nenê demorava a nascer e Wanda estava sofrendo demais.

Vendo as coisas mal paradas, dona Ritinha assumiu o comando da situação. Empurrando de lado a parteira, disse-lhe que ela mesma faria o parto. Com palavras calmas e sábias, foi tranquilizando a nora, que passou a cooperar mais racionalmente com o processo do nascimento, sem desperdiçar energia com pânico e esforços inúteis. Suas mãos sensíveis trabalhavam rápidas e habilidosas. O nenê, uma menina moreninha, bem desenvolvida, nasceu sem maiores complicações.

Quando Augusto finalmente recebeu permissão para entrar no quarto, encontrou a esposa recostada contra os travesseiros, o rosto pálido mas alerta, o nenê bem enrolado, dormindo em seus braços.

Comovido e perturbado, ele deixou-se ficar uns instantes à porta, os olhos cravados no rosto de Wanda, incapaz de expressar de outra forma o grande alívio que sentia ao vê-la tão bem e tão bonita, a farta e macia cabeleira castanha presa numa grossa trança, o que lhe dava um ar de menina.

Aproximando-se da cama, ele tomou a mão livre da esposa e nela depositou demorado beijo. Quando ele a soltou, Wanda acariciou-lhe a cabeça e a ergueu, obrigando-o a olhar em seus olhos.

— Que me diz, Augusto? Agora somos uma família de verdade. Já temos uma filhinha.

Augusto puxou de leve a beirada do chalé que quase ocultava o rosto do bebê e deu de cara com um rostinho avermelhado, cercado de cabelos pretos espetados.

— Parece...uma...belezinha.

Wanda teve de rir ante a hesitação do marido em qualificar a beleza da filha.

— Não, ainda não é, mas vai ser! Você verá. Olhe só a covinha no rosto dela.

Sentia-se eufórica, embora exausta e dolorida. Dona Ritinha lhe havia enfaixado a barriga, o que produzia uma sensação de bem-estar, de ser novamente dona do seu corpo após os longos meses da gravidez.

— E como vai se chamar? Você quer mesmo colocar o nome de Maria de Lourdes?

— Claro. Não foi o que combinamos? O outro nome fica para o primeiro menino que tivermos. Esta já é a nossa Lurdinha. Ela é tão perfeita, Augusto. Tem todos os dedos e tudo certinho no lugar.

— É nossa filha, não é? — replicou Augusto, o olhar brilhante de orgulho e amor.

É, eu tinha razão, pensou Wanda, fechando os olhos sonolentos. *São os filhos que dão à gente a noção de família, de continuidade, de ocupar no mundo um espaço maior do que o de meras pessoas. Como é bonito este elo entre as gerações...*

Era muita filosofia para a cabeça de quem havia acabado de dar à luz. Um sono profundo e reparador a envolveu em seu manto escuro. Dona Ritinha colocou um dedo sobre os lábios, e, tirando o bebê dos braços da mãe, deitou-o no bercinho arrumado ao lado da cama de casal. Enquanto ela e Augusto saíam pé ante pé do quarto, seu Carrinho, que aguardava na sala, veio ao seu encontro, e os dois abraçaram carinhosamente o filho.

— Parabéns, meu filho. Que Deus abençoe a sua família. E que esta menininha lhes traga muitas alegrias.

Como pode alguém prever os rumos que a vida de um bebê recém-nascido tomarão? Os pais sonham, planejam, educam, mas não podem determinar muita coisa na vida dos filhos. Eles lhes são emprestados por apenas alguns anos. O que vem depois, na amorosa convivência familiar ou nas discórdias e desavenças que tantas mágoas causam, são os frutos das sementes lançadas, cuidadosa ou descuidadamente, durante esses poucos anos. Pareceria quase uma temeridade confiar tarefa tão importante às mãos inexperientes dos jovens casais, não fosse o lastro oferecido pelas gerações anteriores.

Três gerações conviveriam agora debaixo daquele teto hospitaleiro. Lurdinha havia chegado para reivindicar o lugar a que tinha direito naquela sucessão familiar, o de filha e neta. Era seu simplesmente por ser quem era, a primeira filha de Wanda e Augusto. Cresceria sob os cuidados dos pais e sob a carinhosa atenção dos avós, que derramariam sobre ela toda a rica experiência de suas vidas, toda a ternura dos seus corações. Tudo isso a serviço de um ser tão

pequenino, tão indefeso, cuja chegada a este mundo já trouxera muitas modificações à vida da família.

Cada uma daquelas vidas havia cedido um cantinho da sua individualidade à recém-chegada, que o ocupava com todas as honras de membro da família.

Quando acordou, repousada e bem disposta, Wanda pediu que lhe trouxessem o nenê. Olhando aquela carinha vermelha, os cabelos pretos espetados, a jovem mãe não pôde deixar de rir. Passando o dedo pelo queixinho, pelas bochechas, começou a conversar com a filha, a primeira de muitas conversas sérias entre as duas:

— Então, Lurdinha, você finalmente chegou. É um presente de Deus para nós. Sendo uma filha, é um presente especial para mim. Seu pai terá de esperar um pouco mais pelo filho que deseja ter. — Aqui ela se interrompeu para saborear o que acabara de dizer: seu pai. *Augusto agora é "seu pai"*, pensou ela. Pai. Que palavra mais doce, mais significativa. A lembrança do seu próprio pai veio como uma saudade pungente que lhe encheu os olhos de lágrimas. -- Ah, Papai, como gostaria que conhecesse a sua netinha. Como gostaria que ainda estivesse conosco. Que falta o senhor faz!

O nenê bocejou e se remexeu em seus braços, fazendo uma careta, chamando a atenção da mãe de novo para ela. *A vida continua*, pensou Wanda. *Já não posso me dar ao luxo de ficar vivendo no passado, nem nas saudades do passado. Agora tenho outra vida para cuidar, para amar, uma vida que gerei. Nunca mais serei só minha. Nem só minha e de Augusto. Enquanto eu viver.*

CAPÍTULO 9

AS DUAS CONSPIRADORAS

Escurecia depressa numa tarde fria e cinzenta de inverno. Sentadas perto da cozinha, de onde vinha um calorzinho agradável, Wanda e a sogra tricotavam com rapidez enquanto conversavam animadas. Um bercinho balançava de leve ao lado de Wanda. Ali dentro, dormindo a sono solto após ter mamado até fartar, estava Dirce, a segunda filha de Wanda e Augusto. Era uma meninazinha de pele clara e cabelos encaracolados. Com as bochechas rosadas apesar do frio, os grandes olhos castanho-esverdeados fechados e os bracinhos estendidos para cima, era a imagem viva da saúde. Os olhos vigilantes e amorosos da mãe e da avó desviavam-se constantemente para ela.

Sentada perto delas, numa cadeirinha de pernas serradas, estava Lurdinha, já agora com mais de dois anos. Essa era morena, os cabelos escuros muito lisos, como os do pai, e uma acentuada covinha nas faces todas as vezes que sorria ou apertava os lábios em concentração, como fazia naquele momento. A pequerrucha, com dois pauzinhos e um pedaço de lã nas mãos, tentava imitar a mãe e a avó. Não era comum ela sentar-se por mais de dois minutos, por isso as duas senhoras a vigiavam com o rabo do olho para ver quanto tempo duraria aquela imobilidade.

— Dona Ritinha, o que a senhora acha que podemos fazer pela Nhá Zica? Ela não parece estar melhorando nada daquela tosse.

— Sabe, Wanda, estou muito desconfiada que aquilo não tenha mais remédio. Ela está tão magra, coitada!

— Então nem adianta continuar levando gemada para ela?

Dona Ritinha ficou pensativa uns instantes, depois meneou a cabeça.

— Não é isso. Mais do que a gemada, ela precisa sentir que há alguém interessado nela. Por isso, acho que devemos continuar, mesmo que não esteja mais dando resultado.

Desde que seu Carrinho e Augusto se haviam estabelecido como os farmacêuticos locais, eram procurados por muita gente que não podia pagar os remédios. Para que as pessoas não se sentissem constrangidas, seu Carrinho fazia questão de anotar num grande livro tudo o que receitava e vendia. Assim, elas sabiam exatamente quanto estavam devendo na farmácia, e iam pagando quando e se pudessem. Por isso, muitas vezes o pagamento era feito em espécie: frutas, frangos, verduras, feijão, arroz. Seu Carrinho aceitava qualquer coisa.

Para os doentes verdadeiramente pobres, Dona Ritinha e Wanda se incumbiam de distribuir remédios caseiros, na maior parte fortificantes, como a famosa gemada com conhaque. Três vezes por semana, no final da tarde, elas preparavam uma tigelona de gemada, batida até ficar um creme amarelo-pálido, adoçada com mel, e "batizada" com uma boa dose de conhaque

vindo da farmácia (medicinal, portanto!). Era então dividida em alguns cálices, e levada a pessoas que estavam "atacadas do pulmão". A gemada era boa para quase tudo: tosse, resfriado prolongado, ameaço de pneumonia. Wanda e uma das empregadas se incumbiam de sair e levar os cálices aos doentes. Essas visitas rápidas eram sempre uma oportunidade para uns dedinhos de prosa, uma avaliação de alguma necessidade mais urgente da casa do enfermo, um pouco de animação. As visitas eram sempre aguardadas com muita ansiedade, e feitas com religiosa devoção por parte das duas senhoras. Era esse o motivo de Dona Ritinha achar que elas não deveriam cessar, mesmo nos casos em que pouca esperança houvesse para a recuperação do doente.

— Sabe, Dona Ritinha, acho que Tia Albertina também está vindo para cá — falou Wanda, enquanto aconchegava mais as cobertas em torno de Dirce.

— Ah, que bom! A nova escola aqui está indo muito bem, e com isso atrairá pessoas como sua tia. É lucro para Pereiras.

— Parece que foi uma antiga conhecida nossa que lhe escreveu, sugerindo que ela tentasse se remover para cá. É uma colega lá de Itapetinga, que estudou uns dois anos antes de nós. Já lhe falei sobre Ester e Vasti?

— Não, acho que não. Eu me lembraria desses nomes.

— É. Vasti. Não sei de onde tiraram isso. Em todo caso, são duas irmãs. Éster se casou, e Vasti estava morando com ela. As duas não se largavam. Só que agora que Vasti foi removida para cá, está morando sozinha. Como Ester não pensa em se mudar para Pereiras, Vasti escreveu à Tia Albertina. Provavelmente vão morar juntas. Mas a senhora não sabe uma coisa!

O ar de mistério da nora espicou a curiosidade da velha senhora, que fitou a outra com olhos atentos.

— Éster e Vasti são protestantes!

Dona Ritinha continuou olhando para Wanda, sem compreender direito.

— Só isso?

Wanda ficou um tanto encabulada. Para ela, aquilo era ainda extraordinário, mas Dona Ritinha não parecia nem um pouco impressionada. Foi então que Wanda se lembrou da história de o Dr. Engler também ter sido protestante.

— Bom, acho que para a senhora isso não é novidade, é?

Dona Ritinha caiu numa risada gostosa.

— Não, Wanda. Meu pai era protestante, e nem por isso nasci com algum problema especial, nasci?

Ela continuou fitando a nora com um ar divertido até perceber que Wanda estava realmente levando aquilo a sério. Então o seu tom mudou.

— Sabe, minha filha, não acho que Deus fique muito satisfeito com a trapalhada que fazemos entre nós por causa de religião, cada um puxando brasa para a sua sardinha. A verdadeira religião só pode nos aproximar de Deus e dos outros. Fora disso, é só briga que nós mesmos criamos e que não leva a nada. Fui criada num lar onde o pai e a mãe professavam fé diferente, e no entanto ambos eram bondosos e dedicados, tanto à família quanto aos outros. Dentro de casa aprendi que o egoísmo é uma doença que acaba dominando a vida de qualquer pessoa, tornando-a inútil para quem quer que seja. O verdadeiro propósito da vida é servir ao nosso próximo. E isso vi tanto meu pai quanto minha mãe fazerem enquanto viveram.

Wanda ouvia atentamente, sem nada comentar. Era mais um aspecto da vida da sogra que ficava conhecendo, pois Dona Ritinha não era muito dada a falar sobre coisas do passado. Parecia estar sempre olhando adiante, com alguma expectativa de coisas boas a animar-lhe o rosto ainda moço.

Dona Ritinha continuou:

— Para você ver a que levam essas picuinhas, basta contar o que aconteceu quando Papai morreu. Ele era conhecidíssimo em Itu e em toda aquela redondeza, pois era um médico famoso tanto por sua capacidade quanto por sua bondade. Era amigo de D. Pedro II, que foi algumas vezes visitá-lo quando passou por Itu. Os dois se interessavam muito por astronomia, e Papai tinha uns livros que o Imperador gostava de consultar. Quando ele passava por casa, os dois ficavam horas trancafiados na biblioteca, lendo e conversando. Bom, apesar disso tudo, o que aconteceu quando Papai morreu? Por ele ser protestante, o vigário não queria que fosse enterrado no cemitério da igreja. Foi preciso um amigo nosso, que era delegado, ficar parado de garrucha na mão à entrada do cemitério, dizendo que quem quisesse impedir o enterro levaria chumbo. No entanto, quando Papai era vivo, serviu tanto ao vigário quanto a todos os outros paroquianos. Não é uma incongruência?

Wanda continuava calada. Dona Ritinha estranhou.

— Por que está tão quieta, Wanda?

— Não sei, Dona Ritinha, mas esse tipo de conversa sempre me traz certa angústia.

Parece que a religião deveria servir para unir as pessoas e não para separá-las, não acha?

— É o que acho, mas há muita coisa escondida no coração das pessoas, mesmo quando se trata de religião, Wanda. Misturamos muitos dos nossos preconceitos com a idéia de Deus.

— Dona Ritinha, já notei que a senhora não gosta muito de santos, pois não tem nenhum quadro deles. Mamãe tem uma coleção lá em casa.

— Bem, acho que tem um pouco a ver com a maneira como fui criada. Carrinho não liga para essas coisas, e na casa de meus pais não havia nenhum. Sabe que eu nunca havia pensado sobre isso?

A conversa foi interrompida por um chorinho vindo do lado do berço. Era Dirce que resmungava, esfregava os olhos com as mãos, e virava para o lado, continuando a soneca.

Foi essa interrupção que levou as duas mulheres a perceberem que Lurdinha havia sumido da sala enquanto conversavam. Ela gostava muito de ficar "ajudando" Nhá Zefa, a cozinheira, quando sua pajem estava ocupada com outros serviços, e voltava agora acompanhando Nhá Zefa que chegava com uma bandeja de café e um prato de broinhas de fubá, feitas por dona Ritinha na véspera.

— Ah, que boa idéia, Zefa. Estou meio enregelada e esse cafezinho vai cair muito bem. É melhor você levar depressa para o pessoal da farmácia, se não vai chegar lá gelado -- disse Dona Ritinha.

A empregada apressou-se a servi-las e foi embora, seguida de Lurdinha, levando a enorme bandeja até a farmácia, onde alguns "fregueses" já aguardavam aquele ritual diário, sentados num dos bancos encostado à parede que dava para a rua.

Augusto, que se encontrava nos fundos preparando um vidrinho de elixir paregórico para o seu João, viu a filha quando veio pegar o seu café. Fazendo um ar severo, agarrou a garotinha e a levantou ao ar.

— Pois então, Lurdinha, o que está fazendo por aqui?

Os dois se entrefitaram, olho no olho, por alguns instantes, as testas franzidas, dando toda aparência de estarem muito bravos. A menina foi a primeira a cair na risada e agarrar-se ao pescoço do pai.

— Ah, Papai, como o senhor é engraçado quando faz essa cara de bravo!

Augusto abraçou-a com força e ela encostou o rostinho no do pai. Seu Carrinho, olhando lá do laboratório, meneou a cabeça com um sorriso meio torto. Esse Augusto! Como era afetuoso!

Augusto depôs a filha no chão e ela fingiu ajudar Nhá Zefa a servir o café ao pessoal que se reunia por ali. A bebida quente era um pretexto para uma prosinha, e logo um zum-zum aconchegante encheu o ar.

Zefa fez um sinal ao se retirar, e Lurdinha acompanhou-a de volta à cozinha, onde com certeza iria ganhar um biscoito como recompensa por sua preciosa ajuda.

* * *

Oito anos se passaram. Duas outras filhas, Rita e Ondina, vieram fazer parte da família de Wanda e Augusto, apesar de dois processos de gravidez que não vingaram terem trazido seu quinhão de tristeza ao casal.

Dona Vasti, que Wanda conhecera em Itapetininga, fora nomeada para uma das escolas isoladas de Pereiras, e as duas reataram a amizade que haviam mantido intermitentemente desde então. Albertina também havia ido parar em Pereiras, e morava com a outra professora num quarto de pensão, passando boa parte do tempo em casa da Wanda e Augusto. Tinha sempre uma novidade para contar. E muitas delas diziam respeito aos estranhos costumes da companheira de quarto.

— Sabe, Wanda, Vasti tem um livro sempre aberto na mesinha de cabeceira. Sei que deve ser um daqueles livros de protestante. Quando tenho de passar ali perto, arrepanho a saia para nem esbarrar nele.

Wanda e Dona Ritinha riam daquilo.

— Ora, Titia, onde já se viu? A senhora acha que pega alguma coisa? A gente não "pega" religião por contágio, não.

— Só sei que não gosto disso. Ela não reza como a gente. Não tem rosário nem missal. E se reúne com uma gente esquisita lá de Maristela e de Conchas.

— Ora, Albertina — intervinha sempre Dona Ritinha. — Que idéia!

Para mudar de assunto, Dona Ritinha gostava de trazer à baila o que estava acontecendo com o restante da família de Wanda, e Dona Albertina era pródiga nos detalhes. Podia falar horas a fio.

— Como está a Mila?

— Sabe, ela está pensando seriamente em mudar-se para cá também.

— É, Wanda já havia mencionado isso. Acho que seria muito bom para todos. Ela não tem mais ninguém lá em Sarapuí, tem?

— Não na cidade, mas Alcides está ali por perto. Gilda também está doida para mudar-se para cá e ficar perto da sobrinhada.

O olhar de Wanda tornou-se anelante.

— Bem que eu gostaria que Mamãe viesse mesmo. Ela está muito sozinha agora. E seria ótimo ter Gilda morando aqui em vez de só quando ela vem nas férias.

O que parecia um sonho bom, logo tornou-se realidade. Dona Mila resolveu mudar-se mesmo para Pereiras, e levar consigo a filha mais moça para gozar o aconchego da outra filha e das netas. Eram sempre muito bem-vinda à casa dela, e tinha longas conversas com Dona Ritinha, a única pessoa com quem ela se abria um pouquinho mais.

Com Wanda, ela mantinha aquele elo de amor meio seco, meio brusco, mas sempre muito disposto a ajudar e a servir. Wanda aprendera a amar a mãe exatamente como ela era, e não se importava com a escassez das demonstrações físicas de afeto. Bastavam-lhe as outras atenções com que Dona Mila cercava a família toda, preenchendo assim o vácuo que a morte do marido e a ausência dos outros filhos deixaram em sua vida.

Wanda continuava lecionando, só que agora no Grupo Escolar, que em 1914 reunira as sete escolas isoladas estaduais e duas municipais no mesmo prédio. Era mestra em alfabetização, e por isso iam para a sua classe as crianças que tinham os maiores problemas de aprendizagem. Era ela quem alfabetizava quase todas as crianças de Pereiras e das redondezas.

Entretanto, apesar desse trabalho que ocupava boa parte do seu dia, não se descuidava do lar e da atenção que dava a cada uma das filhas, educando-as nos mesmos princípios em que havia sido criada. As meninas cresciam cercadas de muito amor, dos pais, dos avós, e de inúmeras pessoas que faziam da casa dos farmacêuticos seu ponto habitual.

Wanda contara sempre com a ajuda de pajens para as meninas quando estas ainda eram pequeninas, e ensinara todas a ler. Elas geralmente moravam na casa e só saíam para se casar. Como dote, levavam um enxoval doado por Wanda e Ritinha, e a capacidade de ler. A paixão da professora por ensinar as pessoas a ler vinha do sangue que corria em suas veias, herdado de tantos antecessores que se haviam dedicado à mesma missão. Era uma tradição familiar inegável.

A amizade que desde muito a unia à sogra era agora mais sólida do que nunca. Poucos atritos haviam tido durante todos aqueles anos. Dona Ritinha administrava a casa com a ajuda da Josefa, uma preta alta e espigada. Ambas eram mestras nos quitutes, cuja fartura fazia a festa da família e de muitos "fregueses" que costumavam passar por ali na hora das refeições.

Nhá Raimunda era a freguesa mais constante. Uma senhora já meio idosa, com os filhos todos criados, passava por sérios apuros para se sustentar. Todos os dias ela aparecia perto da hora do almoço, "para arear o talher", o que ela fazia com tanta dedicação, usando uma fina mistura de areia e cinza coadas, que acabava terminando justamente quando o almoço ia ser servido. Aí, como todos instassem muito com ela, acabava aceitando participar da refeição. Era um hábito que vinha já de muitos anos, e graças a ele a família comia com o talher de latão brilhando e bem doiradinho. E Nhá Raimunda tinha com que matar a fome.

Josefa tinha uma filharada, e alguns estavam sempre aparecendo na hora do almoço. Por "coincidência", tinham de levar um recado à mãe, ou perguntar alguma coisa, e acabavam ficando para almoçar, além de ganhar a merenda que levavam à escola.

Outro freguês constante era o Lazinho Tonto, um andante que vivia vagueando pela cidade, sem lugar certo para morar. Ele aparecia sempre por lá, pedindo um pouco de comida, e gostava de se dizer parte da família. Por isso, quando lhe perguntavam seu nome, dizia que era Lazinho de Vasconceli. Muitas vezes, por não conseguir dormir, passava as noites andando descalço. Ia depois procurar Seu Carrinho, com os pés sangrando e escalavrados que o

farmacêutico curava passando pomada e unguento nas rachaduras. Nunca dava os remédios na mão de Lazineiro por não poder saber o que o homem faria com eles. Ele já havia bebido um vidro de linimento certa vez.

Para dar conta de tantos "hóspedes" constantes, Dona Ritinha separava um dia da semana para fazer quitanda, como costumava dizer. Nesse dia, Josefa acendia bem cedo o grande forno de barro cuja boca dava para a cozinha. Aí começava a preparação de todo tipo de delícias que podiam ser guardadas e consumidas durante a semana: biscoito de polvilho, alguns em forma de bicho para as crianças, bolo, pão, pão de lingüiça, bolachinhas, e, por último, quando o forno estava apenas morno, vinham os suspiros.

Havia os dias que eram inteiramente dedicados aos doces: doce de marmelo, que ficava bem vermelhinho, goiabada, pêras em calda, figo em calda, conforme a fruta da época. Sabendo que tinham freguesa certa, alguns sitiantes da região já levavam as frutas que tinham para vender diretamente à casa da farmácia, e Dona Ritinha dispunha assim das melhores frutas da região.

O preparo das carnes era outra tarefa que ficava para o dia da quitanda. Dona Ritinha abria mantas de carne e temperava com um molho especial que ela mesma preparava com salitre, salgando as mantas e depois pendurando-as para secar. Assim tinham um bom estoque de carne para diversas refeições. Quando matavam porco, era aquele afã de limpar, desossar, derreter a banha, que era guardada em grandes latas e usada para temperar a comida. As carnes eram muito bem cozidas e guardadas dentro da banha derretida para serem fritas na hora de servir. Havia os famosos torresminhos que Dona Ritinha separava em tiras estreitas e pendurava num varal sobre o fogão. Assim, a gordura ficava meio defumada e, cortada e frita, produzia petiscos irresistíveis. O cheiro, então, era de matar.

O melhor de todos esses quitutes, o lombo, Dona Ritinha abria em manta e temperava com sal e alho, misturando um pouco de salitre para preservá-lo. Depois a peça toda ia secar ao sol. Na hora de assar, a cozinheira montava uma grelha sobre o rabo do fogão de lenha e puxava sob ela as brasas bem acesas do próprio fogão. A manta de lombo era então aberta e estendida sobre a grelha para assar. O aroma atraía mais "fregueses" do que o normal para a hora do almoço naqueles dias.

Além dessas tarefas, ainda havia outra que, para as meninas, parecia algo encantado. Dona Ritinha era fã de jardim e pomar. Tinha um que começava ao lado da varanda e se estendia até os fundos da casa, fechado por uma cerquinha. Ninguém podia entrar lá sem sua permissão. Augusto, numa das idas a São Paulo, comprara para a mãe na famosa Chácara Marengo umas mudas muito especiais de uva, do tipo Jefferson. Era uma uva branca que exalava um perfume tentador. Por isso Dona Ritinha mantinha a parreira bem protegida de todos os possíveis invasores.

Era uma festa quando as frutas chegavam ao ponto. Do lado de fora, havia sempre alguém inspecionando o desenvolvimento dos cachos, esperando ansiosamente a hora da colheita.

— Ih, Vovó, acho que já vi um cacho madurinho!

— Que nada! Ainda falta um bom tempo para as uvas chegarem ao ponto!

Quando chegava a hora, Dona Ritinha fazia questão de ir colher os cachos ela mesma. Levava consigo uma grande bacia e uma tesourinha. Geralmente uma das netas ia com ela, segurando a bacia enquanto ela cortava com cuidado cada cacho, que a essa altura estava quase

dourado e incrivelmente perfumado, e o depositava na bacia. Ela cortava também algumas folhas bem verdinhas da parreira e colocava junto com as frutas.

De volta à casa, ela lavava as uvas e as folhas. O primeiro cacho ia sempre para Seu Carrinho. Dona Ritinha apanhava um pratinho de cristal, forrava com a folha da parreira e colocava sobre ela o cacho mais bonito. Uma das netas era encarregada de levá-lo ao avô, enquanto Dona Ritinha lavava os outros cachos e os distribuía. Alguns deles eram sempre reservados para alguém que estivesse doente, e o mesmo cuidado que ela tivera com o do marido era repetido. Às vezes as netas a questionavam sobre a vantagem de usar a folha para forrar o pratinho.

— Vovó, para que botar a folha aí, se as pessoas não comem?

— Não comem mas notam, minha filha. E faz uma diferença! As pessoas gostam de sentir que mereceram uma atençãozinha a mais. A fruta é muito gostosa, mas o cuidado em arranjar o cacho sobre a folha mostra que a gente acha que ela merece um carinho especial. Nunca se esqueça disto. Podemos servir às pessoas de qualquer jeito, ou podemos servir com amor, dando um pouco mais de nós mesmas. Eu prefiro servir com amor.

Lições como essas faziam parte da vida diária da casa, onde as meninas podiam observar como os avós e os pais viviam a serviço uns dos outros e da comunidade em geral.

Houve uma vez em que a criançada ficou toda assanhada com a chegada do circo à cidade. Como espetáculo, o circo não era grande coisa, mas mesmo assim foi um acontecimento.

Augusto, que era apaixonado por teatro, levou as meninas a quase todos os espetáculos. Wanda foi a dois deles.

Numa noite chuvosa e fria, quando o circo já se preparava para deixar a cidade, veio um homem pedir a Seu Carrinho e a Augusto que fossem ver um dos seus funcionários que passava mal. Qual não foi a surpresa deles quando, ao chegarem lá, se depararam com uma mocinha muito nova ardendo em febre. Ela não parecia realmente pertencer àquele ambiente, e Seu Carrinho ficou intrigado. Depois de algumas perguntas discretas, ficou sabendo que a moça era do Rio de Janeiro. Namorava um rapaz a quem a família não aceitou, e por isso os dois combinaram fugir para casar e se juntaram ao circo. Ela tivera um bebê e estava atacada por grave infecção puerperal. O jovem marido, desesperado, tentava acalmar o bebezinho que chorava sem parar.

Num relancear de olhos, Seu Carrinho e Augusto perceberam a situação e resolveram levar a família para a casa da farmácia. Os dois jovenzinhos, aterrorizados, incapazes de tomar uma decisão racional, foram facilmente convencidos pelos dois farmacêuticos e pelo pessoal do circo, louco para se livrar daquela encrenca.

Alojado num dos quartos que ficavam ao lado da cocheira, o casalzinho recebeu as atenções calorosas de todos da família.

Demorou alguns dias para que a moça começasse a apresentar sinais de melhora. Enquanto isso, recebeu os medicamentos para o corpo, ministrados por Seu Carrinho e Augusto, e para o coração triste e desanimado, energicamente tratado por Dona Ritinha, Wanda e as meninas. Aos poucos, a pequenina família tinha outra aparência e disposição.

Com muito jeito, Wanda inteirou-se da situação toda.

— Rosa, não acha que deveria deixar que a gente entrasse em contato com seus pais? É bem provável que estejam aflitos sem saber o que aconteceu com você.

— Ah, não estão, Dona Wanda. Meu pai ficou muito bravo quando falei em me casar com o Felício. Garanto que ele não quer mais saber de mim. E se souber que tive um nenê, então...

A mocinha estava com uma aparência bem melhor - menos pálida, mais animada. E demonstrava um pouco daquela teimosia que a levava a se afastar da família em primeiro lugar. Wanda achou que ela precisava ser aconselhada por uma pessoa mais velha e chamou a sogra. Lembrava-se de como a atitude prática e racional de Dona Ritinha a havia ajudado quando muitas vezes estivera confusa. A mulher mais velha não se fez de rogada.

— Escute aqui, mocinha — falou ela em tom severo, que o carinho do rosto suavizava, — não vamos fazer nada contra a sua vontade, mas é melhor pensar um pouco mais com a cabeça. Mesmo que seus pais estejam zangados com você, eles são seus pais e sei que, ainda mais quando souberem que têm uma netinha, estarão dispostos a deixar as coisas que já estão feitas para trás, e ajudar vocês dois a criarem esse nenezinho que não tem nada a ver com a história.

Felício, ninando o bebê, ouvia atentamente os argumentos já anteriormente apresentados pelos dois homens da casa, e que não tinham conseguido convencer a jovem. Dona Ritinha voltou-se para ele e falou com autoridade:

— Felício, se quer ser um bom marido e bom pai, tem de enfrentar o que fez e se reconciliar com as duas famílias. Não podem viver fugindo o resto da vida. Sua filha tem direito ao carinho dos avós, a menos que eles os rejeitem quando souberem de tudo. Pensem bem sobre isto.

Os argumentos de Dona Ritinha foram convincentes o bastante para que o casalzinho permitisse que Augusto mandasse uma mensagem ao Rio de Janeiro, contando o que havia acontecido e onde estavam os dois fugitivos.

Alguns dias depois, receberam uma carta emocionada dos pais de Rosa, com dinheiro para a passagem dos três de volta ao Rio.

Foi uma família feliz que embarcou no trem duas semanas depois. Despedindo-se dos novos amigos, Rosa confidenciou às duas mulheres mais velhas:

-- Quando viemos para cá, eu estava com tanto medo! Pensei que iria morrer sem nunca mais ver a minha família. Não tenho como pagar tudo o que fizeram por mim.

-- Nem precisa, minha filha. Se algum dia encontrar alguém precisando de ajuda, passe adiante aquilo que recebeu. Esse é o único pagamento que realmente tem valor.

Tanto Rosa quanto Felício assentiram vigorosamente com a cabeça. Tinham aprendido uma lição dura, que poderia ter sido muito mais dolorosa não fosse o fato de seu caminho ter-se cruzado com o de pessoas como aquelas que agora deixavam.

A vida no seio da família envolvia muitas outras pessoas, parentes, amigos, e, às vezes, completos desconhecidos que usufruíam os benefícios, o calor e a amizade de todos que ali moravam, pois as gerações mais jovens já seguiam as pegadas dos mais velhos, sem que precisassem ouvir diretamente de seus lábios as lições importantes que estavam aprendendo. Wanda se sentia completamente realizada. Entretanto, algo que havia muito a perturbava reclamava cada vez mais insistentemente a sua atenção. Estava na hora de pegar o touro pelos chifres.

CAPÍTULO 10

UM SONHO ANTIGO

— Ué, por que você está com esse sorriso misterioso? — perguntou Dona Ritinha, olhando curiosa para Wanda.

As duas senhoras, sentadas na sala, conversavam enquanto as mãos se ocupavam dos bordados que enfeitariam um vestido para cada menina. Augusto e Seu Carrinho haviam saído para atender uma pessoa adoentada. As crianças já dormiam. Lurdinha estava com mais de nove anos, Dirce com sete, Ritinha com cinco e Ondina com três. Bem assessorada em casa, Wanda dividia-se entre os cuidados com as filhas, com algumas responsabilidades na casa e os trabalhos como professora. O relacionamento com o marido era cada vez mais terno, mais íntimo. Nenhum arrufo perdurava mais do que algumas horas. Como gostavam de conversar e compartilhar as particularidades da vida do outro! Muitas vezes faziam pequenas travessuras, só os dois, e isso acrescentava um aspecto mais feliz ainda à vida. Naquela noite, Wanda pensava justamente numa dessas travessuras, e um sorriso lhe entreabriu os lábios enquanto os olhos se concentravam no bordado. Dona Ritinha notou:

— Ah, Dona Ritinha, eu estava me lembrando de uma vez em que Augusto e eu saímos no meio da noite para ir colher um cacho de uva no seu pomar. A senhora sabia disso?

— Saber, não sabia, mas bem que desconfie.

— É, foi só uma daquelas idéias malucas que a gente tem de vez em quando. Estávamos conversando e Augusto resolveu que tinha de chupar umas uvas bem fresquinhas, cheias de orvalho. Pegamos a lamparina, saímos pé ante pé, e, depois de colher o cacho mais bonito que encontramos, nos sentamos na soleira da porta dos fundos e ficamos chupando as uvas e vendo a lua.

Só de rememorar o evento, Wanda sentia-se novamente invadida pelo calor daquela intimidade, pela felicidade que sentira. E por isso lembrou-se do rumo dos seus pensamentos antes.

— Eu estava pensando sobre isso, Dona Ritinha, porque sinto-me tão feliz, tão realizada que às vezes tenho até uma sensação de culpa.

— Culpa, minha filha? — estranhou Dona Ritinha. — Culpa por que?

— É que eu sei que bem no fundo, Augusto ainda tem um desejo que não pôde realizar. Quando ela falou as palavras, a sogra parou o crochê e fitou-a atentamente.

— Você está falando do desejo dele de ser dentista?

— É, isso mesmo. Há anos que não tocamos nesse assunto. Quando tentei certa vez, Augusto fechou a cara e se recusou a conversar, ou até mesmo considerar a possibilidade de

estudar. Mas sinto que esse sonho ainda existe dentro dele. É a única parte onde não posso chegar. Por isso, embora pequena, existe uma barreira entre nós. Mas eu gostaria que ele fosse estudar para poder fazer o que sempre quis. Ele ainda é moço e tem muito tempo pela frente. E eu, com a ajuda que tenho aqui em casa, poderia muito bem cuidar das nossas coisas até ele se formar.

Dona Ritinha ficou pensativa por bons instantes. Wanda continuou seu trabalho, esperando em silêncio. Aquela camaradagem que existia entre elas não exigia nem palavras nem silêncio. Podiam conversar quando havia algo a ser compartilhado, e podiam deixar de conversar quando precisavam de tempo para si mesmas, para reflexão, sem ter de dizer alguma coisa. Cada uma respeitava as necessidades da outra. E Dona Ritinha gostava sempre de pensar bastante antes de falar.

— Se você acha que estaria disposta a fazer o sacrifício que seria preciso, por que não?

— Quer dizer que a senhora apóia a idéia?

— Claro. E não é tão impossível quanto parece. Carrinho pode arrumar alguém para ajudá-lo na farmácia. Agora que a escola do Professor Coelho e Souza já está bem estabelecida, seria uma ótima oportunidade para Augusto. Você sabe como ele está sempre arrodando o consultório daquele amigo dele que é dentista. Muita coisa ele já aprendeu pela prática.

A prontidão da sogra em aceitar a idéia produziu um pequeno arrepio em Wanda. Agora já não era mais apenas um sonho — era uma possibilidade, um projeto, e isso envolveria toda a família. Ela sabia que estava disposta a qualquer coisa para que Augusto tivesse essa oportunidade.

Quando Seu Carrinho e Augusto chegaram, depararam-se com duas mulheres decididas — mulheres de Pereiras — daquelas que botam a mão na cintura e enfrentam os maridos sem arredar pé. Os dois entraram conversando animados. Quando se depararam com a cara das duas, pararam no meio da sala e trocaram um olhar de interrogação. O que elas estariam tramando? Por experiência própria, deixaram que elas mesmas falassem na hora que achassem apropriada.

A mesa estava posta para o lanche da noite. Uma chaleira chiava no calorzinho das brasas que avermelhavam a chapa do fogão. Em poucos minutos, o agradável odor de chá de erva cidreira enchia o ambiente.

Sentados à mesa, Wanda serviu o chá e Dona Ritinha começou a fatiar o bolo de fubá que era sua especialidade. Falando como quem não quer nada, ela perguntou:

— Sabe do que Wanda e eu estávamos falando?

Os homens apenas menearam a cabeça, cautelosos.

— Bem, estávamos comentando como seria esta uma boa hora para Augusto ir estudar em São Paulo e fazer o que sempre quis.

Dito assim, parecia a coisa mais natural e mais fácil do mundo. Wanda concentrou-se nas xícaras e bule, deixando a tarefa de enfrentar os homens por conta da sogra, que não se fez de rogada. Uma vez começado o assunto, ela parecia não poder conter-se. Foi então que Wanda percebeu que o sonho não era só seu. Sentiu-se tocada ao ver que a pequena voz que a impelira a falar tocara uma corda sensível nos corações de todos eles.

Augusto foi o mais difícil de ser convencido. A Wanda pareceu de início que o sonho dele havia morrido e sido firmemente enterrado. Mas, não. À medida que as objeções que ele apresentava eram analisadas e descartadas, aquela luz que Wanda vira havia tanto tempo ia

surgindo em seus olhos novamente até tornar-se tão forte que ela quase não conseguia fitá-los. Sentiu uma pontada de tristeza ao pensar que podia ter falado nesse assunto antes.

Foi só depois que os dois estavam no quarto que Wanda mencionou essa tristeza, mas Augusto foi firme.

— Não, Wanda, nem pense nisso. O momento certo é este. Mesmo que você tivesse querido falar disto antes, eu não a teria ouvido. Por uns tempos, estive realmente certo de que o trabalho da farmácia era o melhor para todos nós, especialmente considerando que Papai não está ficando mais moço. Foi só nestes últimos meses que percebi que eu também não estou ficando mais moço mas que ainda teria tempo de começar outro rumo enquanto a situação aqui em casa estivesse tão acomodada como está agora. Até já vinha trocando algumas idéias com Papai.

Agora foi a vez de Wanda sentir-se surpresa, e um tiquinho magoada.

— Você falou com seu pai antes de mencionar alguma coisa para mim?

— E você não falou com Mamãe antes de as duas pularem em cima de mim?

Não adiantava mesmo! Com Augusto, ela não podia! Logo os dois estavam rodopiando pelo quarto enquanto ele cantarolava uma valsinha desafinada. Parecia uma enorme e divertida aventura a que embarcavam naquele momento. Sabiam que haveria inúmeras dificuldades a vencer, mas eram jovens, felizes e estavam dispostos a tudo.

Somente quando já estavam deitados, Wanda aconchegada sobre o ombro de Augusto, foi que discutiram os aspectos mais difíceis da questão.

— Você sabe que vai ser muito duro, não é, querida? Especialmente para você e as crianças. Eu estarei estudando e trabalhando e isso me distrairá, mas vocês continuarão na rotina de sempre, e o tempo demorará para passar.

— Já pensei sobre isso, Augusto. Sei que vai ser difícil, mas não será por tanto tempo assim. E tenho um plano que ajudará um pouco. Posso dedicar mais tempo aos alunos que estejam com dificuldade na escola e às meninas também. Isso fará tudo passar mais depressa. E, depois, você virá passar os domingos conosco, não virá?

— Tenho de ver ainda o que vai ser possível, Wanda. Nem sei se o Professor Coelho e Souza me aceitará. Vamos deixar para amanhã o que não podemos resolver hoje.

A esposa aquiesceu, contente. Tinha ainda outros planos que não mencionara. Esperaria o tempo oportuno. Com um suspiro satisfeito, o coração batendo compassado, uma sensação de profunda paz, adormeceu.

Augusto, entretanto, permaneceu de olhos abertos na escuridão até alta madrugada.

* * *

As dificuldades de ordem prática foram sendo solucionadas de maneira tão suave que Wanda sentiu-se como se estivessem sendo impelidos por mão invisível, por um caminho havia muito preparado especialmente para eles. Augusto se alternava entre ataques de puro júbilo e apreensões, tanto de ordem financeira quanto de tristeza ao pensar em ficar longe da família. Nessas horas, Wanda o animava o mais que podia, lembrando sua experiência em Itapetininga. Sabia que não seria a mesma coisa, mas podia falar com a confiança de quem já passara por situação parecida. E Augusto a ouvia.

* * *

Na escola do Professor Coelho e Souza, que era a maior sumidade em prótese daquela época, tendo inventado a dentadura anatômica, Augusto, por ser muito caprichoso, foi logo nomeado auxiliar do professor. Com isso, teve um treinamento reforçado, pois o mestre era muito exigente e o aluno se esforçava ao máximo para aprender todas as técnicas que ele havia aperfeiçoado ou inventado.

Augusto passava a semana em São Paulo e voltava a Pereiras no sábado à tarde para passar com a família o domingo. Ele chegava cansado e empoeirado, mas quando descia do trem Wanda se encontrava à sua espera na plataforma. Ela sempre vinha sozinha, embora as filhas pedissem para ir junto. Aqueles primeiros momentos de reunião após a semana de separação eram preciosos demais para os dois. Vinham sentados na boléia do trole, conversando. Wanda tinha um interesse insaciável por tudo que Augusto estava fazendo na escola, e ele descrevia com entusiasmo para essa platéia fervorosa todos os detalhes das técnicas que estava aprendendo.

Quando chegavam em casa, Seu Carrinho e Dona Ritinha também eram brindados com as notícias da capital, os últimos jornais, algumas revistas e muitos pormenores da vida do estudante. As meninas ficavam sempre à espera na calçada e pulavam sobre o pai assim que ele descia do trole. Ao observador comum, parecia que a separação fora de meses e não de dias.

O tempo, que a princípio parecera tão longo e interminável, passava inexoravelmente e Augusto começou a enxergar o final de sua jornada de estudante.

Enquanto isso, Wanda ia pondo em ação seu segundo plano referente ao trabalho do marido. Guardando boa parte do seu ordenado mensal, ela estava pronta, com uma quantia que começava a se avultar, quando Augusto falou pela primeira vez na necessidade de arrumar o dinheiro para comprar um consultório. Wanda deixou-o falar, mas nada disse, aguardando o momento oportuno.

Esse momento chegou, mas não foi tão oportuno como ela sonhava que fosse. Em sua imaginação, os dois estariam conversando a sós, e ele mencionaria a necessidade. Então, ela orgulhosamente apresentaria a caderneta onde estavam anotadas as suas economias e lha daria como presente de formatura.

No entanto, foi durante um almoço de domingo. Estavam todos reunidos à volta da mesa, alegres e animados. Wanda havia caprichado na toalete e no penteado que usara aquela manhã à missa. Trazia o vestido de linho rosa de que o marido tanto gostava, aquele que tinha entremeios de renda no peito e delicados bordados que ela mesma fizera. Sempre que o vestia, sentia-se bem, bonita. Levantara os cabelos acobreados num penteado menos severo, e os prendera no alto da cabeça em um coque macio. Os olhos do marido lhe diziam que estava linda e ela sentia um palpitar gostoso do coração todas as vezes que o pilhava fitando-a. "Estou parecendo uma menina apaixonada", pensou, enquanto um pequeno sorriso lhe entreabria os lábios. "Humm, menina, não mais, mas apaixonada..."

Imersa em seus devaneios, ela perdeu boa parte da conversa. Foi só quando o assunto derivou para a quantia de que Augusto precisaria para comprar um gabinete básico que ela voltou a prestar atenção e ficou sabendo de quanto dinheiro estavam falando. Ao perceber que o que havia ajuntado era quase suficiente, Wanda não se conteve e falou:

— Bem, Augusto, não precisa se preocupar. Já temos esse dinheiro.

O marido fitou-a com um ar interrogativo.

— De que você está falando?

Percebendo que teria de contar tudo na frente da família inteira, Wanda arrependeu-se de ter cedido ao impulso de falar, mas era tarde demais.

— Beemm...Desde que você começou a estudar, estou guardando um pouquinho cada mês para ajudar a comprar o gabinete.

À medida que ela ia falando, o rosto de Augusto se ia fechando numa carranca que poucas vezes ela vira antes. As palavras esmoreceram em seus lábios e a alegria se apagou de seus olhos. Oh, por que fora falar antes da hora? Mas por que Augusto estaria tão zangado? Ela não entendia.

A situação ficou constrangedora. Seu Carrinho comia em silêncio, Dona Ritinha olhava de um para outro, os olhos ensombrecidos por algum pensamento desagradável. Até as meninas deixaram de tagarelar, sentindo o ar carregado do ambiente.

Quando a interminável refeição chegou ao fim, um gesto quase imperceptível entre o casal mais velho fez Seu Carrinho levantar-se com fingida cordialidade e chamar as netas:

— Meninas, vamos com o Vovô lá na rede. Lurdinha, pegue o jornal que seu pai trouxe ontem e venha ler para mim. E as outras vão ficar quietinhas. Se não, vão ter de tirar uma soneca.

Dirce empertigou-se toda.

— Ora, Vovô, que idéia! Ninguém aqui é nenê.

O avô piscou para ela, como num acordo entre adultos, e a menina entendeu.

— Ah, sim. Venham, meninas. Vamos brincar lá na varanda.

Dirce, apesar da pouca idade, tinha uma sensibilidade especial, constantemente ligada para tudo o que dizia respeito à família. E isso a fazia pressentir que, no momento, era melhor deixar os adultos resolverem suas dificuldades.

As outras duas meninas eram muito pequenas para notar qualquer coisa, e por isso seguiram de boa vontade a liderança da irmã. Ondina pegou uma revista *O Tico-Tico* já bem surrada, o que indicava quantas vezes já fora lida, e, muito empertigada, acompanhou o avô até a rede. Talvez conseguisse que ele lesse para ela algumas das suas histórias favoritas antes que Lurdinha começasse a leitura do jornal em voz alta. Se não, talvez mais uma história de Dona Faustina e Zé Macaco, que sempre a faziam rir.

Assim, ficaram ao redor da mesa Dona Ritinha, Wanda e Augusto. No silêncio pesado que reinava ali, penetravam as palavras de um versinho que Seu Carrinho repetia lá na rede, acompanhado pelas netas, que o conheciam de cor:

Baque, baque, tum, dum,

Tudus nós semos um.

Sabiam que mais uma vez o avô entretinha as netas com histórias da libertação dos escravos. Ele tinha o dom de tornar a história recente do país numa fascinante aventura.

Mas na sala de jantar, o ambiente continuava o mesmo. Tendo esperado em vão que o rosto de Augusto se desanuviasse e ele dissesse alguma coisa, Wanda fez menção de levantar-se e sair dali. Augusto continuou em silêncio.

Aí Dona Ritinha bufou, o que assustou os dois protagonistas daquele drama familiar algo insólito numa família que se amava tanto e se dava tão bem:

— Ora, ora, Augusto, vamos parar com essa cara feia!

Embora espantado, Augusto não mudou de expressão.

— Por favor, Mamãe, não vamos conversar agora.

— Se você não quer conversar, tudo bem. Mas, ouvir, vai ter de ouvir.

Ele fez um ar de resignação. Quando a mãe punha a mão na cintura, à la mulher de Pereiras, não havia quem pudesse com ela.

— Escute, filho. — A voz já se abrandara. Um suspiro escapou-lhe dos lábios. — Sei que estou sendo intrometida, mas você tem de me ouvir.

Os olhos de Augusto nada diziam, embora ele lhe desse toda a sua atenção.

— Tenho acompanhado de perto a luta de sua mulher para lhe proporcionar a oportunidade de fazer o que tanto desejou toda a sua vida. Nunca a ouvi reclamar. Quanto ao fato de estar guardando dinheiro, eu não sabia, mas desconfiava. É bem típico de Wanda fazer uma coisa dessas. Os sacrifícios que a gente faz por amor são o presente mais bonito que podemos dar a alguém, porque não têm preço. Incomoda-o uma quantia de dinheiro? Por que não botar preço nas horas em que Wanda assumiu as suas outras obrigações para que você pudesse estudar?

A essa altura, tanto Augusto quanto Wanda estavam corados e sem graça — Wanda, por constrangimento; Augusto, por conter as palavras que lhe acudiam aos lábios enquanto ouvia a mãe. Como poderia explicar quanto lhe pesavam todos os sacrifícios que já havia imposto à família? Procurava não pensar muito sobre isso, visto a decisão ter sido de toda a família, mas agora, aquela de ter de receber da mulher o dinheiro para comprar o gabinete parecia a gota final, uma gota de fel que tirava todo o prazer de ter quase alcançado seu alvo. O coração amargava, o orgulho ferido sangrava, e ele sentia-se um... inútil, um nada. Tinha a nítida impressão de que a família passava muito bem sem ele. Todas as alegrias e realizações que haviam enchido seu coração nos últimos meses pareciam distantes e vagas. Por que pensara que tudo aquilo era importante? O que estivera acontecendo com a família, especialmente com a esposa, em sua ausência?

Sabia que todos aqueles arrazoados eram sem base, mas os pensamentos que disparavam por sua cabeça não perguntavam se eram ou não racionais, nem se tinham ou não permissão para se instalar. Apenas chegaram. E ficaram.

Augusto deu-se conta de que a mãe havia dito mais algumas coisas, mas não tinha a menor idéia do que fosse. Então os olhos marejados da esposa registraram-se em sua mente, e ele sentiu como que uma estocada dolorosa no coração. Queria abraçá-la, apagar suas lágrimas com beijos, mas não saiu do lugar. Por isso não pôde deixar de ouvir o que a mãe continuava a dizer:

— Meu filho, quando duas pessoas se casam, elas passam a ser uma só para todas as realidades da vida do casal. Você estudando e Wanda cuidando de tudo para que possa fazê-lo são duas coisas que visam o bem de toda a família. Por isso vale tanto a pena. Aceite o que sua esposa está fazendo por você com alegria e gratidão e o transforme em algo bom, que traga a ela um retorno por esse amor e carinho que ela lhe dedica. Não estrague a alegria dela com um orgulho tolo, Augusto.

Mas isso, infelizmente, já ocorrera. Dona Ritinha, percebendo que era uma hora estratégica para retirar-se, rumou para a varanda em busca do conforto que a presença e o apoio do marido lhe davam nas horas difíceis.

Wanda levantou-se pesadamente, como se estivesse muito cansada. Ela carregou uma enorme travessa para a cozinha e de lá saiu para o quintal.

Augusto não se manifestou. *Ela está esperando que eu vá procurá-la*, pensou, os sentimentos irritados ainda borbulhando dentro dele. Sentia-se isolado, um estranho em sua própria casa. Não podia ir reunir-se aos pais na varanda. Não queria ir conversar com Wanda. Só se.... Apanhando o chapéu, Augusto saiu para a rua. Precisava pensar. E talvez conversar com padre Lindolfo, um de seus melhores amigos. Aquele homem era um sábio, e Augusto sabia que suas palavras seriam de bom senso.

O padre Lindolfo era um senhor de certa idade cujo trabalho na pequena paróquia lhe deixava tempo para muitas visitas. Ele vivia passando na casa dos farmacêuticos, e sua inteligência viva e grande cultura encontravam entusiástico acolhimento naquele lar.

Depois de andar em vão pelas ruas para acalmar as idéias e entender de fato o que estava sentindo, Augusto foi à casa do padre Lindolfo, encontrando-o arrumando uns anzóis novos que havia recebido.

— Nossa, Augusto, que cara mais feia! O que está acontecendo, homem? Desembuche!

Augusto começou:

— Para falar a verdade, Padre, não sei porque vim procurá-lo. Estou num apuro danado com minha mulher e minha mãe.

Padre Lindolfo, que conhecia bem o amor que reinava naquela família, já ia responder com uma brincadeira mas mudou de idéia quando viu que Augusto estava realmente sofrendo. Por isso, esperou em silêncio, fitando-o muito atento, o que obrigou Augusto a prosseguir.

— Acontece que Wanda me contou durante o almoço que vem guardando dinheiro há diversos meses, acho que desde que comecei a estudar, para me ajudar a comprar o consultório. Coitada, estava tão animada! Mas quando ela me disse o que havia feito, fiquei uma fera. Parecia que eu era um menino que precisa estar sempre na barra da saia da mãe, ou, no caso, da mulher. Que espécie de homem sou eu para permitir uma coisa dessas?

Enquanto falava, a raiva ardeu de novo em seu peito. Raiva de si mesmo. Raiva das circunstâncias. Raiva por saber que sua raiva era injustificada! Que confusão!

O que?! Padre Lindolfo estava sorrindo! A contragosto, Augusto sentiu os cantos da boca repuxarem e um sorriso brotar...e se alargar...mais ainda...Quando viu, os dois estavam rindo às soltas! Dois loucos!

Quando conseguiram se acalmar, padre Lindolfo falou:

— Ah, Augusto! Que confusão as pessoas arranjam por nada!

— Maaas, padre...

— Que mas, que nada! Volte e faça as pazes com suas mulheres, que não merecem de jeito nenhum a sua carranca. Rapaz, se você visse a cara que tinha quando chegou aqui! Era de dar azia em qualquer um.

A graça já havia passado e agora Augusto estava pensativo.

— Padre, por que a gente consegue magoar aquelas pessoas a quem tanto ama?

— O amor é assim mesmo, Augusto. Ele torna as pessoas vulneráveis. Mas sem isso, seríamos todos frios e secos. E você não quer acabar assim, quer?

Augusto meneou energicamente a cabeça.

— Além disso — continuou o sábio padre — a sua reação é apenas natural. Você tirou um tempo para crescer, mas está fazendo isso longe da família. Toda experiência nova faz isso

com a gente. Mas depende de você deixar que ela o aliene da família ou trazer tudo o que está vivendo e partilhar com os seus, para que seja algo que enriqueça a todos.

— Mas tenho feito isso! — protestou Augusto. — Sempre que venho, estou louco para contar a Wanda e a meus pais todas as experiências daquela semana. Pode perguntar a eles. Sabem tudo o que está acontecendo comigo.

-- Sim, mas você se esquece de que, enquanto está longe, as pessoas aqui também não deixaram de viver. Sua mulher tem de tomar decisões sozinha, embora conte com todo o respaldo de seus pais. Você não entende que ela não está amadurecendo só através do que você reparte com ela, mas também através daquilo que está passando enquanto você está longe?

Augusto estava pensativo agora. Era verdade o que o padre dizia. Ele mais falava do que se passava com ele quando estava junto com Wanda do que ouvia o que ela andava fazendo. Ela era tão boa ouvinte, tão interessada em tudo, que fora fácil falar mais do que ouvir. O que *ela* estava sentindo? Pensando? Precisava descobrir. Como pudera ser tão insensível, tão cego?

Augusto já estava com o chapéu na mão.

— Um último conselho, Augusto. Corra de volta! Não perca nem um minuto dos poucos que vocês têm para passar juntos. Nenhuma rusga merece esse desperdício...

Mas o futuro dentista já estava lá na calçada, andando apressado, sem ter-se despedido. Ainda bem que padre Lindolfo nem reparou. Voltou aos seus anzóis, assobiando uma musiquinha desafinada.

Augusto diminuiu os passos assim que passou na frente do grupo escolar. Olhou por uns instantes a construção sólida, os janelões altos das salas de aula, e pensou na esposa ali dentro, toureando uma classe cheia de crianças ativas, usando toda a sua energia e capacidade para ensinar-lhes a arte da leitura e da escrita.

De repente, sentiu um desejo irresistível de abraçá-la, de pedir-lhe que o perdoasse. Como pudera ser tão infantil, tão ridículo. Depois do que ela fizera por todos eles!

Atravessando resolutamente a varanda, Augusto dirigiu-se ao pomar. Wanda não estava por lá. Com um pressentimento, ele dirigiu-se à Santa Cruz, um cômodo pequeno ao lado da cocheira, que muitas vezes era usado para hospedar visitas inesperadas, mas onde Wanda costumava se refugiar quando queria um pouco de distância do movimento da casa. Ela estava sentada em uma cadeira de vime baixinha, e tinha o rosto nas mãos.

Augusto hesitou na entrada, sentindo-se desajeitado, quase um intruso. Entrando devagar, ele chegou diante da esposa e se ajoelhou para colocar-se à altura de seus olhos. Quando retirou de mansinho as mãos dela do rosto, deu com uma expressão de tamanha tristeza que se assustou.

— Querida, me perdoe. Não sei como pude ser tão grosseiro. Me perdoe!

Sem saber o que mais fazer, Augusto levantou-se e puxou-a para si. Só que Wanda, sempre tão carinhosa, resistiu.

— Não, Augusto. Não posso perdoar sem saber o que foi que fiz que tanto o magoou.

— Aí está. Não foi nada que você fez. Foi o meu tolo orgulho que se feriu à toa. Por favor, querida, me perdoe.

Wanda, fitando o rosto aflito do marido, que refletia sua própria dor e confusão, não pôde deixar de exclamar:

— Ah, Augusto, o que está acontecendo conosco? Sinto-me afastada de sua vida. Não estou ao seu lado durante a semana. Tenho medo que estejamos nos acostumando a ficar longe

um do outro, você para lá e eu para cá. Foi isso que me fez desejar participar mais de perto do seu sonho. Achei que poderíamos escolher juntos as peças do consultório, e assim eu me sentiria mais próxima de você. Toda vez que anotava uma quantia na caderneta, pensava no que poderíamos comprar com aquele dinheiro. Talvez tenha sido uma bobagem, mas isso me deu tanto prazer que você nem pode imaginar. Não foi nenhum sacrifício. Por isso, quando você ficou tão bravo, me senti mais isolada ainda de você. Parecia que você estava dizendo que eu não tinha parte nesse aspecto da sua vida, que você não queria que eu me metesse ali.

Ela parou, esgotada. Ele ficou em silêncio por alguns instantes, cabisbaixo. Quando ergueu para ela os olhos, Wanda viu neles um brilho suspeito.

— Querida, o que posso dizer? Você é tudo para mim. Sem você, nada do que tenho feito teria a mínima graça. Estou sempre pensando em você. Mesmo quando me encontro lá em São Paulo, aprendendo coisas novas, estou sempre pensando em partilhá-las com você, imaginando qual vai ser a sua reação a alguma novidade. Você é a parte mais importante da minha vida. Nunca se esqueça disso, mesmo quando eu fizer papel de bobão como fiz hoje.

— Bobo mesmo!

— Está bem, está bem. Não precisa exagerar!

Agora foi ela quem estendeu os braços para ele. Poderia enfrentar os últimos meses de separação confiantemente se soubesse que seus caminhos estavam realmente unidos, conduzindo-os rumo a um único alvo. Até que aquela briga servira para esclarecer muita coisa!

Apesar disso, Wanda, novamente sozinha depois que Augusto voltara a São Paulo, custou a pegar no sono aquela noite. Apavorava-a a intensidade de sua dor quando se sentiu distante de Augusto. O que faria se ele se afastasse dela agora que tinha novos interesses? Sabia que Augusto a amava. Não era que estivesse duvidando dele. Ao mesmo tempo, sabia que naquele dia ele lhe falhara tanto no amor quanto na compreensão. Apesar de terem feito logo as pazes, sentia-se abalada na segurança que sempre tivera no relacionamento com o marido. O que faria se isso lhe faltasse algum dia? Como sobreviveria?

Sentia-se cansada aquela noite. Que falta Augusto lhe fazia! Quando o incentivou a ir estudar em São Paulo, jamais imaginou que o tempo em que ele estaria fora custaria tanto a passar. Embora contasse com a companhia do casal mais velho e das meninas, faltava-lhe o apoio que a mera presença do marido lhe trazia.

Wanda, você é muito exigente, repreendeu-se ela, revirando-se mais uma vez na cama. *Tem tudo que uma família pode dar*. Mas, então, por que ainda sentia-se abalada? *É por isso mesmo*, pensou. *Quando o que a gente tem é tão bom, fica-se com medo de perder*. Mas o que poderia fazer que ainda não havia feito? Nada mais tinha para oferecer. Dera a si mesma de corpo e alma pela família - não tanto por escolha premeditada, mas à medida que as necessidades iam surgindo, ela as ia suprindo, como aprendera a fazer dentro do lar onde fora criada. Lembrava-se da norma que a mãe incutira nela: Faça o que tiver de fazer da melhor maneira possível. Jamais fugira do dever, da responsabilidade. Aliás, sempre dera o máximo de si em todas as tarefas que assumira, tanto em casa quanto na escola.

Não, concluiu Wanda, o sono começando confundir os pensamentos conflitantes que lhe atravessavam a mente, *nada mais posso fazer. Só rezar*.

Sentou-se na cama, novamente alerta. Rezou ferventemente, mais do que o normal. Precisava rezar muito, agradecer a Deus. Assim, quem sabe Ele lhe atenderia às preces.

CAPÍTULO 11

O FILHO DE UM VELHO AMIGO

— Augusto, quero que me faça um favor na próxima vez que for a Botucatu.

— Claro, Papai.

— Soube que o filho de Seu Alberto Dias, um velho amigo meu, está morando lá. Gostaria que o procurasse para mim. Talvez Trajano o conheça e saiba até onde ele mora. Ouvei dizer que é pastor protestante. Imagine só!

— Não diga! De onde o senhor conheceu o pai dele?

— Ele era fazendeiro perto de Laranjal. O sobrenome era Assumpção, mas todo mundo o chamava de Alberto Dias. Era um homem e tanto, Augusto. Íntegro, muito honesto, muito inteligente. Ficamos amicíssimos. Só que depois me mudei de lá, e quando soube que ele morreu, moço ainda, perdi o contato com a família dele. Agora fiquei sabendo que um dos filhos, o Coriolano, está morando em Botucatu. Gostaria muito de ter notícias deles todos, de Dona Luizinha, dos outros filhos.

— Está bem, Papai. Vou procurar esse Coriolano na próxima vez que for visitar Lurdinha.

Augusto estava formado e de gabinete montado ao lado da farmácia. O sonho, longamente acalentado, era agora uma realidade. Tinha clientes que vinham de todos os sítios da redondeza. Sua perícia na área da prótese havia restaurado muitas bocas desdentadas que agora sorriam sem acanhamento.

Enquanto tudo isso acontecia em Pereiras, Trajano fora parar em Botucatu, uma cidade localizada no alto da serra. Famosa por seu clima e suas escolas, Botucatu atraía o farmacêutico que precisava fazer estudar o bando de filhos. Ele montara uma boa farmácia e morava num casarão amplo e confortável no Bairro dos Lavradores. Oferecera um lugar para Lurdinha morar enquanto estudasse na Escola Complementar, que funcionava no prédio da famosa Escola Normal. A menina terminara o Grupo Escolar em Pereiras e como Tio Martinho Nogueira, irmão de Vó Mila, era o diretor da escola de Botucatu, Augusto e Wanda haviam achado que o melhor era que Lurdinha fosse estudar lá, junto com as primas. Vó Mila pedira como especial favor que o irmão tomasse a neta sob suas asas para que ela aproveitasse ao máximo os estudos. Ela já antevia mais uma professora para continuar a tradição de sua família.

Augusto ia a Botucatu uma ou duas vezes por semestre, a fim de visitar a filha. Wanda raramente o acompanhava, por ser muito difícil ausentar-se de Pereiras, a não ser durante as férias escolares. O casal estava vendo chegar a hora em que teria de procurar outro lugar para

morar, pois as filhas estavam crescendo e precisando de escolas mais adiantadas do que Pereiras tinha para oferecer. Talvez Botucatu estivesse chegando ao topo da sua lista.

Desta vez, quando Augusto voltou a Pereiras, depois da última visita que fazia a Botucatu naquele semestre, tinha um ar de segredo que deixou todos intrigados. Ele, contudo, não parecia ter pressa em conversar sobre o que se tinha passado lá. Começou a falar de mil coisas sem importância, até que o pessoal caiu em cima dele, cheio de perguntas.

— Calma, calma, gente. Uma coisa de cada vez. Falei com Tio Martinho, Wanda, e ele disse que Lurdinha está indo muito bem na escola, mas que não permitiu que ela se matriculasse adiante da sua idade porque sabe exatamente quando ela nasceu.

Wanda riu.

— É, apelar para os parentes tem lá seus inconvenientes.

Augusto também riu, lembrando-se da cara de Tio Martinho quando lhe contou que eles haviam alterado a certidão de nascimento de Lurdinha para ela poder entrar mais cedo no Grupo.

— Mamãe, Trajano e Colaquinha estão muito bem. A farmácia é ótima e a casa muito boa. Eles estão contentes. — Vendo a pergunta muda nos olhos dos pais, Augusto acrescentou a contragosto. — É, pena que ele de vez em quando ainda se exceda um pouco na bebida. Gostaria de não ter de contar-lhes isso, mas sei que querem saber.

Dona Ritinha acenou afirmativamente, sem dizer palavra. Seu Carrinho apenas cerrou os lábios.

— Agora, Papai, a notícia que o senhor está esperando. Fui fazer uma visitinha a Coriolano. Ele é de fato pastor protestante. Parece que Seu Alberto virou protestante depois que o senhor foi embora de Laranjal. Não sei bem como é a história. Talvez ele lhe conte pessoalmente.

Seu Carrinho fez um ar de quem não entendia. Augusto, que reservara o melhor para o fim, falou triunfante:

— Ele falou que quer muito conhecê-lo. Por isso convidei-o para vir festejar conosco o aniversário de Mamãe. Ele virá aqui na semana que vem!

A expressão do velho ficou radiante.

— Vem mesmo, Augusto? Mas que bom!

Dona Ritinha compartilhou a alegria do marido. Só Wanda estava com um ar meio atrapalhado. Augusto notou e mexeu com ela.

— Ora, Wanda, não se preocupe. Ele parece uma pessoa bem normal, apesar de protestante! Aliás, Papai, gostei muito dele. Conversamos longamente. Ele têm uma filharada. A esposa dele, Dona Marieta, também é professora. E sabe de quem ela é filha? De seu João Ferraz, aquele que foi o primeiro professor aqui em Pereiras. Não é uma coincidência?

A conversa continuou animada, com trocas de recordações a respeito da antiga amizade da parte dos dois velhos e muitas perguntas curiosas por parte dos mais moços.

— Coriolano vem sozinho, Augusto?

— Vem, Papai. Dona Marieta leciona e, com todos aqueles filhos, não pode sair.

— Mas ele pousa aqui uma noite, não pousa?

— Penso que sim.

Seria uma festa e tanto. Imagine só, receber a visita do filho de um velho e querido amigo que, pelo que Augusto contara, também se sentira muito emocionado em conhecer alguém que fora amigo do pai que tão cedo o deixara.

Dona Ritinha e Wanda já estavam às voltas com os detalhes práticos da visita. Muito hospitaleiras, elas queriam oferecer o melhor que pudessem ao ilustre visitante.

— Augusto, você sabe a que horas Coriolano vai chegar?

— O trem chega às 10 horas, Mamãe. Assim ele deve estar aqui para o almoço. Mas não vá se preocupar com isso. A senhora já vai ter bastante trabalho com a festa. Queremos que ele se sinta bem à vontade aqui em casa. O principal é termos tempo para conversar bastante.

Dona Ritinha meneou a cabeça sem nada dizer, olhando para a nora cujo leve sorriso traduzia os mesmos pensamentos. Esses homens não entendem nada, dizia o seu gesto. Pensam que é só bater palmas e as coisas deliciosas que tanto apreciam vão pulando sozinhas para a mesa!

Haveria muita coisa a ser planejada e preparada, mas as duas senhoras tinham agora um incentivo a mais para se desdobrar. Hospitaleiras como eram, botariam mãos à obra, e, com a ajuda eficiente da Zefa, teriam tudo pronto quando o visitante chegasse. Realmente, era sua a culpa da ignorância dos homens. As duas faziam seu trabalho com tanta eficiência e naturalidade que os maridos não entendiam direito todo o esforço por trás do conforto que gozavam em casa.

Se Wanda sentia certa inquietação referente à visita, não conseguia saber por que. E resolveu não prestar atenção a essa bobagem.

* * *

O trem chegava às dez horas. Augusto arreou o trole e foi buscar Coriolano na estação, que ficava a certa distância da cidade - um grande inconveniente.

Na casa, uma grande azáfama. O dia do aniversário de Dona Ritinha sempre fora muito celebrado, mas esse era mais especial ainda.

Wanda, com a ajuda das meninas, se incumbiu de pôr a mesa e enfeitar a casa. As famosas rosas brancas de Dona Ritinha foram colhidas e colocadas num vaso de cristal. Os móveis haviam sido espanados e lustrados, as almofadas batidas e expostas ao sol por uma hora, os vidros da janela limpos até brilhar.

Sobre a alvíssima toalha adamascada que recobria a mesa de jantar as meninas iam colocando, com muito cuidado, a porcelana inglesa reservada para as ocasiões especiais. Os talheres, areados por Nhá Raimunda com afinco especial naquele dia, brilhavam como se fossem de ouro. Os guardanapos foram enrolados e presos por porta-guardanapos de bambu, envernizados e marcados a ferro, que Augusto havia feito em sua oficina. Uma sopeira de porcelana branca contendo um arranjo de frutas, algumas silvestres, enfeitava o centro da mesa. Esteirinhas de madeira e latão marcavam os lugares onde as travessas de comida seriam colocadas. Parecia estar tudo pronto.

Wanda foi reunir-se à sogra e à Zefa na cozinha.

— Pena eu não poder ficar com vocês à tarde, Dona Ritinha. Gostaria muito de ajudá-la a hospedar Seu Coriolano.

— Não se preocupe, minha filha. Teremos a parte da noite para conversar e ficar todos juntos.

Wanda pensou se mencionava para a sogra aquela sua apreensão com essa visita, mas desistiu. A boa senhora estava tão ocupada, e animada com a idéia de ver de novo o filho de Seu Alberto Dias, que ela conhecera apenas menino, que não seria uma hora apropriada. Ficava para depois. Aliás, era melhor mesmo esperar o hóspede chegar para ver se havia base para essa sensação esquisita que a invadia. Iria fazer uma última inspeção nas meninas e ver se estavam em ordem para receber a visita e depois ir para a escola.

Ao passar pela sala de estar, Wanda ouviu o som de vozes. Eram Augusto e Coriolano que entravam pela varanda, onde as meninas os aguardavam ao lado de Seu Carrinho. Ela viu um senhor moço, da idade de Augusto provavelmente, cabelos escuros ondulados, um bigode farto e bem aparado, feições bem talhadas mas suaves, olhos muito azuis. Um belo homem, bem vestido - um verdadeiro cavalheiro.

Seu Carrinho hesitou um momento de pura emoção. Depois dirigiu-se a Coriolano de braços abertos e foi recebido da mesma forma. Um forte abraço uniu aqueles dois homens por alguns momentos. Ao mais moço parecia estar abraçando de novo o pai tão saudoso, e o mais velho, sentindo isso, derramava sobre o outro o carinho e a afeição que nutrira pelo amigo já falecido. Foi um encontro comovente.

Seu Carrinho apresentou Coriolano à esposa. Dona Ritinha também conhecera os pais do moço e por isso recebeu um abraço muito carinhoso. Então foi a vez de Augusto apresentar Wanda e as meninas. Quando o fitou, Wanda sentiu um certo tremor. Não saberia dizer por que, mas pressentia que esse senhor simpático era mais do que um simples amigo. Sua presença entre eles mudaria coisas importantes na vida da família.

Entretanto, nada havia que confirmasse essa desconfiança. A conversa se desenrolava animada e gostosa. Primeiro foram as trocas de recordações. Seu Carrinho queria saber o que havia acontecido depois que ele se mudara de Laranjal, quando os filhos do amigo ainda eram bem pequenos.

— Ah, Seu Carrinho, como eu gostaria de ter sabido que Papai viveria tão pouco! Ele morreu muito moço. E deixou um buraco muito grande na minha vida.

Aquela queixa tocou fundo o coração de Wanda. Como ela compreendia essa tristeza de perder o pai! Apesar de ter Augusto e as filhas, nem mesmo o amor deles conseguia preencher plenamente o vazio deixado pela morte de Seu Paulino tantos anos antes.

— Dona Wanda, Augusto me contou que a senhora é professora e que se formou em Itapetininga.

A pergunta direta trouxe Wanda de volta dos seus devaneios.

— Sim, Seu Coriolano, sigo a tradição da minha família. Meus avós maternos foram professores, e meus pais também, além de todos os meus tios e dois dos meus irmãos. Sei que sua esposa também é professora, não é?

— Sim, Marieta também vem de uma família de professores. A mãe e o pai fundaram uma das melhores escolas do interior de São Paulo, na cidade de Tietê. Até Dom Pedro II visitou a escola e ficou impressionado com a qualidade do ensino. Depois que Seu João Ferraz morreu, Dona Filomena mudou-se para Botucatu com as filhas solteiras. Cotinha, irmã de Marieta, é casada com meu irmão Gustavo.

— Nossa, que coincidência!

Dona Ritinha já havia adiantado o almoço e por isso podia dar-se ao luxo de deixar o resto dos preparativos por conta de Nhá Zefa e ficar conversando com a visita. Wanda, porém, precisava ultimar os preparativos do dia escolar e pediu licença a todos, retirando-se e levando consigo as filhas.

Quando ficaram só os três, Seu Carrinho levou de novo a conversa aos últimos tempos da vida de Seu Alberto. Ficou sabendo que ele se convertera ao protestantismo pela pregação de um pastor presbiteriano que fora passar alguns dias na fazenda, mandado por um amigo comum. Ele e Dona Luizinha tomaram a difícil decisão, apesar de fortes críticas tanto de parentes quanto de amigos e vizinhos.

— Isso deve ter sido uma coisa muito importante para Alberto. Ele era muito benquisto. Não contrariaria todo mundo se não pensasse que era importante.

— Sim, Seu Carrinho. O senhor conheceu meu pai. Quando acreditava em alguma coisa, ficava firme. Foi o que ele e Mamãe fizeram.

Seu Carrinho ficou pensativo. Parecia transportado à sede da fazenda onde tantas horas passara em conversas profundas com o amigo. Como gostaria de poder perguntar-lhe o porquê daquela decisão.

— Coriolano, seu pai chegou a saber que você queria ser pastor?

— Sim, Seu Carrinho. Eu já estava estudando no Instituto Mackenzie, em preparação para o ministério, quando ele faleceu. Na época, quase desisti de tudo. Achei que Mamãe precisava de minha presença lá na fazenda. Entretanto, ela quis que eu terminasse o curso e fizesse o seminário. Nessa época, o irmão que tinha o nome de meu pai sofreu um acidente limpando uma espingarda e morreu. Não sei como Mamãe suportou tudo isso.

— Sua mãe era uma mulher muito forte, Coriolano. Aliás, seus pais formavam um par extraordinário. Os dois eram amigos muito, muito queridos.

Os olhos muito azuis de Coriolano, ensombrecidos de saudades, fixaram-se agora no senhor idoso à sua frente.

— E o senhor, Seu Carrinho? O que tem feito estes anos todos? Augusto já me contou algumas coisas, mas quero saber mais.

— Ah, Coriolano, não passo de um velho cigano. Depois que saí de Laranjal, já morei em tantos lugares. Agora é que parecemos ter assentado por aqui...

Dona Ritinha deixou os homens às suas reminiscências e escapuliu para a cozinha. Foi ver como andavam as coisas.

À noite, a festa de aniversário de Dona Ritinha reuniu parentes e amigos. A casa ficou lotada. Foi uma ocasião muito agradável. As crianças, presas dentro da casa por causa do frio, brincavam nos quartos das meninas. Os adultos se espalhavam pela sala e pela enorme copa. O calorzinho do fogão de lenha aquecia a cozinha e muita gente acabava indo parar lá. Conversas animadas enchiam o ambiente. Coriolano ficou conhecendo muita gente aquela noite e pôde perceber como aquela família era querida e admirada.

Depois que o último hóspede se retirou e a família se reuniu para o último cafezinho do dia, Coriolano brincou com Augusto:

— Pois é, Augusto, eu tenho uma porção de filhos e você só tem filhas. Quem sabe ainda podemos vir a ser parentes.

A sugestão foi acolhida com muitas risadas. Quem poderia prever o futuro?

* * *

As visitas continuaram com certa frequência. Às vezes, o Reverendo Coriolano, como o chamava Dona Ritinha vinha sozinho, às vezes trazia algum dos filhos consigo. Eram sempre recebidos com grandes demonstrações de carinho. Coriolano e Augusto tornaram-se grandes amigos, e gostavam de trocar insultos fingidos. Tinham gostos complementares e viviam atacando os do outro.

— Nunca vi ninguém de bom senso gostar de cabrito — caçoava Coriolano, só para amolar Augusto. — Vai acabar berrando em vez de falando.

— Pois eu é que não sei como alguém pode gostar tanto de leitoa — revidava Augusto na mesma altura. — Também, não é de admirar. Só um homem feio como você teria um gosto desses.

— Feio, pode ser. Mas pelo menos não sou orelhudo — retrucava Coriolano, passando a mão acintosamente por suas orelhas bem feitas.

— Sabe que o tamanho da orelha indica o comprimento da vida? Vou viver mais do que você...

Assim iam as brigas fingidas cimentando com brincadeiras e caçadas uma amizade sincera e indissolúvel.

Nos assuntos que os separavam, eles pouco tocavam. Coriolano sabia da devoção sincera e fiel da família de Augusto e admirava esses sentimentos. Sabia que Augusto dava muito apoio ao vigário local, sendo um dos que sempre se ofereciam para ser o festeiro do divino, uma tarefa que incluía muito trabalho para a família toda. As meninas se vestiam de anjo para tomar parte nas procissões, e nem reclamavam quando tinham de dormir toda a noite anterior com papelotes na cabeça para que os cabelos muito lisos ficassem encaracolados, um verdadeiro martírio. Só Dirce escapava, pois era a única que tinha cabelos ondulados.

Coriolano, entretanto, buscava atentamente uma oportunidade para falar a Augusto sobre sua fé, sobre a simplicidade do evangelho. Era um evangelista de coração, que vinha desenvolvendo um trabalho verdadeiramente missionário até o alto da Sorocabana, e sonhava em conquistar a família de Augusto para Cristo. Sabia e sentia que ali todos tinham um espírito verdadeiramente religioso, e praticavam a caridade de coração, mas queria aos pés de Jesus ver todas aquelas pessoas a quem aprendera a amar e a admirar.

Falava naturalmente de seu relacionamento com Deus, e com uma familiaridade com seu Pai que chocava um pouco Augusto, para quem Deus era um ser remoto e que devia ser adorado e temido. Amar a Deus era uma coisa intangível, reservada aos grandes santos. Os cristãos comuns tinham regras para seguir, ritos para praticar, e sacerdotes e santos para intermediar suas orações e práticas. As orações de ação de graças que Augusto ouvia quando tomava alguma refeição na casa de Coriolano eram feitas diretamente a Deus e num tom que denotava profunda intimidade com Ele. Aquilo atraía Augusto, embora ele se sentisse ao mesmo tempo repellido pelo que considerava falta de respeito.

Longas conversas foram travadas antes que Augusto aceitasse falar abertamente sobre aqueles princípios que para Coriolano eram fundamentais. Era como se uma porta fechada, mas

não trancada, estivesse sendo aberta, permitindo a Augusto entrever um novo aspecto da crença religiosa.

Quando voltava para casa depois dessas visitas, Augusto vinha sempre meio quieto, pensativo. Wanda começou a temer que alguma coisa importante estivesse acontecendo na vida do marido, coisa sobre a qual ele não parecia querer falar com ela. No princípio, Augusto relatava na íntegra as conversas que tinha com Coriolano, mas como ela se horrorizasse de o marido estar conversando sobre essas questões com um protestante, ele deixou de contar o teor das conversas mais sérias que tinha com o amigo.

Hesitante, ela tocou no assunto com o marido:

— Augusto, tenho um certo receio de onde possam levar essas conversas com Coriolano. Ele é uma pessoa maravilhosa, mas pensa de maneira muito diferente da nossa. Ele não estará tentando fazer você virar protestante?

— Não sei, querida. Ele nunca puxa o assunto de religião. Eu é que tenho perguntado algumas coisas que sempre me deixaram intrigado, e ele tem explicado da maneira como vê. E entendo o que ele está querendo dizer.

— Está vendo só? — redargüiu Wanda horrorizada. — Você já está começando a pensar como ele!

— Wanda, você acha que sou algum cabeça de vento que só por conversar com alguém já vai aceitando tudo o que ele diz? Estou dizendo apenas que algumas das coisas que Coriolano diz tocam lá dentro do meu coração. Não foi ele quem botou lá essas dúvidas e indagações. Está apenas confirmando que elas têm sua razão de ser.

Depois da veemência de Augusto, Wanda achou melhor não mexer mais com aquele assunto, na esperança de vê-lo desaparecer por si mesmo.

Quando mencionou sua preocupação para Dona Ritinha, não encontrou eco na sogra.

— Ora, minha filha, acho que não precisa se preocupar. Augusto já é bem grandinho, e essa amizade com Coriolano e a família dele não pode afetar as suas crenças. Ademais, você nota alguma coisa além de admiração e afeto entre os dois quando Coriolano vem aqui?

— Não, senhora. É, talvez eu esteja imaginando coisas.

Wanda não tocou mais no assunto, mas sua inquietação não desapareceu. *Sabia* que algo se passava no coração de Augusto. E pela primeira vez em um bom tempo havia alguma coisa entre eles que não era discutido abertamente.

Aparentemente, tudo continuava normal entre o casal. O consultório ia bem e Augusto parecia muito feliz por estar finalmente exercendo a profissão. O único senão nessa época foi o fato de o diploma de Augusto como dentista não ter sido reconhecido oficialmente. O Dr. Coelho e Souza tinha inimigos políticos que, para prejudicá-lo, conseguiram impedir que o reconhecimento de sua escola fosse oficializado. Com isso, Augusto teve de mudar a sua placa de "dentista" para "prático licenciado". Teve início, então, um movimento por parte dos dentistas formados na recém-fundada faculdade de odontologia de Itapetininga para caçar a permissão de qualquer pessoa que quisesse exercer a profissão sem um diploma das faculdades oficiais. Augusto via com apreensão esse movimento, e chegou a cogitar de fechar o consultório e voltar a trabalhar na farmácia.

Um médico meio parente de Wanda e grande amigo da família, o Dr. Soares Hungria, teve o que foi considerada a solução para o problema. Aconselhou Augusto a mandar a filha

mais velha, Lurdinha, que já se preparava para fazer a Escola Normal e seguir a tradição da família, estudar odontologia. Assim, tendo alguém formado pela faculdade para dar o nome ao consultório, Augusto poderia continuar trabalhando como prático da profissão sem maiores problemas mesmo que o movimento dos dentistas formados vingasse.

Embora relutando, Augusto enxergou a sabedoria da sugestão do amigo.

-- Wanda -- consultou ele certa noite, -- o que você acha da sugestão do Dr. Hungria?

Eles já haviam trocado idéias a respeito diversas vezes sem chegar a nenhuma conclusão definitiva. Wanda achava que talvez fosse pedir demais à filha que, por ser a mais velha, já havia sido levada por caminhos nada convencionais para suprir a falta que Augusto tinha de um filho. O pai a ensinara a caçar e a transformara numa exímia atiradora. Acompanhava-o muitas vezes em suas viagens e os dois estavam sempre conversando. Wanda sabia que se dariam bem trabalhando juntos, mas seria isso bom para Lurdinha?

-- Realmente não sei, Augusto. Será que isso não levaria Lurdinha por um caminho muito diferente do das outras mulheres? Quero que ela possa vir a se casar e ter filhos. Como fica uma profissão dessas se ela tiver de cuidar de uma família? Trabalhando num consultório diversas horas por dia, tratando dos dentes de homens e mulheres. Não é esquisito?

Augusto ficou pensativo. Não conseguia enxergar a filha se casando e com uma família, embora soubesse ser isso o que ela provavelmente desejaria. Mas, enquanto essa hora não chegasse...

-- Vamos encarar a coisa desta maneira, Wanda. Lurdinha estuda, se forma, vem trabalhar comigo. Quando chegar a hora de se casar, ela resolve o que quer fazer com a profissão. Não podemos resolver hoje o que acontecerá daqui a alguns anos. A única coisa que quero saber é se ela gostaria de estudar odontologia em vez de fazer a Escola Normal.

Lurdinha resolveu estudar odontologia. Embora sempre tivesse pensado em ser professora, seguindo a tradição de todas as mulheres de quem ela descendia no lado da mãe, intrigava-a também a idéia de fazer algo diferente. Além disso, era agarrada com o pai e trabalhar ao lado dele seria bastante especial.

Assim, ficou decidido. Lurdinha, agora uma mocinha de treze anos, iria para Itapetininga, onde a recém-inaugurada Faculdade de Odontologia oferecia aos jovens, e também aos senhores maduros, que já vinham praticando a odontologia havia algum tempo mas sem diploma oficial, a oportunidade de se formarem e poderem se estabelecer definitivamente em sua profissão.

Com todas essas mudanças ocorrendo na vida da família, algumas coisas foram passando quase despercebidas. Entre elas, o distanciamento cada vez maior entre Augusto e as práticas religiosas normais da família. Ele deixara de acompanhar Wanda à missa. Sempre tinha uma desculpa. E ela, estranhamente inquieta, tinha medo de confrontá-lo. O que estava acontecendo com eles?

CAPÍTULO 12

O LIVRO DE CAPA PRETA

O dia amanhecera nublado e fazia tudo parecer triste. A partida de Lurdinha para Itapetininga havia deixado um buraco na vida da família. Pensando em tudo que a filha teria de enfrentar lá naquela cidade da qual tinha recordações tão gostosas, Wanda procurava enxergar o lado bom da coisa. "Mas eu era bem mais velha do que ela", argumentava consigo mesma, e esquecida das dúvidas que tivera na última hora, continuava: "E fui eu quem tomou a decisão de ir morar longe de casa."

Além desses pensamentos tristonhos, Wanda tinha outras coisas com que se preocupar. Dona Ritinha não estava passando bem aqueles dias. A velha senhora, apesar de tão ativa, sofria dos rins e tinha épocas em que passava bem mal. Seu Carrinho zelava pela saúde dela com todo o cuidado. Ela nunca tomava a água de Pereiras, que era salobra, pois o marido sempre mandava buscar água mineral em grandes quantidades para nunca faltar. Apesar desse e outros cuidados, havia as crises que às vezes a faziam ficar acamada por alguns dias. E que falta fazia a sua presença sempre animada pela casa! Quando Dona Ritinha estava doente, tudo ficava sem graça.

Foi justamente nesse dia que aguardavam uma das visitas cada vez mais frequentes de Coriolano. Ele havia formado uma pequena congregação em Conchas, aonde acorriam também alguns crentes de Maristela, e vinha ali pelo menos uma vez por mês, fazer cultos, batizar crianças e celebrar a Santa Ceia. O pequeno núcleo, que tivera início na casa de Dona Ester, com quem a irmã Vasti agora residia, crescia apesar de enfrentar bastante oposição. Os "crentes", apesar de muito estimados como pessoas, eram vistos com suspeita, e deles e de seus cultos corriam boatos desagradáveis, nos quais poucas pessoas realmente acreditavam, mas mesmo assim passavam adiante como "é o que dizem".

Wanda se atarefava na cozinha, dando uma mãozinha a Nhá Zefa. Realmente não havia muito com que se preocupar, pois apesar do mal estar, Dona Ritinha deixara muita coisa preparada. A horta produzia verduras fresquinhas para uma boa salada. O limoeiro carregado seria responsável pela limonada que o visitante tanto apreciava. Um manjar branco, que seria acompanhado de ameixas pretas em calda, aguardava impávido a hora da sobremesa.

Wanda deixou a empregada encarregada de terminar o preparo da refeição e, enxugando as mãos no aventalão com que recobrir a roupa que usaria à escola aquele dia, foi pé ante pé dar uma espiadinha em Dona Ritinha. Ao aproximar-se da porta entrefechada do quarto, ouviu aquele murmúrio conhecido dos dois velhinhos conversando. Não dava para distinguir as palavras, mas era um som tão reconfortante que Wanda deixou-se ficar ali alguns instantes, aquecida pela terna comunhão do casal. Aqueles dois eram como que os santos protetores de toda a família. Seu Carrinho, provavelmente inquieto quanto à condição de Dona Ritinha, devia

ter saído mais cedo da farmácia e vindo fazer-lhe companhia. Agora ele saiu do quarto, e vendo Wanda parada ali, fez um sinal positivo com a cabeça, enquanto cerrava devagarzinho a porta do quarto, dirigindo-se depois à varanda. Wanda o acompanhou.

— Ela está bem, Seu Carrinho?

— Sim, minha filha. Essas crises sempre a deixam bem fraca, e agora ela estava querendo tirar um cochilo.

Ouvindo os sons de um cavaleiro que se aproximava, os dois olharam pela rua e viram Coriolano que chegava. Dormira na casa de uns amigos de Maristela, e cavalgara o restante do caminho até Pereiras.

Depois de acomodar o cavalo na cocheira, Coriolano foi lavar as mãos e o rosto, e em seguida sentou-se na varanda para conversarem enquanto aguardavam a hora do almoço. Augusto demoraria um pouco mais para chegar, pois tinha naquele dia um paciente que lhe estava dando muito trabalho.

Wanda deixou-os ali e foi providenciar um cafezinho. Quando voltou com a bandeja, Seu Carrinho estava no meio de uma narrativa na qual Coriolano parecia extremamente interessado.

— ...e eu era muito moço para entender direito o que estava acontecendo. Minha mãe já havia morrido, e a segunda mulher de meu pai era uma pessoa muito difícil. — Aqui Seu Carrinho parou e deu um sorrizinho, lembrando-se de que não era bem como a classificara na época! Wanda ouviu com interesse pois não sabia muita coisa daquele lado da família.

— Bem — Seu Carrinho retomou o fio da meada — certa tarde apareceu lá em casa um amigo de Papai que fora padre. Eles haviam sido companheiros de lutas políticas em prol da república nos tempos da Convenção Republicana de Itu. Eu o conheci quando ele ainda era padre. Eu devia ter uns quatorze anos e fui ouvi-lo em uma missa à Virgem Santíssima. Lembro-me de ter ficado muito impressionado porque ele só falou em Jesus Cristo, e quase se esqueceu de mencionar a Virgem. Soube depois que ele já estava encrocado com seus superiores por causa dos sermões meio heréticos que pregava. Nunca o deixavam ficar muito tempo na mesma paróquia para não contaminar os fiéis com suas idéias. Mas não adiantou. Ele acabou saindo da igreja católica e virando protestante. Começou então a ir por todas as paróquias que tinha servido como padre, andando de um lado para outro, pregando a nova religião. Era muito conhecido, e todo mundo queria ver o ex-padre que "virara" de religião. Ele era mesmo meio esquisito. Andava pelas estradas falando em Jesus e muita gente o considerava um louco. Outros diziam que era o próprio "anticristo".

Seu Carrinho se interrompeu para tomar automaticamente uns goles de café. Dava para ver que sua mente estava longe daquela varanda, vagueando por algum lugar no passado distante. Por mais interessado que estivesse no resto da história, Coriolano se conteve, terminando seu café e recusando com um gesto a segunda xícara que Wanda lhe ofereceu silenciosamente.

Colocando sua xícara na bandeja, Seu Carrinho continuou como se não tivesse parado.

— Quando ele apareceu lá em casa, eu já tinha muita curiosidade a respeito dele. Lembro-me bem de que depois do jantar, minha madrastra se retirou da sala e meu pai e o visitante mergulharam numa conversa animada. Dei um jeito de ficar por ali, e eles nem perceberam minha presença. O homem tirou da maleta um livro de capa preta, que me pareceu algo proibido mas fascinante. Ele o abriu numa página e leu um trecho. Não me lembro bem o

que foi lido, mas uma coisa ficou na minha cabeça: Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho.

Seu Carrinho fez uma pausa. Interessante. Depois de tantos anos, as palavras ainda estavam claras em sua lembrança.

Coriolano não pôde conter-se e perguntou:

— Seu Carrinho, por acaso se lembra do nome daquele homem?

— Naquela época não prestei muita atenção, mas depois que ouvi falar nele de novo me lembrei e guardei. Era José Manoel da Conceição. Soube depois que ele morreu moço ainda.

— Sim, eu mesmo já ouvi falar muito nele. Foi um dos pioneiros do protestantismo no Brasil.

— Foi o que fiquei sabendo. Papai queria saber muita coisa da vida daquele homem de idéias diferentes e ficou conversando com ele até bem tarde da noite. Quando foi embora no dia seguinte, Conceição deixou com Papai o tal livro de capa preta, que foi guardado no quarto, no criado-mudo ao lado da cama. Eu mal podia esperar para botar a mão nele e ver o que continha e que tinha interessado tanto a meu pai. Foi pouco mais de uma semana depois da visita que apareceu a oportunidade. Papai e a madrasta haviam ido visitar uns amigos e passariam a tarde fora. Fui ao quarto deles e apanhei o livro do criado-mudo. Só que, para desapontamento meu, era só a capa. Soube por uma das criadas que era aliada de minha minha madrasta que ela havia arrancado as páginas e queimado. Eu não podia confrontá-la, pois não devia ter ido mexer no livro sem permissão. Arquitetei então um plano para fazer com que Papai descobrisse o acontecido e ralhasse com a mulher.

Aqui Seu Carrinho deu de novo aquele sorrizinho maroto. Dava para ver bem claro que não havia existido afeição alguma de sua parte para com a madrasta.

— Bem, no dia seguinte pedi a Papai que me mostrasse o livro e ele me mandou buscá-lo no quarto...

Seu Carrinho já não estava mais ali. O olhar distante indicava que voltara ao casarão de sua infância, um rapazinho espigado, revoltado com a morte da mãe e a invasão do ambiente familiar por aquela presença que o magoava e irritava constantemente. Talvez — e só agora o reconhecia — mais por sua própria vontade do que pelas ações da madrasta. Esta vivia a situação constrangedora de assumir o lugar de alguém que já não estava ali e que por isso mesmo adquirira uma auréola de santa aos olhos dos filhos.

O pai, um senhor austero e imperioso, comandava totalmente a situação, assim como a casa. Carrinho, olhando de soslaio, percebeu uma expressão de susto no rosto da madrasta, um pequeno arquejo que indicava ser ela realmente a autora daquela barbaridade. E, ainda mais, o pai ignorava com certeza o que ela havia feito. Voltando do quarto com a capa preta nas mãos, Carrinho fitou a madrasta antegozando o seu constrangimento, mas deparou-se com lábios apertados e queixo para a frente, numa expressão resoluta e desafiadora.

Antônio Basílio de Souza Barros, conhecido como o Payaguá, não era pessoa que alguém desafiasse voluntariamente. A madrasta devia estar acuada pelo desespero, e Carrinho se deliciava com aquela inversão nas posições, vingando-se assim de todas as pequenas humilhações e picuinhas que vinha sofrendo nas mãos dela.

Os olhos do pai se arregalaram quando tomou a capa preta e viu que nada continha. Imediatamente o cenho se franziu, e uma carranca nada aprazível se desenhou em seu rosto. Ele voltou-se para a madrasta, que parecia pronta para a batalha, e perguntou com voz contida:

-- A senhora pode me dizer o que aconteceu com o livro?

Os olhos dela se desviaram para a expressão de espectador deliciado do rapazote que era o pivô daquele constrangimento. Seu Antonio notou e ordenou:

-- Carrinho, vá ver onde está a sua irmã e feche a porta quando sair.

A contragosto, o moço teve de obedecer. Ordem do pai não se discutia. Do lado de fora da porta, pôde ouvir palavras zangadas e o tom choramingante da voz da madrasta explicando que não queria livro de protestante em sua casa, e que havia queimado todas as páginas. Ela fora apanhada, afinal, e estava pagando pela mafeitoria. Carrinho sentiu-se vingado.

A vingança, entretanto, não tinha o sabor que ele esperava. O que ficou, na realidade, foi um vazio, uma tristeza, uma curiosidade insaciável por saber o que aquele livro continha. Algumas frases ouvidas naquela noite em que o pai conversara com o visitante martelavam-lhe a mente como uma dor de cabeça latejante: Deus amou, Seu Filho, vida eterna, Jesus, Jesus, Jesus. O que significaria aquilo tudo?

Bom, raciocinou ele, deve haver outros livros como esse por aí. Hei de encontrar nem que seja só um.

Os acontecimentos que se seguiram logo após aquele incidente levaram-no a esquecer por algum tempo o livro de capa preta. A situação entre madrasta e enteados ficou tão penosa que ele e o irmão resolveram fugir e ir começar a vida por conta própria. O pai, severo e inflexível, nunca mais os procurou. Num último gesto de desafio, os dois irmãos, Carlos e Franklin, abandonaram o sobrenome do pai, Souza Barros, e adotaram o da mãe, Vasconcellos. A irmã, Augusta, muito pequena na época, ficou na casa do pai até casar-se. Por uma dessas coincidências, casou-se com Hermano, irmão de Dona Ritinha. Assim foi reatada a amizade entre os irmãos. Muito afetuoso, Seu Carrinho procurava compensar todos aqueles anos de separação com desdobrada atenção e desvelo pela irmã.

Com o pai e a madrasta, nunca mais se havia comunicado. Soube quando ele morreu, e sentiu certa tristeza, mas como nunca existira grande intimidade entre os dois, não podia dizer que sofrera muito.

O livro de capa preta o perseguira por toda a sua vida adulta. Como nunca soube exatamente o que era, ficava difícil saber o que pedir quando ia às livrarias.

De volta ao presente, Seu Carrinho deparou-se com a expressão intrigada de Wanda e um brilho no olhar de Coriolano.

— Seu Carrinho — disse o pastor, — acho que sei a que livro o senhor está se referindo.

Coriolano ergueu-se e apanhou sua maleta de viagem. Os olhos do ancião acompanhavam atentos cada movimento seu. Quando ele abriu a mala, Seu Carrinho pôde ver imediatamente, destacando-se contra a alvura das camisas dobradas, um livro de capa preta. Um arquejo involuntário escapou-lhe dos lábios. Ele se curvou para a frente e estendeu as mãos. Coriolano tomou o livro e lho entregou. Na lombada, Wanda, cujos olhos nada perdiam daquela cena, leu: Bíblia Sagrada.

* * *

Wanda estava diante do espelho, prendendo de novo os cabelos antes de sair para a escola quando Augusto entrou no quarto. Apesar de saber que não era o momento oportuno, Wanda não pôde deixar de comentar com ele:

— Augusto, não estou gostando nada de Seu Coriolano ter dado aquela Bíblia ao seu pai. Bíblia é livro para os padres lerem. Não é bom ir parar na mão de qualquer um!

— Wanda, Papai não é qualquer um.

— Não é isso que estou dizendo, Augusto. Sei que seu pai é um homem culto e inteligente. Mas é perigoso começar a ler um livro difícil como esse. As pessoas podem tirar conclusões erradas!

— Wanda, você já leu a Bíblia alguma vez?

— Eu não, Augusto!

— Eu já. — Augusto fez que não viu a expressão chocada no rosto da esposa. — Pode ser que ela contenha algumas coisas difíceis de entender à primeira leitura, mas há muita coisa bem clara. A linguagem é simples. As palavras são as mesmas que os outros livros usam.

Wanda sentiu-se queimar por dentro. Parecia que Augusto estivera fazendo muita coisa de que ela não sabia. E aquilo a deixava angustiada. Ademais, não tinha tempo naquele momento para ficar discutindo com ele. Já estava atrasada. Saiu apressada da casa. Pena que o grupo era tão perto! Nem teria tempo de pensar antes de começar a primeira aula.

Durante o horário do recreio, Wanda permaneceu na sua sala, pensando, recordando o que acontecera naquela manhã, quando, erguendo os olhos daquele livro de capa preta então nas mãos sequiosas de Seu Carrinho, Wanda vira Augusto que se aproximava, vindo do consultório. Ele abraçara Coriolano afetuosamente, trocando com ele pequenos insultos, como era o costume entre os dois, fazendo que não via o livro nas mãos do pai.

— Pois então, Coriolano, resolveu sair um pouco daquelas ventanias geladas de Botucatu?

— É, Augusto. Não fosse pela família simpática de um amigo meu orelhudo, muito feio, eu não visitaria esta terra de pernilongos.

Seu Carrinho nada ouvia. Já tinha aberto o livro e estudava a primeira página. Wanda, depois de receber o beijo do marido, se retirara para a cozinha. Zefa podia estar precisando de ajuda e estava na hora de servir o almoço.

Quando tudo estava pronto, Wanda foi chamar os homens. Ela, Augusto e as filhas tinham horário. Coriolano aproveitaria para descansar um pouco à tarde e passaria aquela noite com eles.

Chegando à varanda, Wanda percebera certa tensão no ambiente e ouvira Seu Carrinho dizendo a Augusto:

-- Não é com tanta sede que se vai ao pote, meu filho.

O que ele queria dizer? Mais uma vez sentira aquela pontada de desassossego no seu íntimo. Tinha a distinta impressão que algo indefinido, inquietante rondava a família. Perguntaria mais tarde ao marido o motivo daquela observação do pai. Naquele momento, o negócio era servir o almoço.

Apesar da falta que Dona Ritinha fazia, a refeição transcorrera agradavelmente. Seu Coriolano apreciara tudo o que foi servido, e fez questão de elogiar a comida e a cozinheira. Ele era realmente um hóspede agradável.

A reminiscência de Wanda foi bruscamente interrompida quando uma aluna sua entrou na sala para apanhar um pedaço de papel. Quando a menina saiu, ela recostou o rosto nas mãos, percebendo que continuava dividida entre as duas impressões que o novo amigo lhe causava. Ele era um homem esclarecido, cuja conversa era fascinante. Gostava de recitar poesias, especialmente de Guerra Junqueiro, e muitas horas agradáveis haviam passado nos serões, ouvindo-o ler ou recitar poemas inspiradores. Ele tinha o dom da palavra, disso não restava a menor dúvida. Entretanto, palpitava em todo o seu ser algo que ainda não fora revelado. Como se fosse um bandido disfarçado. Só que ela sabia que não podia haver nada de mau naquilo que ainda não conhecia a respeito dele. Seus olhos irradiavam uma paz e uma alegria de viver que eram contagiantes. Estaria isso de alguma forma relacionado com a fé diferente que ele professava?

* * *

Seu Carrinho já se encontrava em casa aquela tarde quando Wanda voltou da escola. Dona Ritinha, um pouco melhor, viera para a sala e balançava suavemente na sua cadeira de balanço, em prosa com o marido. Wanda viu logo que ele tinha nas mãos a Bíblia de Coriolano.

As meninas correram para abraçar a avozinha e mostrar-lhe um caderno de caligrafia que haviam trazido com a lição de casa. Dona Ritinha participava ativamente dos estudos das netas. Era bastante exigente e não deixava passar nenhum serviço mal feito. Mas era Wanda quem supervisionava os estudos das filhas e outros alunos que precisavam de reforço do que era ensinado na escola. Esses vinham sempre com algum presentinho para a professora: uma flor, uma fruta mais bonita, um trabalhinho que eles podiam fazer por ela. Era mais recompensa do que ela queria, mas sabia que esses pequenos gestos eram expressões sinceras de gratidão e queria estimular neles esse bom sentimento.

Coriolano não estava. Havia saído com Augusto para uma visita ao sítio de uns amigos.

As meninas foram guardar as coisas e brincar lá fora.

Wanda sentou-se ao lado do sogro, e olhou de soslaio para ver se conseguia ver o que ele lia com tanta atenção. Como ele erguesse a cabeça um instante, ela comentou:

— Seu Carrinho, não pude tirar da cabeça aquela história que o senhor contou a Seu Coriolano antes do almoço.

— Ah, Wanda, é uma história tão antiga que teria sido melhor esquecer. A minha braveza e orgulho me impediram de voltar a ver meu pai vivo. É uma tristeza que carrego sempre comigo. Quando tive juízo suficiente para procurá-lo, tanto ele quanto minha madrasta já haviam morrido. Não vale a pena a gente guardar rancor. No fim, ele só azeda e prejudica a vida da gente.

Dona Ritinha interveio:

— As coisas que a gente aprende não podem apagar as bobagens feitas no passado, Carrinho. Só as que podem vir a ser feitas no futuro.

— Ah, a minha grande sábia! — brincou Seu Carrinho, notando com prazer a fisionomia menos pálida da esposa. Inclinando-se, beijou-a delicadamente no rosto.

Dona Rita fez um muxoxo e replicou:

— Não pense que vai desviando de assunto assim tão depressa. Quero saber que conversa é essa que teve com Seu Coriolano.

Wanda também queria.

— Bem, o que Coriolano me contou foi que o tal José Manoel da Conceição que visitou Papai, depois que "virou" protestante, saiu pregando por aí. Ele já não era visto com bons olhos pelos bispos antes de mudar de religião e estava meio afastado do serviço paroquial. Parece que sempre deu trabalho aos seus superiores.

— E o que Seu Coriolano diz da heresia dele? — perguntou Dona Rita.

— Se ele pregava heresia, Coriolano também prega. Só que o que me estava falando hoje achei bastante lógico. Por isso pedi que me emprestasse esta Bíblia. É uma Bíblia protestante e quero ver bem certinho o que ela diz. Vou ver se Coriolano pode me arrumar uma para eu comprar.

— Sabe, Carrinho, tenho quase certeza que o livro de onde meu pai tirava aquelas histórias que nos contava era uma Bíblia que ele trouxe consigo da Alemanha quando veio ao Brasil.

Bíblia! Bíblia! Bíblia!

Parece que era só nisso que se falava agora naquela casa! Wanda sentiu leve impaciência com os dois velhos. Precisava perguntar ao padre o que aquele livro realmente continha. Não precisavam ficar tão alvoroçados por causa de um livro quando tinham a mensagem do padre todos os domingos. Augusto, sim. Havia algum tempo que ele não punha os pés na igreja, desde que o seu amigo Padre Lindolfo fora removido de Pereiras e o novo padre viera substituí-lo. Rebelião pura da parte dele. Não era para ouvir o amigo que ele devia ir à igreja, e, sim, a voz do mensageiro de Deus.

* * *

À noite, a conversa não girou em torno de outra coisa. Seu Carrinho crivou Seu Coriolano de perguntas sobre questões religiosas, e o pastor protestante não se fez de rogado. Foi respondendo e mostrando coisas no livro que abria em páginas diferentes. Os trechos que ele lia eram lindos, falando sempre de amor e de Deus. E Wanda, apesar de não querer ouvir, não podia deixar de pensar no que estava sendo dito. E um amor infinito, irresistível parecia querer envolvê-la como um manto aquecido numa noite fria de inverno. Mas ela ainda resistia.

Augusto, entretanto, parecia tão interessado na conversa quanto o pai. E daquilo Wanda não estava gostando nem um pouquinho.

CAPÍTULO 13

LUTAS ÍNTIMAS

— Wanda, minha filha, pode me dar uns minutinhos?

Seu Carrinho balançava na rede da varanda. Wanda podia ouvir os rangidos que suas botinas faziam ao impulsionar de leve a rede a fim de impedir que parasse. Esse nhéque-nhéque regular servia como um fundo gostoso para as outras atividades da casa. Enquanto Seu Carrinho estivesse ali na sua rede, balançando, lendo ou pensando, parecia que ia tudo bem com o mundo. Ele era uma figura importante na vida da família.

Wanda, sentada à mesa da copa, corrigia os cadernos dos alunos, sentindo grande alegria ao ver o progresso da maioria deles. Era uma professora exigente, brava mesmo, mas os resultados eram palpáveis. Até aquele grandalhão do Zé, que aos 16 anos de idade nunca havia conseguido aprender a ler, estava agora quase alfabetizado. Um verdadeiro milagre. O rapazote ficava tão feliz toda vez que conseguia ler alguma palavra nova! Talvez nunca viesse a ler com facilidade, mas pelo menos teria acesso ao mundo das palavras escritas. Ao corrigir agora o caderno do rapaz, Wanda percebia nos garranchos todo o esforço concentrado do Zé para desenhar as letras com mãos calejadas pelo trabalho da roça. Sua expressão severa se amenizou. O rapaz merecia o respeito e um pouco mais de paciência da professora.

Ao ouvir a voz do sogro, ela deixou de lado o que fazia e se apressou a ir ter com ele, um tanto inquieta. Raramente alguém a interrompia quando ela trabalhava nas lições e correção dos cadernos dos alunos. Até as meninas tomavam cuidado para não perturbá-la, a não ser por um motivo muito importante. Por isso, sabia que Seu Carrinho devia ter algo premente que precisava discutir com ela.

— Quer um café, Seu Carrinho?

— Não, minha filha, obrigado. Quero apenas conversar com você sobre uma coisa. Pode ser?

— Claro, Seu Carrinho.

Wanda puxou uma das poltronas de vime para perto da rede, e sentou-se ali, pronta a dar ao sogro toda a atenção. Ele entrou no assunto que o preocupava sem nenhum preâmbulo.

— Augusto não vai ser o festeiro do divino este ano?

Tomada de surpresa, Wanda ficou uns instantes sem saber o que dizer.

— Nããão, acho que não.... Por que o senhor está perguntando isso?

— Ouvi os comentários lá na farmácia. Estão começando a falar das mudanças de hábitos de Augusto. Ele já não vai à missa e até isso de não ser o festeiro é de estranhar, não é mesmo?

Wanda assentiu com a cabeça mas se manteve calada. Nem saberia o que dizer. Mudanças! Ela que o dissesse! Eram mudanças que pareciam abalar a tranquilidade não apenas da vida familiar como também da vida na comunidade. Via as colegas olhando-a de esguelha e sabia que estavam pensando no que estaria acontecendo em sua família. Talvez sentissem pena dela, mas havia também uma pontinha de hostilidade. Wanda queria gritar: "Será que não percebem o quanto isso tudo me entristece e me machuca?" Mas como nada era dito abertamente, tinha de engolir aqueles sentimentos em silêncio.

Deu com os olhos atentos e compreensivos de Seu Carrinho pregados em seu rosto, e só então percebeu que não respondera à sua pergunta. Nesse instante ouviu-se a voz de Dona Ritinha, conversando animadamente com Dona Mila, mãe de Wanda. Desde que se mudara para Pereiras, Dona Mila vinha freqüentemente visitar a casa da filha, e dar uns dedinhos de prosa com Dona Ritinha, de quem se tornara grande amiga.

Com a chegada das duas, a conversa se interrompeu e Wanda, aliviada, pediu licença e voltou aos seus afazeres escolares. Mas a pergunta levantada pelo pai de Augusto não a deixava concentrar-se. Tentou trabalhar mais algum tempo, depois desistiu e foi ao quarto, fechando a porta. Tinha vontade de conversar com a sogra sobre aquele assunto, mas ao mesmo tempo temia o que Dona Ritinha pudesse dizer. Sabia que ela e Seu Carrinho estavam lendo aquela Bíblia que Seu Coriolano deixara com eles. E toda vez que ele os visitava, havia muitas conversas em torno de coisas da religião. Mas exteriormente, nada havia mudado. Seu Carrinho nunca fora mesmo muito de ir à missa, por isso sua ausência não era estranhada. E Dona Ritinha sempre acompanhava o marido, quer ele fosse, quer ficasse em casa.

Ultimamente, Wanda ia só com as meninas. E todos estavam notando isso. A própria mãe já lhe havia dado algumas indiretas de leve. Dona Mila havia entronizado o Sagrado Coração em sua casa e tinha quadros de santos pendurados pelas paredes. Ela e Albertina iam à igreja todos os dias. Eram dedicadíssimas e sempre citadas como exemplo para os fiéis da paróquia.

Todas essas coisas só aumentavam o mal-estar de Wanda com relação às visitas de Seu Coriolano. Tentava esconder esses sentimentos, pois não queria que o amigo da família percebesse e não se sentisse bem-vindo. Ele parecia nada notar. Sempre pedia licença para ler um pedaço da Bíblia e fazer uma oração. Ela não ia negar. E todos os outros pareciam gostar. Seu Carrinho sempre tinha muitas perguntas. Augusto mais comentava do que perguntava. Parecia que já havia discutido aquelas coisas antes. Só que nunca comentava nada com Wanda depois que estavam sós. E ela não tocava no assunto.

Foi durante uma visita a uns amigos que surgiu pela primeira vez a oportunidade de conversarem sobre o que estava acontecendo. E Wanda levou um susto.

Dona Aninha e Seu Matias Pires de Campos moravam em um sítio perto de Laranjal. Ela viera de São Paulo, mocinha ainda, professora recém-formada, para lecionar na escola da fazenda do pai de Seu Matias. O rapaz, inteligente e ótimo fazendeiro, nunca tivera a oportunidade de aprender a ler, e começou a freqüentar a escola junto com a criançada local e alguns outros grandalhões que se dispuseram a aprender. Floresceu um romance entre a professorinha e o filho do fazendeiro. Casaram-se e agora já tinham uma porção de filhos. Quando Matias e os irmãos começaram a se casar, seu pai repartiu a fazenda entre eles, e cada um ficou com seu próprio sítio. Matias conhecera Coriolano naquela época em que os pais tinham fazendas vizinhas em Laranjal, e sua amizade era antiga.

Aninha já era crente quando viera para Laranjal, mas Matias não se importou de casar-se com uma "protestante", embora tivesse de prometer à noiva que ela poderia criar os filhos que tivessem na crença evangélica. Por isso, todas as crianças haviam sido batizadas por pastores itinerantes que faziam cultos nas diversas fazendas. Depois que Seu Coriolano abriu a congregação em Conchas, eles passaram a freqüentar os cultos ali, sendo que alguns dos últimos filhos do casal foram batizados por ele. Matias levava Aninha e a filharada às reuniões e às vezes ficava para assistir ao culto. Lotavam um trole sempre que podiam ir, e a chegada deles era uma festa. O casal era muito querido e as crianças aproveitavam o dia para muitas brincadeiras com os filhos dos outros crentes.

Quando Seu Carrinho teve farmácia em Laranjal, travou forte amizade com o pai de Matias, um fazendeiro sizado mas muito inteligente e bom conversador. Augusto e Matias também ficaram muito amigos. Agora que moravam relativamente perto, visitavam-se sempre que podiam.

Augusto ficara sabendo que uma das filhas de Aninha, a Adi, que sofria de tuberculose, estava muito mal. Augusto e Seu Carrinho haviam tentado todos os tratamentos possíveis mas a menina estava muito fraquinha. Augusto e Wanda resolveram ir fazer uma visita aos amigos.

Era um dia fresco de outubro. Eles saíram bem cedinho, para chegar ao sítio de Matias antes que o sol esquentasse muito. A viagem foi agradável. Wanda e Augusto puderam conversar bastante, falando de muitas coisas. Augusto tinha sempre uns comentários engraçados a fazer sobre seus pacientes, sobre as conversas que ouvia na farmácia. Ele era uma pessoa alegre e Wanda apreciava essa qualidade. Não era à toa que gostava tanto de participar de peças teatrais, sempre em papéis cômicos. Fora um sucesso na peça "O Casamento do Pindoba". Aquela modinha que ele cantava num desafio entre dois violeiros era agora cantada por todo mundo na cidade:

Quem tem carneiro tem lã,
Quem tem porco tem presunto.
Eu não caso com viúva,
Porque é resto de defunto.

Neste mato tem passarinho,
Passarinho chamado andorinha,
Andorinha voou agorinha,
Deixou os ovos chocando no ninho.

Trepei num bambuá,
Prá pega um aribu.
Foi tanta força que fiz,
Que rasguei a carça nu...jueio.

Aqui, enquanto a platéia caía na risada, entrava o estribilho:
Neste mato tem passarinho....

Fazia parte da personalidade de Augusto procurar sempre o lado engraçado das coisas, o lado bom das pessoas. Por isso tinha tantos amigos, e lhes era tão afeiçoado. Pescavam juntos,

caçavam juntos e conversavam horas a fio. E quando um deles estava sofrendo, Augusto era sempre o amigo presente, que prestava toda assistência que podia. Por isso estavam indo agora naquela longa viagem. Matias passava por uma aflição. E Augusto ia levar o consolo e a ajuda que pudesse, sem fazer alarde. Aquele homem que gostava de comédias e piadas, sabia levar um abraço apertado e permanecer quieto ao lado de um amigo que sofria.

Wanda conhecia essas qualidades de Augusto. Gostava de viver com ele. Pensando nisso, passou o braço pelo do marido. Augusto correspondeu ao gesto, apertando-o contra si.

A conversa alegre e fácil durante a viagem quase os levava a se esquecer do motivo dela. Entretanto, ao se aproximarem da fazenda, voltaram a pensar na família de Matias e Aninha, e na tristeza por que estavam passando. Com o coração apertado, Wanda comentou:

— Sabe, Augusto, tenho alguns medos bem fortes. Um deles é que me aconteça o que está acontecendo com Aninha. Não sei se suportaria perder uma das minhas filhas. O estado de Adi é muito grave, não é?

Augusto assentiu em silêncio. Parecia agoniado por não poder ajudar aquela menina alegre e vivaz que agora morria, apesar de todos os seus esforços.

— Wanda — disse ele, voltando-se para fitá-la de frente — esse é um medo que também tenho.

Wanda olhou surpresa o marido. Não conseguia imaginá-lo com medo. Ele parecia sempre tão forte, tão seguro de si.

Vendo a expressão da esposa, Augusto apressou-se em dizer:

— Não me interprete mal. Não é medo da morte que tenho, mas, sim, medo do sofrimento que representaria perder uma pessoa querida.

Wanda assentiu lentamente com a cabeça. Era o que sentia também, mas seu medo realmente incluía o que acontecia depois da morte. Precisava conversar mais com Augusto sobre aquilo. De certa forma, sentia-se mais unida a ele agora.

Augusto parou o trole diante da casa grande, e Wanda apeou, lépida, sem dar tempo a Matias de ajudá-la. Ele veio ao seu encontro, um ar triste.

— Que bom vocês terem vindo, Wanda. Aninha vai ficar muito contente em vê-la.

— Como está Adi?

Matias não respondeu. Apenas meneou a cabeça. Wanda entendeu que a situação não era nada animadora. Augusto juntou-se a eles, após ter entregue a condução aos cuidados de um empregado. Matias os fez entrar e conduziu os dois ao quarto da enferma.

A menina jazia no leito, muito magrinha, e tão fraca que já nem tossia mais. Wanda sentiu o coração confranger-se ao ver o rostinho pálido, os olhos muito grandes e escuros, já meio baços. Ela cantarolava baixinho. Havia outras pessoas presentes, mas Wanda só viu Aninha que, sentada ao lado da cama, segurava a mão da filha, e cantava também, a voz quase sumida, acompanhando o ritmo lento da menina. Wanda mal conseguia distinguir algumas palavras mas o refrão repetido ficou gravado em sua mente: "Cantando vou para o céu, vou para o céu."

A voz de Adi foi sumindo, e Aninha parou de cantar. Começou então a falar as palavras mais lindas que Wanda jamais ouvira, e algumas das pessoas presentes juntaram-se a ela numa espécie de reza:

O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará.

Deitar-me faz em verdes pastos,

Guia-me mansamente a águas tranqüilas,
Refrigera a minha alma.
Guia-me pelas veredas da justiça,
Por amor do seu nome.
Ainda que eu andasse...

Aqui a voz de Aninha falhou, e ela engoliu duro antes de poder continuar:

...pelo vale da sombra da morte,
Não temeria mal algum,
Porque tu estás comigo;
A tua vara e o teu cajado me consolam.
Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos.
Unge a minha cabeça com óleo, o meu cálice transborda.
Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão
Todos os dias da minha vida,
E habitarei na casa do Senhor para todo o sempre.

Inimigos! Certamente estavam na presença de inimigos implacáveis - a enfermidade, a morte. Voltando os olhos para a pequenina vítima, Wanda percebeu que Adi já havia partido deste mundo. Cantando!

Através de olhos marejados, viu Aninha fechar os olhos da filha e beijar-lhe o rostinho pálido.

Matias ajudou-a a erguer-se e a levou dali. As outras pessoas a acompanharam, e Wanda ficou sozinha com aquele corpinho inanimado. O horror da morte tomou conta dela por alguns instantes. Como era final! Alguns momentos antes, Adi cantava. Agora se fora. Definitivamente. Wanda sabia muito bem como era dolorosa essa separação, essa despedida. Com o coração doendo, mas decidida a fazer aquele ato de amor, começou a aprontar o corpo da menina para ser enterrado. Frases ouvidas se entrecrocavam em sua mente, deixando-a totalmente confusa, enquanto com mãos ágeis ia desempenhando a dolorosa tarefa. *Cantando vou para o céu. Vou para o céu.* Certamente era uma linda idéia pensar que Adi tinha ido diretamente para o céu, mas ela *sabia* que não era bem assim. Ninguém chegava ao céu sem pagar por seus pecados. Mesmo uma menina tão pura quanto Adi tinha seus pecados e precisava pagar por eles. *Tu estás comigo. Tu estás comigo. Não temeria mal algum. O Senhor é o meu pastor. Meu pastor.* De onde Aninha teria tirado aquelas palavras? Onde teria encontrado aquela paz que transparecia mesmo no meio de circunstâncias tão dolorosas? Como podia cantar enquanto a filha morria?

Muitos amigos e parentes da redondeza compareceram ao velório. Wanda atarefou-se em ajudar Aninha a cuidar dos visitantes e não teve oportunidade de conversar a sós com ela. Na viagem de volta, no dia seguinte, tentou falar a Augusto sobre o assunto.

— Sabe, Augusto, apesar de gostar muito de Aninha, não posso deixar de achar que os protestantes são muito presunçosos. Eles se acham tão bons que pensam que, quando morrem, vão diretamente ao céu. Era por isso que Adi e Aninha estavam cantando aquela música quando a menina morreu. Coitadinha, ela achou mesmo que assim que morresse estaria no céu.

— E está, Wanda — falou Augusto deliberadamente, frisando cada palavra.

Wanda, cujos olhos vagueavam pela paisagem enquanto falava, voltou bruscamente a cabeça e encarou o marido.

— Do que você está falando, Augusto? Você sabe que a alma dela está no purgatório. Não é assim sem mais esta nem aquela que as pessoas vão parar no céu. Só mesmo os grandes santos.

— Não, querida. Não é o que a Bíblia ensina.

Pareceu a Wanda que ela já sabia que iria ouvir aquelas palavras. Tudo o que vinha acontecendo nesses últimos tempos, ela percebia agora, levava inexoravelmente àquele momento. Ela respirou fundo. Não havia mais como ignorar as mudanças que haviam ocorrido em Augusto. Decidida, ela fitou-o bem de frente.

— Como é que você sabe o que a Bíblia ensina, Augusto?

— Faz tempo que venho querendo contar-lhe, Wanda. Tenho conversado muito com Coriolano e ele me tem explicado muita coisa. E me mostrou que a Bíblia é realmente a revelação de quem Deus é e do que Ele quer de nós, os seres humanos. Por isso, tenho estudado o que ela diz, e estou convencido de que há muitas coisas em que eu acreditava e que não estão de acordo com a verdade.

Wanda olhava incrédula o marido. Será que havia entendido certo o que ele dizia?

— Augusto, está me dizendo que a nossa igreja está errada?

— Em muitas coisas, sim, Wanda. Há um mandamento muito claro contra a adoração de qualquer pessoa ou coisa que não seja Deus. E você sabe o que fazemos com os santos da igreja.

Os pensamentos de Wanda rodopiavam mesmo enquanto ela tentava raciocinar e encontrar a resposta a esses argumentos.

— Como assim? — perguntou para ganhar tempo.

— Adoramos os santos, adoramos a Virgem Maria em diversas formas, o Sagrado Coração.

— Adorar, não, Augusto. Venerar.

— Pode usar a palavra que quiser, dá na mesma.

Wanda sentiu grande irritação subindo do peito, um calor que lhe incendiou as faces. Sabia que numa hora dessas o melhor era calar-se, mas as palavras saíram aos borbotões antes que ela pudesse refreá-las.

— Dá na mesma, não senhor! Que idéia é essa agora?! Aposto que foi Seu Coriolano que lhe andou botando essas coisas na cabeça.

Augusto, percebendo o estado de tensão da esposa, manteve-se silencioso por alguns momentos. Depois falou:

— Wanda, tenho tentado algumas vezes conversar com você sobre tudo isto, mas você parece estar sempre na defensiva. Para não magoá-la, preferi ficar quieto. Se quiser saber o que tenho pensado e o que resolvi fazer, terá de me deixar falar.

O coração de Wanda martelava-lhe o peito, causando até dor. Faltava-lhe um pouco o ar. Ela tentou se acalmar e respirou fundo diversas vezes. Augusto aguardava, paciente. Só se ouvia o som dos cascos dos cavalos naquele plóque-plóque cadenciado, e o chiado das rodas de ferro rolando sobre a estrada de terra batida. Apesar de relutante, Wanda sabia que só havia uma coisa a fazer.

— Está bem, Augusto. Quero que me conte. Ouvirei tudo o que quiser me dizer.

O marido olhou-a de esguelha. O sofrimento era evidente em seus traços. O peito arfava, e ela tinha os lábios cerrados numa linha firme e decidida.

— Wanda, não adianta eu falar se você não se dispuser a ouvir de mente aberta. Pensa que gosto de ter de fazê-la passar por isto? Não o faria de jeito nenhum se não fosse muito importante para mim.

Havia um tom de queixume na voz e na expressão. Wanda recusou-se a fitá-lo pois sabia que seu coração se derreteria. Não era hora de amolecer.

— Sabe, querida, sempre tive algumas dúvidas dentro de mim, e uma sede de algo que nem eu mesmo conseguia entender. Toda a atividade que tínhamos na igreja não satisfazia esse meu anseio. Eu tinha longas conversas com o Padre Lindolfo e ele era muito aberto, permitindo que eu expressasse essas dúvidas. Mas nem ele podia me explicar certas coisas sobre Deus e sobre as coisas de Deus. Você sabia disso, não?

Ela assentiu com a cabeça, mas não disse palavra.

— Pois bem, depois que ele se foi, fiquei sem ter com quem conversar. A primeira vez em que visitei Coriolano, ele me falou do curso que fez no seminário, e então pensei: Seminário é seminário. Tenho aqui alguém que estudou e pode me explicar muita coisa que quero saber.

— Mas, Augusto, seminário protestante... — Wanda tentou interromper.

Ele continuou firme, retomando o fio da meada sem deter-se.

— Pastor protestante tem de estudar tanto quanto padre. E Coriolano estava pronto a responder às minhas perguntas e fazer-me outras, que me deixaram completamente sem resposta. Ele me falou que não precisamos fazer nada para merecer a salvação, a não ser aceitar Nosso Senhor Jesus, sua morte por nós e sua ressurreição. Não há outro intermediário entre nós e Deus. Se aceitarmos a Jesus, temos direito de nos dirigir diretamente a Deus. Aliás, é isso que Deus quer.

A aflição de Wanda era evidente. Aquilo que Augusto estava dizendo era pura heresia! Mas ele continuou:

— Quando morremos, Wanda, vamos direto ao paraíso. Foi o que Jesus disse ao ladrão que foi morto ao seu lado na cruz, e o aceitou como Salvador pouco antes de morrer. Ora, se o próprio Jesus disse isso, como vamos pensar que pode haver outra coisa, como o purgatório? Coriolano me explicou que muitas das coisas que acreditamos não se encontram na Bíblia —

(Lá vem essa Bíblia de novo, pensou Wanda, ressentida.)

— mas são parte da tradição da igreja. Coriolano me mostrou que os dez mandamentos da Bíblia são um pouco diferentes dos que aprendemos. Há um segundo mandamento que proíbe a adoração de qualquer coisa que não seja Deus e que a gente não sabia. Parece que os protestantes são fanáticos pela Bíblia e acham que todo mundo deve lê-la, sem precisar da interpretação dos padres ou pastores. Aliás, segundo me explicou Coriolano, esse foi um dos grandes motivos da reforma protestante.

— Isso é um absurdo! — explodiu Wanda, sem conseguir conter-se. — Há pessoas ignorantes que vão entender tudo errado se os padres não explicarem.

— Ninguém entende quase nada do que é dito durante a missa mesmo, Wanda. Você sabe disso. Repetimos todas aquelas palavras em latim, e entendemos pouquíssimo. Será que é melhor não entender?

Ela se manteve em silêncio. Claro que aquilo também a preocupava. Quem Augusto pensava que ela era, alguma tonta? Mas as coisas sempre haviam sido assim, e ela se sentia confortável com os rituais e as rezas — pelo menos, na maior parte do tempo. Deixava as outras coisas por conta do clero. Que adiantava se preocupar?

Sem querer, voltou-lhe à mente o quadro de Aninha, o rosto triste mas sereno, segurando a mão da filhinha que morria, falando: *O Senhor é o meu pastor...* De alguma forma, aquele tipo de fé a atraía. Não era mera resignação. Era uma paz que ela não conseguia entender, mas que desejava ter também.

Voltou-se para Augusto, que dirigia o trole rumo a uma árvore frondosa, cuja sombra chegava até o meio da estada. A solidão do lugar era ideal para aquela conversa séria. Podiam até pensar que eram os únicos habitantes do mundo. O silêncio ao seu redor era quebrado apenas pelos estalidos das rodas sobre gravetos espalhados pelo capim verde que abafava o som dos cascos dos cavalos. Augusto deteve o trole, desceu, amarrou as rédeas ao tronco da árvore e estendeu a mão para a esposa a fim de ajudá-la a apear. De comum acordo, puseram-se a caminhar de braços dados um pouco adiante, desenferrujando as pernas.

A tarde caía. Havia certa friagem no ar. Wanda sentiu leve arrepio e aconchegou sobre o peito o chalé que trazia às costas. Augusto, notando isso, passou o braço pelos ombros da esposa e puxou-a mais junto de si.

— Wanda, eu queria tanto ter esta conversa com você — continuou ele, como se nada os tivesse interrompido. O silêncio da esposa o assustava um pouco, mas percebia que ela estava de fato ouvindo, acompanhando o seu raciocínio. E pensando. Por isso sentia-se grato. — Sempre conversamos sobre tudo. Você tem sido a minha melhor amiga, além de minha esposa. Sei que conto com você em todas as situações. Tivemos nossas dificuldades, pois sou um cabeça-dura muitas vezes. Mas isto é diferente. Sinto que encontrei a paz com que sempre sonhei. Você me conhece. Sabe que não faço as coisas levianamente. Esta decisão que tomei...

— Que decisão, Augusto? — perguntou a esposa com voz firme, embora tivesse certeza de já conhecer a resposta. Não que gostasse. Mas era preferível ver as coisas às claras. Tentara por bom tempo impedir que essa questão viesse à baila. Agora preferia enfrentá-la.

— Wanda, quero ficar membro da igreja protestante.

Augusto fez essa declaração espantosa com simplicidade, como se aquilo não revirasse suas vidas de pernas para o ar.

Eles haviam voltado à árvore onde ficara amarrado o trole. Os cavalos batiam os cascos, impacientes. Só então Wanda notou como havia escurecido nos poucos minutos que haviam caminhado por ali. Aproveitando a deixa, falou bruscamente:

— Está escurecendo, Augusto. Acho melhor irmos embora logo ou vamos chegar muito tarde.

Augusto nada disse. Ajudou-a a subir à boléia e, dando a volta, desamarrou as rédeas e também subiu, sentando-se ao lado da esposa.

Rodaram em silêncio alguns minutos. Já podiam ver as luzes da cidade, piscando à distância.

Antes que chegassem perto demais, e não pudessem continuar aquela conversa, Wanda falou:

— Augusto, acho que está fazendo uma loucura. A única coisa que sei é que conheço você, e sei que é um homem sensato e bom. Se acha que tem de fazer isso, mesmo que torne as coisas muito difíceis para o resto da família, não vou impedi-lo. Só peço que espere até ter certeza absoluta.

A expressão do marido se suavizou. Foi com voz tranqüila que ele afirmou:

— Eu já tenho, Wanda. Quando a gente procura uma coisa a vida toda, fica fácil reconhecer quando a encontra. Mas esperarei mais uns tempos. Gostaria de poder conversar com você de tudo aquilo que venho descobrindo. Quero que me dê sua opinião. Quero também que você converse com Coriolano e lhe exponha suas dúvidas. Veremos o que ele diz. Aquilo que não puder ser provado, Wanda, não merece crédito. Quero lhe mostrar na Bíblia as coisas de que falei assim que chegarmos em casa.

Augusto parecia feliz e aliviado. Wanda lembrou-se com clareza das palavras de Seu Carrinho ao filho logo numa das primeiras visitas de Seu Coriolano: "Não é com tanta sede que se vai ao pote." Mas sentia que todos haviam subestimado a sede de Augusto. E agora ele parecia saciado. E em paz.

A noite descia sobre eles como um manto azul-escuro, orlado do ouro que irradiava do poente, quando chegaram à entrada da cidade. Augusto dirigiu os cavalos pela rua principal, ladeada de casas simples. Pelas janelas, Wanda podia ver o brilho de lâmpões acesos. Algumas crianças ainda brincavam nas calçadas, enquanto pessoas mais velhas sentavam-se às portas das casas, batendo aquele papinho gostoso do fim da tarde. O casal que regressava era saudado com carinho por quase todas elas. Era certeza que ou algum filho era aluno de D. Wanda ou alguém da família devia favores a Seu Augusto, como dentista e como farmacêutico. Era bom sentir-se querida assim, pensou Wanda enquanto retribuía os cumprimentos. O que mudaria quando todas aquelas pessoas ficassem sabendo que Augusto era agora um protestante?

Instintivamente, Wanda quis defendê-lo. Passou o braço pelo dele. O rosto de Augusto se iluminou e ele tomou-lhe a mão com a sua, apertando-a de leve. Wanda reclinou-se contra ele. Sabia que sempre estaria ao seu lado, aonde quer que ele fosse. Prometera isso tantos anos antes. Quem poderia entender os caminhos da vida?

A paz que via em Augusto devia ser contagiosa pois sentiu-se envolvida por ela. Sabia, contudo, que aquela tranqüilidade seria fugaz. Muitas lutas ainda viriam pela frente. Mas aquela barreira, aquele silêncio entre eles que tanto a machucara estava vencido.

Voltando o rosto, deu com os olhos verdes do marido, transbordando de afeto e carinho. Como não havia ninguém olhando, ela inclinou-se e depositou um beijo rápido no rosto dele. Augusto parou o trole, segurou o rosto da esposa com as duas mãos e beijou-a demoradamente.

— Augusto! — arquejou ela quando o marido a soltou, fingindo-se zangada. — Em plena rua!

CAPÍTULO 14

AOS PÉS DO SALVADOR

Era dia de quitanda. Dona Ritinha e Zefa passariam o dia todo atarefadas com os doces, bolos, pães e biscoitos. O cheiro de marmelada fervendo no tacho de cobre revirou o estômago de Wanda. Nem precisava desse sinal para ela se lembrar de que estava grávida novamente. Sua única preocupação, agora que a fase inicial da gravidez estava quase no fim, era saber se dessa vez teriam o menino que Augusto tanto queria.

Os sons e aromas vindos da cozinha foram abafados pela porta que Wanda fechou, decidida. Teria alguns momentos até passar aquele enjôo. As lições do dia estavam prontas. As meninas menores brincavam no quintal. Dirce havia ido à loja de Dona Marica Lau, a mais completa de Pereiras, para comprar uma meada de linha e depois provavelmente passaria na casa de Dona Mila.

Wanda sentou-se em sua cadeira de balanço, que ficava no lado agora vazio do quarto. Logo seria privada desse espaço, pois teria de colocar ali outra vez o berço dos nenês da família.

Tomando o bordado que havia começado na noite anterior, ela pensou em trabalhar nele por algum tempo, antes de ter de aprontar-se para ir à escola. Andava meio preguiçosa ultimamente. Cansava-se com mais facilidade. Não podia ter absoluta certeza, mas parecia mais cansada nessa gravidez do que nas outras. *Também não estou ficando mais moça*, pensou ela. Estava com quase trinta e quatro anos.

Apesar de disposta a se ocupar, os pensamentos de Wanda levaram-na longe dali, e suas mãos permaneceram inertes sobre o bordado. Vinha-lhe à lembrança a casa de Dona Aninha, o quarto da menina que morrera, a vozinha tênue cantando: "Vou para o céu." E então outra voz, forte, sonora, se sobrepunha: "Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vô-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar."

Seu Coriolano havia lido aquelas palavras na sua Bíblia, na última vez em que estivera com eles. Wanda já perdera o medo que tinha da Bíblia, embora preferisse que ninguém soubesse que a lia. Agora, sua mão automaticamente apanhou o livro de capa preta que estava no criado-mudo ao lado da cama e o abriu numa página marcada. Gostava de reler aquele pedaço no evangelho de João que falava do amor de Deus ao enviar Jesus ao mundo. De fato, já o sabia de cor.

Augusto fizera o que eles chamavam de profissão de fé, no mesmo dia que Matias. O amigo resistira muito tempo aos apelos de Aninha, mas havia finalmente "virado" protestante, como ela. Augusto e Matias alugaram o salão do cinema que ficava defronte à farmácia e lá

reuniram muita gente vinda de todas as congregações vizinhas, de Conchas, de Maristela e até de Laranjal.

Embora procurasse enxergar todas essas mudanças com a mente aberta, Wanda sofrera muito aquele dia. Tivera de hospedar todos os amigos, e muita gente que ela não conhecia. Seu Coriolano chegara na noite anterior, trazendo quatro filhos. Os meninos cantavam a quatro vozes e ajudariam o pai na liturgia. Lurdinha tinha vindo de Itapetininga especialmente para o evento. Ela e Marietinha, filha de Coriolano, já se haviam tornado grandes amigas. Luizinha, Albertinho e Flávio também estavam lá. Todos tinham vozes muito boas, e cantavam com entusiasmo. Parecia uma grande festa. Para Wanda, contudo, era dia de luto. Algumas tradições, algumas crenças estavam sendo enterradas, e junto com elas, parte da tranqüilidade da família.

No meio de todos os preparativos, Wanda escapulia de vez em quando, tentando enxugar as lágrimas que teimavam em cair. Da janela do quarto em que estava hospedado, Coriolano a via, ora sentada num banquinho debaixo da parreira, ora caminhando entre as roseiras, a cabeça baixa, enxugando os olhos com a barra do avental. Ele, o amigo que fora indiretamente a causa daquelas lágrimas, anelava por levá-la também a Jesus, onde ela encontraria a segurança e paz que agora pareciam faltar-lhe. Mas ela se mantinha arredia, meio distante quando se tratava de coisas da fé.

Wanda não cogitava estar sendo observada nem constituir objeto da preocupação para Coriolano. Depois de alguns momentos a sós, ela voltava para dentro da casa e reassumia seu papel de dona da casa. Augusto, que também não a perdia de vista, percebia os vestígios da luta que se travava no coração da esposa, e sofria com ela a angústia daqueles momentos. Nada daquilo, entretanto, o demoveu de seus planos. E foi através de lágrimas que Wanda viu o marido diante do pastor, declarando a sua fé só em Jesus, e recebendo o batismo protestante. Que dia aquele!

Agora, alguns meses depois, Wanda se lembrava bem do dia da profissão de fé do marido. Quantas lágrimas derramara, por ele, por si mesma, pelas filhas. Seu Carrinho e Dona Ritinha não pareciam nada tristes. Aliás, eles provavelmente logo seguiriam os passos do filho. Seu Carrinho estudava aquele livro de capa preta com tamanha avidez que parecia não fazer outra coisa. Além disso, tomara emprestados de Coriolano alguns livros sobre a história da igreja e da história da Reforma Protestante, além dos que mandara buscar em São Paulo. Quando o pastor vinha visitá-los, travavam sérias discussões sobre coisas como a Reforma, concílio disto, concílio daquilo outro. Eram homens bons, esclarecidos, debatendo coisas sérias com toda a seriedade. Wanda não pudera permanecer desinteressada.

No começo, muitas das coisas que eles diziam a horrorizavam. Era quase como se estivessem mexendo em tabus, em crenças indiscutíveis, manuseando com mãos sujas coisas muito sagradas. Pouco a pouco, entretanto, sua mente arguta e bem treinada foi irremediavelmente atraída por aqueles argumentos. Buscava contestá-los com conhecimentos que tinha acumulado ao longo de sua vida religiosa e sentia que muitos deles eram fracos, que não se sustentavam quando questionados. E as perguntas se multiplicavam, sem ter a quem dirigi-las. Por que rezar aos santos e não diretamente a Deus? Um ser humano comum, com todas as suas falhas, podia se atrever a chegar diretamente diante do Deus santo e poderoso que sempre reverenciara? As rezas repetitivas, que nenhum consolo traziam além da sonoridade produzida, não teriam então nenhum valor? Será que a salvação realmente dependia só da fé? Não havia necessidade de nenhuma penitência da nossa parte? Isso parecia inadmissível. Era

preciso mortificar o corpo, pagar de alguma forma por todos os favores de Deus. E a intercessão de Maria junto a Jesus, que ela sempre considerara o fundamento da sua fé?

Era essa última idéia que a deixava mais confusa ainda. Seu Coriolano afirmara que a Bíblia ensinava que só existe um intermediador entre os homens e Deus, Jesus Cristo. Augusto lera para ela a passagem que dizia isso, e Wanda teve de admitir que era bem clara. Mas tudo o que ela ouvira a vida inteira era contrário a esse conceito. Teria sido enganada? Ou estaria alguém tentando enganá-la agora? Augusto acreditava literalmente no que lia na Bíblia. Mas ele nunca fora treinado teologicamente, nunca fizera um seminário! Como podia argumentar com padres que haviam estudado tanto tempo para explicar aquelas coisas? E toda a hierarquia da igreja que apoiava essas idéias! Estariam todos aqueles homens errados? E o Papa, que era infalível?

Travava-se uma luta incessante dentro dela. Já não conseguia ignorar aquelas e muitas outras perguntas. Sentia que não podia continuar com aquelas dúvidas martelando o cérebro. Timidamente no início, passara a questionar Augusto. Os argumentos dele eram convincentes, sempre tirados da Bíblia. Por mais que ela quisesse combatê-los, não conseguia. E por isso passava sempre ao seguinte. Quando Seu Coriolano vinha visitá-los, Augusto dava um jeitinho de inserir algumas dessas perguntas na conversa que tinham depois do jantar. Ela nunca tinha coragem de argüir o pastor diretamente. Então, Augusto fazia isso por ela. Se o pastor estranhava que Augusto ainda tivesse dúvidas como aquelas, nunca demonstrou. E Wanda, muito atenta, nada perdia das respostas.

O rangido do portão da frente sendo aberto trouxe Wanda de volta ao presente. Abrindo o livro, aquele livro de capa preta que tanta reviravolta tinha trazido à vida da família, ela o folheou no que agora sabia ser o Antigo Testamento. Aquela parte continha a história do povo judeu. Ela já lera algumas partes, mas havia coisas ali que a deixavam confusa. Eram leis estranhas, nomes esquisitos que nem mesmo sabia como pronunciar. Seria tudo aquilo importante?

Ruth. A palavra chamou-lhe a atenção. Percebeu que se tratava de um título, e o nome de um dos livros que compunham aquela parte da Bíblia. Era um lindo nome, curtinho, simples. Seria um bom nome para o nenê que ia nascer, caso fosse menina. Leria a história de Ruth mais tarde. E nem percebeu que já incorporara a Palavra de Deus à vida da sua família.

* * *

— Sabe, Papai, estou um pouco preocupado com Wanda.

Augusto atravessara o pequeno vestíbulo que separava o consultório da farmácia, onde o pai trabalhava atrás do balcão, anotando contas num livro grande, embora as mãos estivessem um tanto trêmulas.

Seu Carrinho, a cabeça agora bem alva, ergueu os olhos vivos para o rosto do filho. Augusto, de pé à sua frente, as mãos às costas, como era sua posição favorita, mostrava-se meio cabisbaixo, uma expressão totalmente incomum para ele.

— Por que diz isso, meu filho?

— Desde que Ruth nasceu, ela não tem dormido muito bem. Sei que uma parte se deve ao fato de ter de novo um nenê dormindo ali ao lado. Qualquer resmunguinho e ela já se levanta

e vai ver o que é. Mas ela tem tido uma falta de ar que não acho normal. Dorme agora com dois travesseiros, pois não consegue respirar bem se a cabeça estiver mais baixa.

Seu Carrinho ficou pensativo. Não havia notado nada de anormal na saúde da nora. Lembrava-se da morte de Seu Paulino. Teria Wanda herdado do pai algum problema de coração? Por que essa falta de ar? Mas, não, não podia ser nada grave assim.

— O que o senhor está pensando, Papai? — Augusto estava ficando preocupado com aquele silêncio.

— Olhe, Augusto, Wanda tem reclamado de cansaço fora do comum?

— Não, Papai. Ela está sempre bem disposta. Tem uma energia impressionante. Seus alunos que o digam.

Os dois caíram na risada. Wanda continuava lecionando tanto na escola quanto em casa. Todas as tardes havia algum aluno dos mais atrasados sentado à mesa da copa, estudando com a professora, tentando alcançar o resto da classe. Ninguém passava do primeiro ano sem ler competentemente. Essa era a fama de que Wanda gozava. Era alfabetizadora por excelência. Seu método funcionava, e os principais beneficiados eram aqueles que não haviam podido ir à escola quando pequenos, tanto moças quanto rapazes, e que só vieram a aprender a ler mais tarde na vida.

— Então acho que não precisamos nos preocupar, Augusto. Mas fique de olho nela.

Augusto assentiu com a cabeça, mas seu ar continuava preocupado.

— Há alguma outra coisa, filho?

Augusto voltou-se à procura de uma ponta de banco onde pudesse sentar. *Nossa, esta conversa promete ser séria*, pensou Seu Carrinho. Deixando o livro sobre o balcão, ele fechou o tinteiro, limpou a pena com um paninho e descansou a caneta sobre a página aberta. Sentando-se ao lado do filho, deu-lhe um tapinha no joelho.

-- Vamos conversar, Augusto, antes que o pessoal comece a chegar para a hora do cafezinho.

O homem mais moço fitou o mais velho, olhos nos olhos. Tinha algo difícil a comunicar, mas queria que a conversa fosse muito franca. Precisava da opinião, do conselho do outro antes de tomar qualquer decisão. Contava com a sabedoria do pai.

— Papai, estou pensando seriamente em me mudar para Botucatu.

Não se podia dizer que Seu Carrinho parecesse muito surpreso.

— É mesmo? Por que?

— Sabe, está ficando cada vez mais difícil aqui em Pereiras, por causa do estudo das meninas. Lurdinha já está quase terminando o curso dela, e poderíamos abrir um gabinete lá. Há escola de todo tipo em Botucatu, todas muito boas. Dirce não quer nem ouvir falar em ir estudar fora de casa. É muito agarrada com Wanda e com Ruth, e não quer sair de perto delas. Mas o que vai ficar fazendo aqui? Depois que acabar de fazer o externato com Seu Rafael, vai ter de parar os estudos. E eu gostaria que todas as minhas filhas tivessem um diploma. Acho que essa parte seria mais fácil se morássemos numa cidade maior.

— Tem razão, filho.

A pergunta ficou no ar entre eles, sem ser feita. Mas Seu Carrinho a respondeu.

— Não se preocupe conosco, Augusto. Ficaremos por aqui até vocês estarem estabelecidos lá. Trajano pode lhe dar uma mão. Iremos visitá-los sempre que pudermos. As

crises de sua mãe estão ficando cada vez mais freqüentes. Não posso pensar em mudança no momento. Mas quero que vá em frente com seus planos.

A expressão de Augusto não se desanuviou. Havia tantos anos que moravam juntos. Seria extremamente penoso deixar os pais para trás, embora estivessem bem amparados, perto de muitos parentes e amigos. Seu Carrinho entendeu.

— Vamos, meu filho. Você precisa pensar nas meninas agora. E para Wanda também será boa a mudança. Precisamos ver se ela consegue remover-se para Botucatu.

— Ainda nem falei com ela sobre isto, Papai. Queria saber primeiro a sua opinião e pensar um pouco mais sobre o assunto. Não adianta preocupá-la antes.

A voz de Seu Carrinho, até então suave, fez-se firme:

— Augusto, ela deveria ter sido a primeira a ser consultada.

— Eu sei, Papai. Mas como estou um pouco preocupado com a saúde dela, quis poupá-la.

Seu Carrinho apenas meneou a cabeça. Augusto sabia que ele conversava sobre tudo com a esposa. Tudo mesmo. Apesar das crises de rim de Dona Ritinha. Podia ouvir muitas vezes, tarde da noite, o murmúrio de vozes vindo do quarto deles, entrecortados por algumas risadas e exclamações brincalhonas. Era um som reconfortante. Realmente devia ter falado com Wanda antes. Corrigiria esse erro naquela mesma noite.

* * *

Wanda se aprontava para deitar. Ruth dormia no quarto de Dirce aquela noite. Teriam a oportunidade de conversar tranquilos.

— Augusto, quer abrir um pouco a janela? Está tão abafado aqui dentro!

Augusto olhou espantado a esposa. O ar fresco da noite era agradável. Mas ela estava visivelmente incomodada.

Abrindo as folhas de madeira da janela, Augusto abaixou as duas vidraças e puxou as cortinas de renda. Realmente assim o ambiente parecia haver refrescado.

Quando Augusto voltou à cama, Wanda já se deitara, com dois travesseiros sob a cabeça. Ele fez que não viu.

— Wanda, preciso conversar com você sobre uma coisa importante.

A esposa voltou-se de lado, ajeitou-se melhor nos travesseiros e deu-lhe toda a atenção.

— Desembuche!

— O que você acha de nos mudarmos para Botucatu?

O ar de espanto dela o fez erguer a mão:

— Espere, espere! Deixe-me explicar tudo primeiro.

Wanda fechou a boca que abrira para exprimir um protesto.

— Estou pensando em você e nas meninas. Está ficando cada vez mais difícil essa questão de escola para elas. Uma a uma terá de ir estudar fora, morar longe de casa. Você viu que com Lurdinha não tivemos problemas. Já com Dirce não será fácil. Ela não quer ficar longe de nós.

Wanda assentiu com a cabeça, pensando na segunda filha, tão agarrada com ela. Não fora fácil mandar Lurdinha estudar longe de casa, mas Dirce, que não queria ir de jeito nenhum, seria mais difícil ainda. E depois havia as outras.

— Mas o que exatamente você está pensando em fazer, Augusto?

Ele viu que ela começava a pensar junto com ele. Como era gostoso tê-la do seu lado. Emocionado, inclinou-se antes de responder e beijou-a. Sem entender direito, ela apenas retribuiu o carinho.

— Lurdinha estará formada no final do ano. Pensei em montar um gabinete em Botucatu, antes de fazermos a mudança definitiva. Ela pode começar a clinicar enquanto fazemos os preparativos. Eu estaria trabalhando junto com ela. Teríamos de viajar bastante até vocês todos poderem ir. Enquanto isso, ficaríamos na casa de Trajano procurando casa.

— Mas, Augusto, e seus pais? Como vamos deixá-los aqui? Sua mãe não tem passado nada bem.

— É, eu sei. É o que mais me preocupa. Você acha que eles iriam conosco?

Wanda fez um ar de dúvida. Seria uma pena tirar os velhinhos de seus cômodos, do lugar onde finalmente pareciam haver criado raízes.

— Faz tempo que Dona Ritinha não conta aquela história das galinhas que já sabiam quando era hora de mudança... Ué, que barulho é esse na rua?

Pela janela aberta, entrava um ruído de passos que se detiveram na calçada bem à frente da janela. Augusto já ia pulando da cama quando percebeu uns acordes de bandolim. Ora essa, uma serenata! Dito Leme, Oscar de Lola e João Bereva haviam saído do ensaio da banda na casa de Seu Sabatini Pastore, no outro lado da rua e, vendo a janela aberta, resolveram fazer uma serenata para os amigos. Wanda virou-se de costas, e acomodou melhor a cabeça, deliciada. O som suave e doce de uma flauta invadiu a escuridão da noite que o lampião de gás mal iluminava e penetrou sorrateiro no quarto. Bandolim e violão faziam o acompanhamento, e a flauta a melodia. Os seresteiros estavam tão perto que Wanda e Augusto podiam ouvir-lhes as vozes, combinando que música tocar. A platéia aplaudia vigorosamente cada vez que eles terminavam.

Colocando um grande xale sobre os ombros, Wanda fez sinal a Augusto que erguesse as vidraças. Olhando para fora, viu o trio delineado pela luz bruxoleante do lampião da rua..

— Vimos a janela aberta, Dona Wanda, e pensamos em dar-lhe um sono mais repousante.

— Obrigada, rapazes. Eu estava com um pouco de falta de ar e pedi a Augusto que abrisse a janela para mim. Não esperava uma música tão maviosa junto com o ar fresco.

Os músicos fizeram rebuscadas cortesias, agradecendo o elogio. Não eram grandes artistas, mas faziam música de todo o coração e sentiam-se felizes em ser apreciados por aquela que havia sido sua primeira professora.

— Pois continue deixando a janela aberta, Dona Wanda, que viremos mais vezes. Da próxima vez, pode pedir a música que quiser.

— Está bem, rapazes. Obrigada. E boa noite.

— Boa noite, Dona Wanda. Seu Augusto.

Wanda acompanhou com o olhar o trio que se afastava. Eram pessoas simples, e lhe tinham dado bastante trabalho quando seus alunos. Foram levados da breca, mas tinham bom coração. Suspirando, ela tirou o xale dos ombros e o pendurou nos pés da cama enquanto Augusto abaixava de novo as vidraças. Ela deitou-se primeiro. Augusto apagou a lamparina e permaneceu sentado na quase total escuridão, em silêncio. Ela sabia que ele estava rezando.

Rezando, não. Orando. Precisava pedir-lhe que a ensinasse a fazer isso também. Sem seu terço e suas rezas, ela se sentia perdida.

* * *

Os planos de Augusto saíram muito diferentes do que ele esperava.

A primeira parte foi bem. Ele montou um consultório em Botucatu, e Lurdinha o estreou tratando dos dentes da esposa do prefeito. Logo ficou estabelecida como uma dentista competente, e todas as senhoras da alta sociedade preferiam tratar-se com ela. Isto, ou eram seus maridos que preferiam sabê-las fechadas num gabinete com outra mulher. Assim, grande parte de sua clientela era feminina. Ainda constituía grande novidade ver uma mulher dentista. Apesar de tão jovem, Lurdinha, assistida pelo pai, era competente e dedicada. Logo tinha muitos pacientes e o trabalho começou a render.

Assim que se estabeleceram profissionalmente, Augusto levou Wanda para conhecer o gabinete e consultar um médico em Botucatu.

Quando desembarcaram na estação da estrada de ferro, ele a levou imediatamente à casa de Trajano, que morava no Bairro da Estação, pois ela parecia cansada. Colaquinha, obviamente grávida de novo, acolheu-a com muitas demonstrações de carinho. Augusto foi procurar Trajano enquanto as duas senhoras se dirigiam para dentro da casa.

Wanda tinha uma consulta marcada para o dia seguinte, bem de manhazinha. Augusto iria levá-la e de lá iriam ao gabinete. Wanda queria conhecer o lugar de trabalho do marido e da filha e principalmente ver Lurdinha em ação.

Agora, sentada ao lado de Colaquinha, tomando uma xícara de chá de erva cidreira e lambiscando uns biscoitos muito leves e saborosos, ela confidenciava à cunhada:

— Sabe, Colaquinha, estou um pouco preocupada com a consulta de amanhã. Sinto às vezes uma sensação muito esquisita no peito, e esta falta de ar está me amolando bastante.

Colaquinha, eternamente otimista, consolou-a como pôde:

— Ora, Wanda, aposto que não é nada. Mas é melhor um médico bom dizer-lhe isto, assim você se acalma. Precisa parar de trabalhar tanto. Sabe, com a idade a gente vai se cansando com mais facilidade.

— Olhe só quem fala! — riu Wanda, apontando a barriga volumosa da outra. — Cunhada, você ainda está em plena forma.

— Ah, não tenho escolha. É aquele cabelo vermelho de Trajano!

Agora as duas caíram na risada. Sempre haviam gozado aquela camaradagem que fora se fortificando ao longo dos anos. Mesmo os pequenos incidentes desagradáveis que às vezes ocorriam eram logo colocados de lado e esquecidos. Havia uma amizade muito verdadeira e muito fiel entre as duas. Conversaram mais algum tempo, pondo em dia as notícias, e depois Wanda foi deitar-se um pouco para descansar da viagem enquanto esperava Lurdinha voltar do trabalho. O casarão de Trajano e Colaquinha era tão amplo quanto o coração deles e abrigava muitas outras pessoas além da enorme família. Colaquinha regia aquele reino com destreza e segurança. Regia também com mão firme o marido, muito brincalhão e irrequieto.

Após o jantar que reuniu todos à volta da mesa, Trajano sentou-se ao piano e tocou valsas e chorinhos enquanto os filhos dançavam ou cantavam, conforme a música. Lurdinha deixou-se

ficar sentada perto da mãe. Era uma moça morena, esbelta, os cabelos negros, muito finos e lisos, cortados bem curtos. Havia puxado ao pai. Seu rosto sério mostrava duas covinhas um tanto incongruentes quando ela sorria. Assumira com naturalidade os encargos de uma profissão tão exigente quanto a odontologia. Wanda se orgulhava dela e isso transparecia no olhar que dirigia à filha enquanto ela contava algumas peripécias do seu dia de trabalho.

Sim, pensou Wanda, vai ser bom irmos morar aqui. Talvez consigamos trazer Seu Carrinho e Dona Ritinha também. As meninas terão escola, Lurdinha terá seu trabalho junto com Augusto, e até eu poderei me transferir e continuar lecionando. Aqui seus pensamentos deram uma reviravolta. Ou talvez não. E se eu parasse por uns tempos e ficasse só em casa? Pela primeira vez, a idéia de não ter um compromisso, um horário fora de casa, lhe parecia atraente. Mas sabia que sentiria muita falta dos alunos, de lecionar. Foi uma idéia inédita, mas passageira. Pelo menos naquela hora.

* * *

Augusto ficou aguardando na sala de espera enquanto Wanda entrava no consultório de um dos médicos mais afamados de Botucatu. Tentou permanecer sentado, mas não conseguiu. Sentia-se inquieto, agitado.

O médico demorou muito tempo. Auscultou o peito de Wanda em diversas posições, fez um bom número de perguntas, principalmente a respeito do histórico familiar. Ficou sabendo que o pai dela havia morrido do coração, e quis mais detalhes. Wanda contou tudo o que pôde.

Depois de terminado o exame, o médico, um senhor de olhar bondoso e paternal, fê-la sentar-se na poltrona que ficava defronte à sua escrivaninha e saiu para chamar Augusto. Eles ficaram lá fora alguns minutos, depois entraram juntos. Augusto trazia uma expressão inescrutável.

O médico ocupou sua cadeira em frente aos dois e falou, dirigindo-se à Wanda.

— Dona Wanda, já contei ao seu marido que temos um probleminha aqui.

Wanda voltou-se bruscamente para Augusto, mas nada pôde ler em seu rosto.

— Não é nada muito sério — continuou o médico, obrigando Wanda a voltar-se de novo para ele, — mas precisamos tomar certos cuidados. Detectei um sopro no seu coração. É por isso que tem sentido mais cansaço e falta de ar. Se seguir um ritmo mais moderado, deverá sentir-se bem melhor. Só que eu já disse ao seu marido que a mudança para cá está fora de cogitação, Dona Wanda. A altitude aqui seria a pior coisa para a senhora no momento. Pereiras, sendo em baixo da serra, é muito melhor.

Wanda teve a impressão de haver levado uma bordoadá no alto da cabeça. O que o médico realmente queria dizer? Ela sofria então do coração? Como o pai? O que esse diagnóstico significaria para sua vida dali para a frente?

Uma prece espontânea subiu-lhe do coração, desta vez diretamente a Deus. *Oh, meu Deus, o que será de mim? E do meu marido? E minhas filhas?*

* * *

Parecia a Wanda que aquele seria um ano de provações. A notícia de sua moléstia precipitou diversas decisões que afetaram toda a vida da família.

Augusto vendeu o gabinete em Botucatu, e Lurdinha mudou-se de volta a Pereiras, passando a trabalhar com o pai no gabinete montado ao lado da farmácia. Enquanto esteve morando lá, contudo, ela freqüentou a Igreja Presbiteriana da qual Coriolano era pastor, fazendo ali a sua profissão de fé.

Wanda e Augusto haviam conseguido convencer Dirce a ir estudar farmácia em Itapetininga. Era a profissão que a mocinha queria seguir, mas sem ter de deixar o lar da família. Acabou indo, mas muito a contragosto.

A saúde de Dona Ritinha estava cada vez mais precária. Wanda havia assumido a direção da casa, e a velha senhora pouco saía do quarto. Sua disposição, sua energia, seu ânimo faziam uma falta tremenda. O velho farmacêutico se desdobrava em cuidados com a esposa. Augusto andava meio macambúzio. Uma nuvem escura parecia cobrir a casa.

O que seria de nós se não soubéssemos que, apesar de todas estas coisas tristes, Deus é nosso Pai e cuida de nós? pensou Wanda certo dia em que tudo parecia dar errado. Era junho e um frio cinzento, penetrante recobria a cidade e enchia de melancolia os corações já abatidos dos adultos. A criançada ignorava tudo menos a possibilidade de encontrar alguma poça de água congelada e ver o vapor do próprio bafo desenhando-se diante de suas bocas.

Dona Ritinha havia piorado e Seu Carrinho nem fora trabalhar. Não arredara pé do lado da esposa. Wanda dava uma espiada lá dentro do quarto de quinze em quinze minutos. Agora Dona Ritinha parecia dormir tranqüila. Seu Carrinho, sentado numa cadeira ao lado da cama, tirava um cochilo.

A última conversa que tivera com a sogra voltou à mente de Wanda, enquanto olhava com carinho e saudade antecipada o rosto daquela que a acompanhara por tantos anos.

— Minha filha, acho que não vou durar muito mais. — Wanda quis interrompê-la com um gesto enérgico de negação, mas ela não permitiu. — Não, espere. Deixe-me falar o que estou pensando. A vida da gente dá muitas voltas, Wanda, mas sei que estou chegando a um ponto em que, apesar de amar tanto a todos vocês, estou mais perto do céu do que da terra.

Lágrimas subiram aos olhos de Wanda e teimaram em escorrer-lhe pelo rosto.

— Não quero entristecê-la, Wanda, mas precisamos enfrentar a realidade. Sabe, é estranho como a gente vai se desapegando das coisas. Antes eu tinha medo da morte. Mas a alegria e a paz que senti no dia em que Carrinho e eu declaramos em público que Jesus é o nosso único Salvador tiraram esse medo, e nunca mais me deixaram. Estou pronta para partir. Só sinto deixar Carrinho depois de tantos anos, mas sei que Jesus cuidará dele e logo estaremos juntos de novo. Vocês são moços ainda, e têm muita vida pela frente. Sei que não se esquecerão desta velha...

Wanda esboçou um gesto negativo, mas não conseguiu dizer nada, a garganta apertada pelo esforço de não soluçar abertamente. Dona Ritinha parecia ter adormecido, mas de repente continuou com voz mais forte:

— Tive um sonho esta noite que me parece mais real do que qualquer outra coisa. Sonhei que estava na presença de Deus e foi uma sensação maravilhosa, como quando a gente está morrendo de saudade de alguém e de repente a pessoa está ali, bem na nossa frente.

Ofegante, a velha senhora fechara novamente os olhos, vencida pelo cansaço.

Agora, vendo-a deitada ali, com aquela expressão de paz no rosto, Wanda sentiu o coração encher-se de gratidão: *Meu Deus, como é bom ter a certeza de que, quando ela morrer, estará mesmo junto de Ti. Se eu ainda pensasse que, ao morrer, ela iria para o purgatório, como seria insuportável o sofrimento!*

Deixando o quarto da doente na ponta dos pés, Wanda dirigiu-se à cozinha, onde encontrou Zefa enxugando os olhos. Ora, estavam precisando era de uma boa dose do bom humor e da energia de Dona Ritinha. Com ânimo renovado, Wanda comandou os preparativos para o almoço e afugentou aquele ar de tristeza que invadira toda a casa.

Dona Ritinha, contudo, morreu naquela mesma tarde, dormindo tranqüila nos braços do seu Senhor.

* * *

— Augusto, da próxima vez que Seu Coriolano vier aqui, quero conversar seriamente com ele a respeito da minha fé.

Augusto fitou o rosto da esposa e encontrou ali aquela expressão decidida que estivera ausente por algum tempo.

Desde a morte de Dona Ritinha, Wanda ficara como que perdida. A tristeza transparecia em seu rosto mesmo quando estava rindo. As pesadas vestes do luto que usava pela sogra a deixavam mais pálida e abatida.

Agora que chegara o verão, ela voltara a usar roupas mais claras e mais leves e seu rosto adquirira certo colorido e um tom bronzeado, resultantes das caminhadas que começara a dar todas as manhãs ao ar livre, seguindo a recomendação do médico. Tirava esse tempo para pensar, e ia quase sempre sozinha. Augusto a acompanhou algumas vezes no princípio, mas sentiu que ela precisava desses momentos a sós. Não que ela tivesse grandes segredos. Sempre contava ao marido o que estava pensando, as dúvidas que estava tentando resolver. Ele a ajudava como podia.

A grande questão para Wanda agora era declarar que sua fé era outra. Preferia não ter de partilhar aquilo com ninguém. Sentira-se confortável por algum tempo, como que encasulada no conhecimento que adquirira da pessoa de Deus e na certeza do amor e do propósito que Ele tinha para a vida de cada um daqueles que aceitavam tornar-se Seus filhos. Enxergava toda a trajetória que fizera, desde o início de sua busca de um Deus diferente daquele que sempre lhe fora apresentado. De repente, apesar das últimas dificuldades com algumas pessoas da cidade, parecia que tudo se encaixava, pois sentia que era parte de um plano grandioso. E por isso mesmo tomara uma decisão.

— Tenho pensado muito sobre aquilo que Seu Coriolano explicou quando falou da necessidade de declarar a fé. Acho que eu estava com um pouco de medo de tomar uma posição, mas agora sinto que preciso fazer isso. A minha vida mudou demais. Já não posso continuar indo à missa. É hipocrisia da minha parte. E se eu deixar de ir, todo mundo vai ficar sabendo o que estou pensando.

Augusto fitou-a longamente. *Essa luz nos olhos dela é recente, pensou, mas é a coisa mais autêntica que já vi.* Achava que conhecia a esposa em todas as suas facetas. Sempre haviam sido muito amigos, muito companheiros. As poucas rusgas que tiveram nunca haviam perdurado.

Mas agora, ele pressentia que entravam numa era de maior comunhão, unidos pela fé que crescia em seus corações.

Wanda sentiu-se enlaçada num abraço apertado e recostou contra o peito do marido, descansando a cabeça em seu ombro. Ele falou por sobre os cabelos dela, quase sussurrando:

— Falaremos com Coriolano. Quando você estiver pronta, faremos um culto aqui para você professar sua fé. Está disposta a enfrentar as críticas e o afastamento de algumas pessoas, até dos nossos próprios parentes?

Wanda afastou-se um pouquinho, muito séria.

— Sim, Augusto. Não estou tomando uma decisão precipitada. Tenho pensado muito sobre tudo isto. Mas sei que já não posso me calar sobre o que encontrei. Quero levar quantas pessoas puder a Jesus — Mamãe, minhas tias, Gilda, minhas colegas. Sei que não vai ser fácil, mas preciso fazer isso.

Não seria fácil. Mas ela nem mesmo podia supor quanta oposição enfrentaria!

CAPÍTULO 15

A IGREJA QUE ESTÁ EM SUA CASA

— Wanda, vocês vão fazer aquela reunião depois do almoço de novo?

Era uma tarde de sábado. Na cozinha, um aventalão cobrindo o vestido de linho rosa, Wanda tinha as faces coradas pelo calor que vinha do fogão, sobre o qual ferviam duas panelas. Era sua agora a tarefa de preparar as sobremesas do almoço de domingo, que geralmente reunia diversas pessoas da família, além dos da casa. Dona Mila, que fizera a pergunta, era hóspede costumeira, uma hóspede bem-vinda, que nunca chegava com as mãos abanando. Uma das sobremesas servidas sempre vinha da cozinha dela.

-- Sim, Mamãe. E eu gostaria muito que um dia destes a senhora ficasse para estudar a Bíblia conosco.

Dona Mila abanou energicamente a cabeça, mas não disse nada. Não queria magoar a filha nem o genro. Apreciava e respeitava muito Augusto. Havia ainda Seu Carrinho. Eram todos queridos, mas não podia juntar-se a eles. Estavam indo por um caminho muito perigoso. Sabia que o protestantismo era um movimento que já vinha se alastrando por algum tempo, mas nunca pensou que viesse a atingir sua própria família.

Chegavam a Pereiras rumores de congregações se formando em quase todas as cidadezinhas da redondeza. Sabia que em São Paulo havia até um colégio protestante, fundado por americanos. Seu Coriolano mesmo disse que havia estudado lá quando mocinho. Apesar da oposição da igreja tradicional, famílias inteiras estavam deixando suas fileiras e aderindo ao novo movimento. Dona Mila não se preocupava muito com essas coisas, mas nunca pensou que algum conhecido fosse deixar-se levar por idéias hereges. Nem mesmo queria estar por perto quando eles começavam a falar de religião, mas era muita falta de educação levantar-se e sair todas as vezes que aquilo acontecia. Eles sabiam como ela se sentia, e procuravam respeitá-la, mas ainda assim havia muita conversa que ela já não podia evitar.

Uma dessas, que mais a perturbava, era aquela história de rezarem antes das refeições. Ela achava uma falta de respeito a maneira como falavam com Deus como se Ele fosse um amigo normal. Só faltava darem bom-dia!

Agora tinham dado de fazer uma reunião após o almoço de domingo. E quem assumia o comando era Lurdinha! A mocinha havia freqüentado o que eles chamavam de "escola dominical" na igreja de Botucatu, e agora se arvorava em professora. Mesmo em pensamentos, Dona Mila se corrigiu. Bem que Lurdinha procurara se esquivar àquele papel, mas como era a única que já estudara um pouco mais, foi constituída dirigente, mesmo que meio constrangida.

Apesar de tudo, Dona Mila não podia deixar de sentir certa curiosidade a respeito do que tanto falavam. Percebia algo de novo na vida de todos, principalmente na da filha. A serenidade com que enfrentara os problemas daquele último ano fora notável. Com muita sabedoria e carinho, atendia a Seu Carrinho que, coitado, ficou totalmente perdido sem a companhia de tantos anos. Dava dó vê-lo perambulando pela casa, um ar absorto, tristonho. Muitas vezes ele se havia pego saindo à procura da esposa apenas para lembrar-se logo em seguida que ela já não estava ali. Ficava então murchinho, abatido! As mãos cada vez mais trêmulas obrigavam o farmacêutico a deixar aos poucos suas atividades normais. Erasmo, casado com Antonieta, filha de Trajano, ajudava-o na farmácia, e no momento estava assumindo a maior parte do trabalho até Dirce se formar e vir ocupar seu lugar no negócio da família.

Wanda e as meninas haviam deixado de freqüentar a missa, e isso era muito comentado na cidade. Havia bastante oposição por parte do padre, que avisava os fiéis a não se deixarem contaminar e principalmente não freqüentarem as reuniões que ocorriam na casa do dentista. Entretanto, como a família toda era muito querida, havia sempre algumas pessoas de fora que aceitavam seus convites e compareciam. E, dentre elas, algumas estavam freqüentando as reuniões com regularidade, inclusive Alzira, esposa de Seu Júlio Salvetti, que também trabalhava na farmácia.

Depois do almoço de domingo, as cadeiras da copa eram levadas à sala grande, e sentavam-se todos num círculo. Se não houvesse algum pastor ou pregador de fora, Lurdinha assumia o estudo. Cantavam-se hinos, eram lidas algumas passagens bíblicas, e a mocinha, usando material que trouxera de Botucatu, e mais outros materiais que o próprio Seu Coriolano havia fornecido, conduzia uma aula de estudo bíblico. Todos faziam comentários e participavam ativamente das lições.

Dentro de Wanda vinha se fortalecendo cada vez mais o ardente desejo de levar a mãe a crer em Jesus como o único Salvador. Doía-lhe o coração, quando ia visitá-la, ver imagens por todo canto da casa, quadros de santos pelas paredes. Wanda tentara diversas vezes conversar com ela sobre isso, mas Dona Mila dava sempre um jeito de desviar o assunto e ela não insistia. Esperaria a hora certa. Enquanto isso, deixava a grande Bíblia que ganhara de Seu Coriolano sobre a mesinha redonda que ficava no canto da sala, aberta no livro de Êxodo, capítulo 20. Se por acaso algum dia Dona Mila batesse os olhos na página...

* * *

— Wanda! Acuda, Wanda!

Da copa onde, sentada à mesa de jantar, passava as notas dos alunos num livro grande, Wanda se assustou ao ouviu a voz da Zica, sua cunhada, gritando por ela enquanto embarafustava pela casa. Zica era casada com Nicanor, irmão de Wanda, e o casal morava com Dona Mila. O que podia ter acontecido?

Levantando-se às pressas, Wanda quase entornou o tinteiro de tinta vermelha. Se não se tivesse detido para endireitá-lo, teria trombado com uma Zica esbaforida e de olhos arregalados à porta da copa. A expressão da mulher era uma testemunha eloqüente de que algo extraordinário acontecera. O coração de Wanda deu um salto e disparou a bater com força.

— Zica, o que foi? Vamos, diga!

Zica, levando a mão ao peito, tentava se acalmar. Vendo que ainda teria de esperar um pouco, Wanda correu à cozinha e voltou de lá com um copo de água com açúcar que fez a cunhada beber. Zefa, desconfiada, ficou espiando lá da porta. Não havia mais ninguém em casa. Quando conseguiu falar, Zica perguntou

— Wanda, o que aconteceu hoje aqui para deixar Dona Mila daquele jeito?

— Aqui? Do que você está falando? Mamãe nem esteve aqui hoje! E de que jeito ela está? Vamos, fale logo!

Zica puxou o fôlego fundo para se acalmar.

-- Dona Mila saiu hoje cedo, ali pelas nove horas, dizendo que vinha aqui trazer um vestidinho que acabou de bordar para Ruth.

Não teria sido difícil alguém entrar e sair sem ser visto, pensou Wanda. A porta da frente fica aberta no tempo de calor.

Zica continuou.

-- Pois é, ela voltou pouco depois, que nem uma louca. Começou a puxar e a arrancar os quadros das paredes. Eu fiquei gritando com ela para não fazer isso, que era desrespeito com os santos, mas ela não me deu atenção. Ficava só falando qualquer coisa de imagem. Aí, pegou uma caixa grande e foi puxando para dentro dela todas as imagens que tinha dentro de casa. Foi então que vi que ela tinha perdido o juízo. Parece que ela enlouqueceu, Wanda! O que vamos fazer?

Ao lembrar-se daquela cena, Zica, que já estava ficando mais calma, arregalou novamente os olhos, fitando a cunhada com ar de horror. A voz de Wanda, calma e firme, não deixou transparecer o tremor que sentia por dentro:

-- Vamos voltar lá, Zica. Se Mamãe não está boa, não pode ficar sozinha.

Saíram as duas pela rua, Wanda caminhando com passos rápidos, Zica esforçando-se para acompanhá-la, apesar de ter as pernas moles de cansaço e susto. Agora que Wanda assumira o comando da situação, ela podia dar-se ao luxo de pensar melhor e começou a se acalmar.

— Wanda, o que será que deu em sua mãe?

— Não tenho a menor idéia, Zica.

A apreensão fê-la apressar mais ainda os passos, deixando Zica para trás.

Entrando na casa, Wanda deparou-se imediatamente com as paredes vazias, o lugar onde haviam estado pendurados os quadros delineados por leves marcas na tinta branca. Também o nicho onde ficava a imagem da Virgem Maria estava vazio. *Será que Mamãe perdeu o juízo mesmo?* pensou Wanda. Zica indicou com a cabeça a porta do quarto que dava para o corredor e foi para a cozinha. Saberia o que havia acontecido depois. No momento, queria ficar longe daquela Dona Mila de quem ela tanto gostava mas que nesse dia lembrava uma louca furiosa.

Wanda bateu de leve na porta fechada do quarto. Não houve resposta. Ela bateu com um pouco mais de força e, girando a maçaneta, abriu uma fresta e espiou lá dentro.

Dona Mila, sentada na cama, braços cerrados à frente do corpo, olhos fitos no céu que se descortinava pela janela aberta, voltou-se quando ouviu a filha entrar.

— Mamãe, a senhora está bem? — perguntou Wanda.

A Dona Mila que a fitou tinha os olhos úmidos de lágrimas e uma expressão distante mas lúcida no rosto. Wanda suspirou aliviada.

Como a mãe nada dissesse, ela continuou:

— O que aconteceu aqui que deixou Zica tão assustada?

Dona Mila ergueu-se para cumprimentá-la.

— Zica foi atrás de você? — perguntou enquanto abraçava e beijava a filha.

Wanda fez que sim com a cabeça e acrescentou:

— Ela chegou lá em casa muito assustada. Disse que a senhora...

— Ela tinha razão de estar assustada — interrompeu Dona Mila. — Até eu ainda estou, de certa forma.

Wanda começava a perder a paciência.

— Mas, afinal, Mamãe, o que foi?

Antes de responder, Dona Mila sentou-se na beirada da cama e fez com que Wanda se sentasse ao seu lado.

— Wanda, há um bom tempo eu queria conversar com você. Sei que muitas vezes você me procurou para falar de religião mas sempre me esquivei. Não podia evitar o que estava acontecendo na sua casa, mas não ia deixar que me envolvessem também nessa loucura.

Dona Mila interrompeu-se por instantes. Como Wanda nada dissesse, ela continuou:

— Apesar de tudo, não pude deixar de ouvir algumas coisas do que vocês diziam, coisas essas que me perturbavam bastante. Notei que você tinha tirado todos os quadros de santos da sua casa e sabia que isso era resultado da sua nova religião. Achei que era o maior desrespeito, e que confirmava tudo o que o padre vinha avisando há algum tempo. Entretanto, fui notando que vocês sempre se referiam ao que a Bíblia dizia. Ora, eu sei e sempre soube que a Bíblia é o nosso livro sagrado, a Palavra de Deus. Então, se estavam preocupados em fazer o que estava escrito ali, por que isso era errado? Eu só podia concluir que não entendiam direito o que liam, e estavam enganados. Sempre ouvi dizer que era esse o perigo de qualquer pessoa começar a ler a Bíblia e interpretá-la por conta própria. É a causa de muita heresia.

Wanda continuava em silêncio, apenas fitando intensamente a mãe. Começava a ter um pressentimento do que a mãe estava falando, mas queria certificar-se antes de permitir que a alegria lhe inundasse o coração. Apenas encorajou:

— Continue, Mamãe.

— Bem, hoje de manhã estive na sua casa. Fui levar um vestidinho que acabei de bordar para Ruth. Quando vi que estava ocupada em seu quarto, resolvi deixá-lo com Zefa e roubar um golinho de café. Ao passar de novo pela sala, dei com aquela Bíblia sempre aberta sobre a mesinha. Palavra que eu nem queria lê-la, mas alguma coisa me impeliu até lá. As palavras que apareciam logo após o número 20 me prenderam a atenção. Diziam ser as palavras do próprio Deus. Senti certo tremor em pensar que estava lendo algo que Deus falara. Sem querer, meus olhos saltaram para a palavra "imagem" que aparecia um pouco depois. E aí, então, o que li soou como uma voz falando diretamente comigo: "Não farás para ti imagem de escultura." Continuei lendo e me apavorei. Não era nenhuma coisa difícil de entender. Estava bem claro!

Dona Mila, agitada, levantou-se e puxou uma caixa de baixo da cama:

— Veja aqui. Imagens. Quadros. Tirei tudo da minha casa! Não sei bem o que está acontecendo, mas entendi que estas coisas desagradam a Deus.

Wanda deixou-se invadir pelo gozo que começava a inundá-la. Com voz embargada, falou:

— Oh, Mamãe, é isto que venho tentando dizer-lhe há meses. Tenho pedido muito a Deus que a senhora se juntasse a nós. Não é só por querer ter mais uma pessoa ao nosso lado, não. É que a amo tanto, e queria que conhecesse a alegria que hoje tenho dentro de mim.

-- Wanda, não estou dizendo que mudei de religião. Apenas preciso pensar mais sobre certas coisas. Agora, isto aqui — e apontou com o pé a caixa — está bem claro para mim. É errado mesmo. Preciso perguntar ao padre por que motivo temos imagens na igreja e nas casas. Ele deve ter uma resposta.

Wanda não insistiu. A mãe precisaria de mais tempo. Talvez fosse dela que tivesse puxado sua natureza inquisitiva. Não adiantava querer forçar coisa alguma. Dona Mila viria a Jesus no tempo de Deus.

* * *

No domingo seguinte, Wanda e Augusto arrumavam as cadeiras em círculo para a reunião costumeira após o almoço quando Dona Mila se aproximou. Certa de que a mãe vinha despedir-se, Wanda estranhou quando viu que ela tinha um bordado na mão.

— Onde posso me sentar que não vá atrapalhar? — perguntou Dona Mila.

Wanda e Augusto trocaram um olhar rápido, mas fizeram de conta que aquilo era a coisa mais natural do mundo.

— Sente-se ali no canto, Dona Mila. Ficará mais perto da luz — sugeriu Augusto pressuroso.

Dona Mila aceitou a sugestão e instalou-se na sua poltrona favorita para sua primeira lição de estudo bíblico. A mestra foi a neta mais velha, que levou um grande susto quando deu com a avó sentada ali.

Alguns domingos depois, enquanto a pequena congregação entoava um dos hinos favoritos de Seu Carrinho: "Oh, vinde a mim, ao vosso eterno Pai", Dona Mila rendeu-se a Jesus com a simplicidade de uma criança saudosa de seu pai.

* * *

As reuniões foram ficando cada vez mais concorridas. Em uma das visitas de Seu Coriolano, Wanda falou com ele em particular. Seu Coriolano, sempre aberto, respondeu com muito respeito às perguntas que lhe foram feitas. Admirava sem conta aquela mulher. Sabia de sua grande influência na pequena cidade onde conquistara tantos corações. Seu coração de missionário evangelista se regozijava com a conversão dela. *Agora que Dona Wanda aceitou a Jesus, pensava ele, ganharemos Pereiras toda para Ele. Só falta ela declarar publicamente a sua fé.*

Era precisamente a respeito disso que Wanda queria conversar.

— Sabe, Seu Coriolano, venho sentindo certa pressão para fazer a minha profissão de fé. Coriolano, cauteloso, sondou-a um pouco mais.

— Dona Wanda, isso é uma coisa que devemos fazer de livre e espontânea vontade.

Augusto a está pressionando?

Wanda caiu na risada e meneou a cabeça:

— Ah, não, não é isso. Augusto nunca me pressionou. Mas é alguma coisa aqui dentro de mim. Sei que tenho hesitado em assumir essa posição diante de todos, mas sei também que Deus quer isso de mim. E não posso entristecer-Lo, deixando de afirmar diante de todos o que Ele fez por mim.

— Dona Wanda, qual foi a experiência mais marcante da sua conversão?

Aqui o rosto de Wanda assumiu um ar pensativo. Era como se ela estivesse pensando se trazia à luz algo muito precioso que estava enterrado bem fundo de sua alma.

-- Seu Coriolano, venho buscando este Deus que hoje conheço como meu Pai toda a minha vida. Entretanto, quando Papai morreu, senti que fiquei duplamente órfã. Eu ouvia falar de Deus, mas era um Deus tão distante, tão inacessível! Ninguém se atrevia a conversar diretamente com Ele. Pelo que me ensinavam, Ele parecia mais um juiz severo, sempre querendo me castigar, precisando ser constantemente aplacado. Eu sabia que era pecadora, que merecia o inferno. E isso me enchia de terror. Rezava furiosamente todos os dias, seguia todo o ritual da igreja, mas nunca senti verdadeira paz. Um dia, vi morrer a filha de Aninha. Havia muita tristeza, é claro, mas percebi em Aninha aquela paz que eu tanto buscava. A morte da menina foi linda, mas achei que o anjinho, inocente como era, não tinha noção do que acontecia e por isso morreu cantando que ia para o céu. Mas a mãe...

Wanda calou-se por uns instantes, rememorando as emoções daquele dia.

— E o que pensa agora? — perguntou o pastor.

— Vi em Aninha algo que sempre desejei sentir, Seu Coriolano. Sei que sou pecadora. É a condição natural de todo ser humano. Mas sei também que Deus, por amor — ela enfatizou a palavra *amor* — pois Ele é amor, enviou Seu Filho para nos salvar da condenação. Só precisamos crer nEle. A princípio, isso parecia fácil demais. Eu já acreditava em Jesus como Filho de Deus. Mas pensava que tinha também de fazer a minha parte para poder receber a salvação. Mas quanto seria suficiente? E se eu não fizesse tudo o que era necessário?

— Dona Wanda, Deus está perto daqueles que O buscam de todo o coração. Ele veio ao seu encontro...

— ...num livro de capa preta — lembrou Wanda. Abanando a cabeça com incredulidade, ela acrescentou: — Como fugi dele! O que eu vinha procurando há tanto tempo estava bem ali, mas eu não queria mudar. A vida estava muito boa, muito confortável. E eu pressentia que aquele livro iria mudar tudo.

— Como, de fato, mudou, não é mesmo?

— Sabe, Seu Coriolano, tenho de contar-lhe uma coisa. Não foi fácil, não está sendo fácil. Tenho colegas que fogem de mim, alunos que me olham com hostilidade. Sei que nada podem fazer, mas se pudessem, talvez me botassem para fora da escola. Sou agora uma estranha entre muitas pessoas que me queriam bem. Nem todas. Nem mesmo muitas. A maioria delas finge não saber de nada. Algumas me fazem perguntas e respondo sempre a verdade. Sei que o padre está implicando muito com as nossas reuniões, e Augusto já teve uns arranca-rabos com ele.

Seu Coriolano espantou-se.

— Augusto?

— É, Augusto. Ele parece muito manso, mas não deixa passar nada mal explicado perto dele sem dar sua opinião. Nisso ele é intransigente. Mas, o que eu queria era marcar com o senhor um dia para que eu, Mamãe e Dirce possamos fazer profissão de fé.

Lembrando-se da tristeza que vira no semblante dela no dia em que Augusto e Matias Pires haviam alugado o salão do cinema para o mesmo evento, Coriolano brincou:

— Quem diria, ein, Dona Wanda? As lágrimas que a senhora chorou no dia em que Augusto fez sua profissão devem ter sido muito preciosas diante de Deus.

— Não sei, não. Acho que eu chorava mais por mim mesma, pelas mudanças que estavam ocorrendo em nossas vidas. Augusto, sim, foi corajoso. A atitude dele me influenciou muito. Quietamente como sempre, ele me surpreendeu com sua firmeza. Eu me senti separada dele, como se tivesse sido colocada de lado. Como Deus é misericordioso! Hoje estamos juntos novamente, mas com uma comunhão que jamais tivemos antes. A certeza do amor de Deus colocou toda a nossa vida em outra perspectiva. Sonho com o dia em que toda a família esteja reunida aos pés do Salvador.

— E aquele seu irmão a quem a senhora enviou uma Bíblia?

Wanda meneou a cabeça com uma expressão de pesar.

— Não adiantou nada, Seu Coriolano. Ele nem quis ler. Simplesmente queimou-a. Disse que não queria livro de protestante em sua casa.

— É uma pena, Dona Wanda, que essa mentalidade da igreja esteja privando o nosso povo de ler a Palavra de Deus. Mas não fique triste. A misericórdia de Deus é grandiosa, e todos que O buscarem de coração O encontrarão.

EU E A MINHA CASA

Era o último dia de 1927. O céu claro, muito azul, prenunciava o calor veranil que chegaria em cheio no meio da tarde.

Na cozinha, grande azáfama. A casa estava cheia pois alguns convidados haviam chegado cedo. Zefa arrumara mais duas ajudantes para preparar os quitutes que seriam servidos após o culto especial daquela noite. Aromas apetitosos flutuavam pelo ar, prenúncio de uma ceia deliciosa.

Augusto fora especialmente ao jardim de Dona Ritinha para colher um buquê de rosas brancas, algumas já abertas, enormes, algumas ainda em botão. Dirce, recém-formada em farmácia aos dezesseis anos de idade, arrumara as flores num vaso alto de cristal e o colocara sobre o bufê que ficava contra a parede do fundo.

Lurdinha aprontava Ruth enquanto Dirce não vinha cuidar da menina que era o seu xodó. A grande saudade que sentira da família enquanto morara fora se traduzia em cuidados desdobrados por todos eles, especialmente pela mãe.

Seu Coriolano trouxera os filhos para cantar alguns hinos a quatro vozes. Ele chegara mais cedo e agora estava trancado no quarto, lendo suas anotações e meditando. Havia examinado as candidatas a profissão de fé: Dona Mila, Dona Wanda e Dirce. Comovia-o estranhamente a fé daquelas três gerações de mulheres. Como era grande a bondade de Deus ao alcançar todas aquelas vidas!

Os outros convidados começaram a chegar no final da tarde. Seu Matias e Dona Aninha, num trole lotado de crianças, vieram do sítio. Agora estavam todos se aprontando para a reunião vespertina.

Augusto, um tanto preocupado com todo aquele movimento, saiu à procura da esposa. Notara que ela parecia um tanto cansada.

Encontrou-a no quarto, vestida, sentada muito ereta em sua cadeira de balanço. Trajava aquele vestido de palha de seda de que ele tanto gostava. Uma gola de crochê arrematava o decote raso. A farta cabeleira, empilhada no alto da cabeça num coque arredondado, dava-lhe como que uma auréola. Sem poder se conter, Augusto brincou:

-- Nossa, Wanda, você está parecendo uma santa, de auréola e tudo.

Ela sorriu de leve, os pensamentos longe dali. Augusto se aproximou e tomou-lhe as mãos, obrigando-a a encará-lo.

— Está tudo bem? — perguntou ele inquieto.

— Oh, sim, Augusto. Está tudo bem. Eu só estava pensando em como a nossa vida mudou ultimamente. Não faz tanto tempo assim que eu estava chorando porque você estava fazendo sua profissão de fé. Pensei que o nosso casamento iria sofrer, que estaríamos separados para sempre por nossas crenças. E por algum tempo foi assim.

Augusto esboçou um gesto de protesto mas ela continuou, sem deixá-lo falar:

— Foi, sim. Você já não conversava quase comigo. Sei que eu parecia intransigente, mas estava apavorada. Não queria que nada mudasse entre nós nem na nossa família. Estava tudo tão bom como estava!

— Só que agora está melhor ainda, não é?

— Verdade. Mas quando eu poderia imaginar tudo o que aconteceu? Os caminhos de Deus são mesmo insondáveis.

Os dois ficaram em silêncio por alguns momentos, ouvindo o chiado de cigarras vindo da rua. Ao longe, sons de vozes, passos, e muito no fundo, o retinir de pratos e talheres. Uma grande paz parecia envolver o casal. O amor que agora os unia era maior e mais profundo - união de alma, de espírito, bem como de corpo.

* * *

O ruído distante de pés meio arrastados, vozes abafadas, uma risadinha nervosa aqui, um psiu mais alto ali se aproximava lenta mas inexoravelmente pela rua mal iluminada. A escuridão da noite abafada desabara sobre a casa e pesava sobre as pessoas reunidas na sala. Eram oito horas da noite.

A mesinha disposta entre a porta de entrada e a grande janela que dava para a varanda servia de apoio ao livro de capa preta. Ao lado dela, em pé, ereto, o Reverendo Coriolano corria os olhos pelo aposento como que alheio ao ruído surdo de passos no lado de fora.

Sentado ali perto, Augusto procurou com os olhos a face da esposa, que se encontrava do outro lado da sala, mas ela tinha os seus fixos na janela aberta, por onde entrava mais claramente o barulho de fora. De repente, ela fitou o marido, uma expressão perplexa e magoada no olhar. Ele quase podia ler-lhe os pensamentos: "Por que? Por que, Augusto? São os nossos amigos aí fora!"

A custo, Wanda se mantinha sentada agora que as vozes eram quase inteligíveis. Reconhecia o som de vozes infantis. Provavelmente alguns dos seus alunos estariam no meio do grupo...talvez os pais...talvez até colegas. Como saber?

Com um sobressalto, ela viu o pregador apanhar o livro da mesinha e dirigir-se à janela por onde entrava o barulho. Um ajuntamento amorfo de crianças e adultos chegara à frente da casa e permanecia ali, hesitante, sem saber o que fazer.

A voz sonora, levemente anasalada do pregador ressoou pelo aposento de modo a ser claramente ouvida no lado de fora. "Vamos ler agora a Palavra de Deus." As mãos que seguravam com firmeza o livro não tremiam. A expressão serena que trazia no rosto e o tom tranqüilo com que começou a ler foram como um bálsamo suave derramado sobre os ouvintes sequiosos, atentos, e agora meio apavorados.

Aos poucos, fez-se grande silêncio na rua.

— "Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de ti somos entregues à morte todos os dias; fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou. Pois estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor."

O pregador fechou o livro, e fitando as pessoas que o ouviam, falou:

— É esse Jesus, o Filho unigênito de Deus, que vocês escolheram seguir. Ele já nos avisou que, por causa Dele, enfrentaremos muitas dificuldades, que já estão começando. Por isso o que está acontecendo não é inesperado. Mas Ele disse também que não devemos desanimar, pois Ele venceu o mundo. E sabemos que nada, nada no mundo, pode nos separar do amor de Deus que temos em Seu Filho.

Dificuldades, sim. Mas nada que o fato de eu ter finalmente encontrado meu Pai não compense, pensou Wanda, sentindo-se inundada por cálida gratidão.

O pregador voltou-se agora, e fitando-a diretamente, falou:

— Temos hoje três pessoas que desejam declarar publicamente que Jesus é o seu Salvador e seu Senhor. São três gerações de mulheres de fé: Dona Mila, Dona Wanda e Dirce.

A um sinal, levantaram-se três mulheres: Maria Emília, os cabelos já prateados, o rosto sulcado por rugas, a expressão séria; Wanda, a pesada cabeleira castanho-acobreada na qual reluziam uns poucos fios brancos, o semblante tranqüilo, os olhos brilhantes; Dirce, mocinha de cabelos ondulados e grandes olhos castanho-esverdeados, muito emocionada ao lado da mãe e da avó. As três se colocaram diante do pregador e, respondendo às perguntas tradicionais, afirmaram crer em Jesus como seu Salvador e Senhor. Ao curvar a cabeça e fechar os olhos para a oração final, Wanda elevou fervorosamente ao trono de Deus todos os presentes, pedindo que Deus lhes desse forças para viver sua fé e levar a mensagem de salvação que haviam recebido aos parentes e amigos que residiam ali na pequena cidade de Pereiras.

Quando cessaram as palavras da oração, ouviu-se o som de uma pedra caindo sobre a calçada, solta pela mão que a segurava; depois outra, e mais outra. Não haveria o gesto agressivo que era esperado naquela noite. O pequeno monte que ficou para trás quando as pessoas se dispersaram era um monumento vívido da ineficácia da estratégia paroquial para evitar que o movimento evangelístico se espalhasse. Logo voltou a reinar um silêncio absoluto na rua. Uma poderosa prece de gratidão e louvor elevou-se dos corações presentes rumo aos céus. Com fervor especial, do coração de Wanda.

Pai, como Te sou grata pelo Teu obstinado amor, que não me abandonou durante todos estes anos em que Te procurei sem Te conhecer, em que fiz tantas coisas pensando Te agradar e merecer o Teu amor. Obrigada, querido Pai, porque agora sei que tu me amas e me deste a salvação em Teu Filho Jesus. Em nome Dele é que tudo Te agradeço. Amém.

Wanda endireitou-se, o rosto iluminado por um gozo íntimo que a lembrança da cena da calçada não apagou. A voz era alegre quando dirigiu-se a todos os presentes:

— Vamos passar à sala de jantar que a Zefa preparou alguns quitutes para celebrarmos esta noite.

Os convidados emitiram sons de apreciação. Estavam bem familiarizados com os dotes culinários de Nhá Zefa. Dirce e Lurdinha já estavam lá, arranjando grandes jarras de limonada e refresco de groselha sobre a mesa, dispondo-se a servir os amigos.

Ao passar à outra sala, Wanda olhou ao seu redor, o coração transbordando de gozo. Não estava sozinha. Que privilégio! Ali estavam o marido, o sogro que era um pai para ela, a mãe, alguns amigos, as filhas.

As palavras que lera logo antes do jantar vieram-lhe à mente com tanta clareza como se alguém as estivesse repetindo audivelmente:

"A minha alma encontra descanso somente em Deus; dele vem a minha salvação. Só ele é a minha rocha e salvação; ele é a minha defesa, jamais serei abalado."

Wanda sabia que sua caminhada, começada tantos anos antes, a trouxera àquele exato momento. E nada, nem mesmo a hostilidade de pessoas a quem queria bem, a faria retroceder ou abandonar a fé que abraçara. Um novo dia raiara em sua vida, e, embora ninguém pudesse prever o que ele traria, ela estava certa de que aquele era o dia do Senhor.

Com animada determinação, ela pôs-se a servir os convidados.

* * *

"Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor... Com alegria saireis, e em paz sereis guiados; os montes e os outeiros exclamarão de prazer perante a vossa face, e todas as árvores do campo baterão palmas... Isto será para renome do Senhor, por sinal eterno, que nunca se apagará" (Isaías 55: 8, 12, 13b).

Os planos de Deus nem sempre coincidem com os nossos, mesmo os planos feitos para levar as boas novas do Seu amor aos que ainda não o conhecem. Aquilo que o Reverendo Coriolano tinha em mente para a pequena e incipiente congregação tomou um rumo muito diverso do que ele havia imaginado.

Wanda, a questionadora, que nos planos do pastor seria a sua forte aliada na propagação do evangelho ao resto da pequena cidade, faleceu cinco meses após ter professado sua fé, vitimada pela moléstia cardíaca de que sofria. Sua morte causou grande impacto em todos que a conheciam, mas para a família, foi um golpe pungente, profundamente doloroso. Augusto, estonteado pela dor, da qual nunca se recuperaria, permaneceu ainda em Pereiras até a morte do pai, quando então se mudou para Botucatu.

Todavia, a congregação que ali deixaram não morreu, mas continuou crescendo, pastoreada ao longo dos anos por outros dedicados pastores evangelistas. *A Folha de Conchas*, de 1949-50, num artigo de Paulo Fraletti intitulado "História de Pereiras", relata que em 6 de maio de 1942, a congregação presbiterial ali existente foi filiada ao presbitério de Itapetininga, e em 1944 contava com trinta e oito membros comungantes.

Hoje, um século após o início desta história, filhas, netos e tataranetos de Wanda e Augusto, espalhados por todo o estado de São Paulo, continuam a corrida que o casal iniciou, passando o bastão da fé evangélica a cada nova geração, e usufruindo as bênçãos prometidas por Deus a milhares de gerações daqueles que O amam e guardam os Seus preceitos.